

Primícias da Minha Seara



MÁRIO BARRETO FRANÇA

P
d

Primícias da Minha Seara

(FLORILÉGIO)

MÁRIO BARRETO FRANÇA

Amor
[Handwritten signature]



3ª edição

Todos os direitos reservados. Copyright © 1984 da Junta de Educação Religiosa e Publicações.

B869.1

Fra-Pri França, Mário Barreto

Primícias da minha seara. 3ª edição. Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1984.

273 p.

I. Poesias evangélicas.

CDD — B869.1

Capa de: Nilcéa Cardoso Pinheiro
Fotografia de: Renato Grimm

Código para Pedidos: 27.622
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — CEP: 20001
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP: 21370
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso em gráficas próprias.

OFERENDA

*Como todos aqueles que saíram, um dia, com suor e lágrimas,
para a bendita tarefa da semeadura, volto agora, recompensado
e sorrindo, trazendo sobre os ombros os meus molhos...*

São as primícias da minha seara.

*Trago-as como piedosa oferenda Àquele que, nas horas boas
ou más, nos momentos tristes ou venturosos, tem sido o meu
Guia, o meu Mestre, o meu Senhor e o meu Amparo...*

*Que elas, pois, no templo do Amor e no altar da Fé, sejam o
incenso suave de minha gratidão e a delicada harmonia do meu
louvor!*

ÍNDICE

Oferenda	3
Apresentação	5
Do Livro — NO JARDIM DO SENHOR	
As Duas Estrelas	13
Último Combate	15
O Cego de Jericó	19
O Beijo de Judas	23
Dentro da Vida	27
Natal	29
Jesus na Praia	31
Doce Perdão	33
Comelho	35
Meditação	37
Do Livro — SOB OS CÉUS DA PALESTINA	
Meu Brasil	41
Minha Pátria Celeste	45
Amor de Mãe	47
Sublime Sacrifício	55
O Herói de Abetaia	59
Andando Sobre o Mar	63

Ninguém Jamais Falou Assim	67
A Eloquência da Justiça	69
A Canção do Natal	73
Meus Dias de Menino	75
A Humanidade Passa	77
Primavera Celeste	79
Brasil Sonhado	81
Ser Crente	83
Mãe	85
Uma Grande Missão	87
A Cruz	89
O Exemplo de Salomão	91

Do Livro — O LOUVOR DOS HUMILDES

Três Heróis Brasileiros	95
Gesto Heróico	99
Lágrimas em Vez de Sangue	103
As Duas Taças	107
O Beijo da Redenção	113
No Getsêmane	119
A Oportunidade de Zaqueu	125
Os Estatutos de Deus	129
Creio em Ti, Mocidade!	135
Ensina-me a Viver!	139
Noite de Paz	141
Suprema Decisão	143
Legítima Vitória	145
Sábio Julgamento	147
O Exemplo de Jô	149
A Paz do Senhor	151

Do Livro — E OUVIU-SE UMA VOZ DO CÉU...

Desilusão e Esperança	155
Boa-noite!	159
A Dádiva de Maggie	163
Traço de União	169
Glorificação	175
A Doce Alegria	179
A Marcha dos Anos	181
A Hora da Fraternidade	183
Carta Fechada... Carta Aberta	187
Mensagem de Esperança	189
Lamentação	191

Do Livro — UM CAMINHO NO DESERTO

"Moça, Me Dá uma Rosa!"	195
Só Preciso de Amor!	201
Morrerei Esta Noite	207
Vem Conosco!	213
A Obra-prima	215
O Fardo de Cuidados	219
Pode Seguir!	223

Prece de Ano-novo	225
Versos e Flores	227
Musico Triste	229
A Moldura	231
Nau da Vida	233
Ansia Derradeira	235
Clamor Universal	237

Do Livro — RIOS NO ERMO

"Somos Cem!"	241
E o Sino Não Tocou!	247
A Força da Gratidão	251
Jugo Suave	255
A Resposta Sábia	259
O Jogador	263
Não Te Arrependerás!	267
Resignação	269
Insatisfação	271
Deixem-me Só!	273

Apresentação

Apresentação

Enquanto preparávamos a 3ª edição de Primícias da Minha Seara, fomos sobressaltados pelo falecimento do consagrado poeta Mário Barreto França.

Sabíamos da gravidade do seu estado de saúde, mas longe estávamos de imaginar que sua ausência estivesse "tão perto" do dia daquele memorável telefonema para sua residência, em que acertávamos alguns detalhes acerca da reedição desta obra.

O homem que nos atendeu era o mesmo que conhecíamos através dos poemas tantas vezes declamados em nossos cultos.

Ouvimo-lo um bom tempo, comovido, quando falava das limitações que lhe impunha a enfermidade, ao tempo em que pedia que orássemos em

seu favor. E foi com os olhos rasos d'água que, ali mesmo, naquele momento, acendeu-se em nosso coração um profundo desejo de dirigir a Deus uma prece, agradecendo a vida tão preciosa de Mário Barreto França e rogando a Deus a operante e confortadora presença do seu Espírito junto àquele seu servo moribundo.

Nosso contato foi encerrado com um "muito obrigado" e um "bom-dia", que esperávamos poder repetir em outras ocasiões, mas que foram os últimos.

Mário Barreto França está no seio da glória. Em 9 de setembro de 1983, ficamos privados de sua presença corpórea. Entretanto, nunca estará ausente dos nossos corações. Seus versos, seus poemas continuarão tocando os recônditos da alma, provocando emoções as mais puras, vibrações, lágrimas, que ainda não de conduzir muitos ao altar da santificação, ao arrependimento sincero e rendição a Deus, tal a ternura, a sensibilidade, a profundidade e a "humanidade" de sua alma poética.

Este livro, Primícias da Minha Seara, que entregamos ao leitor, é uma antologia dos melhores poemas do autor, publicados em 6 das quase 30 obras que produziu, o que tornou Mário Barreto França um dos mais queridos, respeitados e apreciados poetas do cenário evangélico.

Josemar de Souza Pinto
Coordenador de Publicações Gerais

Do Livro
NO JARDIM DO SENHOR

As duas estrelas

Certa vez, no alto céu, no azul do firmamento,
Quando o mar ressonava aos afagos do vento,
Quando os astros, sorrindo, a esfera iluminavam,
Duas sentimentais estrelas conversavam.

A primeira falou, tremeluzente e fria:
— Da Saudade nasci! Nasci quando em um dia
Um coração de mãe, pelas dores ferido,
Deixara-se esgotar em lágrimas, dorido,
Sobre um corpo gelado, em um túmulo aberto
A vida, pra ficar em si mesmo deserto...
Da saudade nasci! Sou um olhar gelado,
Um coração de mãe, na abóbada engastado!

E a segunda falou: — Eu nasci do perdão,
Nasci de um puro amor, de um puro coração!
Quando um dia Jesus, no cimo do Calvário,

Os olhos espraçando em torno, solitário,
Vi no pélago fundo e negro da maldade,
Do vício e do pecado, a ingrata humanidade
— A mesma humanidade, entre trevas, sem luz —
Que o levava a sofrer nos braços de uma cruz,
Comoveu-se e exclamou: Ó mísera consorte
Do pecado fatal, da inevitável morte,
Que julgas vida achar no gozo do pecado,
E no antro da miséria um viver deleitado,
Pregaste-me na cruz, mas te perdão... Esquece!
E, erguendo inda um momento o seu olhar em prece,
Comovido chorou... Uma lágrima, então,
Eloqüente e feliz, cheia de inspiração,
Sutilmente rolou dos olhos de Jesus,
Qual pérola de Ofir inundada de luz,
E, animada de amor, de perdão e carinho,
Elevou-se à amplidão, em busca do caminho
Da abóbada azulada.

Então, tornou-se estrela
A lágrima irisada. E hoje, brilhante e bela,
Cintila na amplidão.

Essa estrela sou eu,
Que vivo a cintilar no imenso azul do céu!
Eu sou a majestosa estrela que sorri!...
Da lágrima do amor e do perdão nasci!

★

E as estrelas, então, em círculos de luz,
Escreveram no céu o nome de Jesus.
A primeira ficou por toda a eternidade
Na tristeza da tarde a chorar de saudade...
Mas ficou a segunda, esplêndida e irisada,
A sorrir e a cantar nas bênçãos da alvorada.

Último combate

— “O combate será a uma hora da tarde!”
Foi a voz que se ouviu, como horrível alarde,
Ao longo da trincheira... E o dia era tão lindo!...

— Como é belo morrer quando se vai sorrindo
Para a luta cruel, numa manhã como esta,
Toda cheia de luz, toda cheia de festa!...

(Era um belo rapaz que me falava.)

— Escuta,
(Perguntei-lhe) não tens receio desta luta?
Ele não respondeu, porém, sentidamente,
Cantou ao violão uma canção pungente...
E me disse, depois, com olhos rasos d'água:
— Não! Eu não temo a morte! O que me causa mágoa
É me sentir tão longe, é me ver tão sozinho

E não voltar jamais ao calor do meu ninho,
Onde, entre beijos bons de minha doce esposa,
Meu filhinho me espera, e, esperando, repousa...
Quando eu vim para cá, beijando-me, ele disse
Uma frase qualquer, uma linda tolice...
Mas, depois, enxugando uma lagrimazinha,
Deu-me um livro, dizendo: "É uma lembrança minha,
Papai! Quando o senhor estiver em perigo,
Leia este livro, ouviu?! Jesus é nosso amigo!
E o senhor não será mais sozinho nem triste,
Porquanto onde ele está tudo o que é bom existe!"
E ele continuou a cantar. Que tristeza
Começava a pesar em toda a natureza!...
E eu fiquei a invejar sua alma comovida,
Porque era triste só no deserto da vida...

A chuva começara a cair lenta e fina...
Como interrogação fatídica, a colina
Mostrou-se ao nosso olhar, cheio de nostalgia,
Perversamente verde e tristemente fria.

.....

A luta começou terrível. A metralha
Ia levando a morte ao campo de batalha.
Gritos, imprecações e vozes de comando
Juntavam-se no espaço escuro e formidando...

Pungente agonizar de uma tarde cinzenta,
Tarde que quis ser linda e que foi tão cruenta!...

Quando a noite caiu, negra e fria, tornou-se
Mais bárbaro o combate. Era como se fosse
Rude destruição de uma cidade antiga
Pelo ódio figadal da vingança inimiga.

Quando a manhã raiou, o combate findara,
Mas era horrível ver tudo o que se passara...

Espraiei meu olhar pelo campo assolado,
E o pranto me feriu o coração magoado:
É que aquele soldado, inda tão moço e alheio
A essas contradições do Destino, encontrei-o,
Ensangüentado, assim, de bruços na trincheira,
Prendendo ao coração, numa ânsia derradeira,
Da esposa e do filhinho, um retrato cinzento,
Colado à capa azul de um Novo Testamento.

O cego de Jericó

.....

ℓ O cego de Jericó

Perto de Jericó, à margem do caminho,
Costumava sentar-se, esmolando sozinho,
O cego Bartimeu.

Ah! Ele nunca vira
A paisagem sorrir sob um céu de safira,
Os rebanhos pastando em campos verdejantes
E os olhos de seu pai, de bênçãos transbordantes,
Porque era, infelizmente, um cego de nascença,
Mergulhado na dor de sua treva imensa...

E ele, no íntimo da alma, exclamava: Quem dera
Achar esse Jesus que milagres opera!
Pois tanto imploraria e choraria tanto,
Que Ele havia de ter piedade de meu pranto
E, certo, me daria a luz para os meus olhos,
Guiando-me na vida, entre tantos escolhos!...

Certo dia, porém, ele estava esmolando,
Quando ouviu um rumor de turbas caminhando.
Prestou toda a atenção e descobriu, sem custo,
Que era Jesus quem vinha — o poderoso e justo
Rabi.

E, ao pressentir que perto ele se achava,
Na esperança de ser escutado, gritava:
— Ó Filho de Davi, tem piedade de mim,
E livra-me, Senhor, destas trevas sem fim!

E muitos, em ameaça, exclamavam: — Ó tolo,
Cala-te! E em teu silêncio encontrarás consolo!...
E ele gritava mais: — Jesus, eu creio em ti!
Tem piedade de mim, ó Filho de Davi!

É que ele meditava: — Ah! se agora não falo,
Onde irei, onde irei outra vez encontrá-lo?!
Se me passa veloz essa oportunidade,
Nunca mais eu verei minha felicidade!

E Jesus, que entre a turba ia calmo seguindo,
Solicito parou, aquela voz ouvindo,
E ordena: — Ide-o buscar! Trazei-mo sem demora,
Porque na sua angústia ele suplica e chora!

E foram-no chamar, na alegria que inflama:
— Levanta-te com fé, porque o Mestre te chama!
Tem esperança e vai!

E ele, a capa deixando,
Correu para o Senhor, de gozo transbordando.

Perguntou-lhe Jesus: — Que queres tu que eu faça?
E o cego respondeu: — Que eu veja a tua graça!
Que eu tenha vista, Mestre!

Então, Jesus falou:
— Vai em paz! Vai em paz! Tua fé te curou!

Quando ele abriu o olhar, na mais grata surpresa,
Contemplou extasiado a linda natureza:
O céu azul, o campo enfeitado de flores,
E o horizonte a sorrir em nuvens multicores;
Porém, nada mais belo ele viu do que a luz
Refletida no olhar dos olhos de Jesus.

O beijo de Judas

Sobre o jardim silente a noite reclinara,
Cheia da prostração de uma tristeza rara...
A alameda deserta em que Jesus seguia
Tinha a mudez claustral duma imensa agonia,
Em que tudo ficasse espiritualizado,
Na volúpia sutil de padecer calado.

Belo e calmo jardim das verdes oliveiras,
De ninhos a embalar as aves prazenteiras,
De sombras outonais, de frutos e de flores,
E — quem sabe? — de bons e líricos amores...
Quem diria que tu, na tua formosura,
Irias presenciar tanta e tanta amargura!

E Jesus estacou. Seu olhar de piedade
De lágrimas turvou-se, entre o amor e a saudade.

Súbito a multidão de homens feros e maus
Surge, erguendo para o ar archotes, varapaus,
Como que procurando um salteador que fora
Se esconder do jardim à sombra acolhedora...
E, à frente desse bando, estúpido e covarde,
Ao rubro refletir de um grande archote que arde,
Vê-se o rosto cruel e cínico de Judas,
Fazendo revoltar as próprias trevas mudas,
O qual, com riso falso, ao Mestre se achegando,
Disse: — "Salve, Rabi!" — E curva-se, o beijando.

O beijo — a saudação de paz com que os antigos
Honravam pais, irmãos, os hóspedes e amigos;
O gesto delicado e cheio de carinhos
Com que se achegam sempre os ternos passarinhos;
Cumprimento de luz que à natureza envia
O majestoso sol, no milagre do dia;
Bênção do céu à terra e veludoso afago
Com que as ondas azuis vão às praias de um lago;
O beijo — a voz do amor em toda a natureza —
Em Judas se tornou o sinal de torpeza,
O gesto da traição que o universo condena
Ao castigo maior, à mais terrível pena.

Mas Jesus, acendendo o seu olhar divino,
A Judas apontou seu trágico destino.

E, sereno, lhe diz: — Tu me traís, com um beijo?
E essa interrogação foi um profundo arquejo
Que ecoou dentro da alma infeliz do traidor,
Que assim pagava ao Mestre as práticas de amor
Que tanta vez ouvira...

E o Salvador vendido
Por esse que se fez de amigo um vil bandido,
Levava dentro da alma a angústia indefinida
De quem vê pago o bem pelos males da vida.

E enquanto prosseguia a noite confidente,
Jesus, abandonado e preso, sofre e sente
A mágoa mais profunda, a dor ilimitada
De se ver como réu, não tendo feito nada.

★

E em meio à multidão, ao longo da alameda,
Calmo seguiu Jesus, com seus passos de seda,
Enquanto o soluçar das árvores, enfim,
Se ouve dentro da noite, em meio do jardim.

Dentro do jardim

Dentro da vida

Quanto mais longe se apresenta a glória,
Tanto mais força faz pra alcançá-la,
Que o prazer mais profundo da vitória
Está, precisamente, em conquistá-la.

Se o teu ideal for alto como os Andes
E inescalável se tornar na vida,
Não retrocedas, porque as causas grandes
Não pertencem ao ideal de quem duvida.

Não duvides do amor, sofrendo embora
Dele as maiores privações do mundo;
Se o amor em dores se apresenta agora,
Certo, amanhã, se mostrará fecundo.

Se o mundo te convida... fecha os olhos
A essa amizade externa, porque raro

É o que, hoje, faustoso, entre os escolhidos,
Não se vê, amanhã, em desamparo.

Apresenta-te alegre em cada instante,
Inda mesmo que a mágoa te maltrate,
Como um soldado que sorri triunfante
Nas horas mais terríveis do combate.

Se a morte te ferir, morre contente.
Pondo em cada suspiro a alma de um canto,
Tendo o perdão nos olhos como um crente
E um sorriso nos lábios como um santo.

Natal

Quando Jesus nasceu, a natureza
Fez-se humilde e pequena para o ver
Na sua doce e lírica pobreza,
Mostrando-lhe um sorriso de prazer.

A aleluia dos cânticos, acesa,
Fulgia e palpitava em cada ser;
No olhar dos pobres via-se a certeza
De uma nova esperança resplender...

E o pequenino Deus, na manjedoura,
Era do amor a bênção salvadora
Feita, em noite de trevas, doce luz...

Quando Jesus nasceu, piedoso e lindo,
Aos olhos do universo abriu sorrindo
Os pequeninos braços numa cruz.

Jesus na praia

Jesus sentou-se... Em frente, o mar bramia.
Soprava o vento rijo e ameaçador;
Pesava em tudo uma melancolia,
Em tudo, um misto de saudade e amor.

Jesus chorou... a lágrima sombria
Rolara assim num êxtase de dor...
E o seu olhar tristonho se volvia
Aos longes do horizonte multicolor.

Ao vê-lo pensativo, o mar se acalma;
É que Jesus, tão cheio de ansiedades,
Balbucia, baixinho, para si:

— Ó doce Galiléia de minha alma,
Quantas reminiscências e saudades
Me vêm ao coração, pensando em ti!

Doce perdão

Quando acordei daquela letargia
Em que o pecado me fizera estar,
Acanhado de tanta rebeldia,
Foi para Deus o meu primeiro olhar.

Tudo a meus olhos turvos parecia
Minha presença odiosa rejeitar;
E segui de alma pálida e sombria
Num desejo incontido de chorar.

Mas, quando entrei pela primeira porta
De um templo silencioso, comovido
Curvei-me em prece e, envolto em doce luz,

Notei (e essa lembrança me conforta)
O perdão dos males refletido
Na ternura dos olhos de Jesus.

Conselho

Tu que comesças a viver, cuidado!
Não te deixes vencer pela vaidade
Nem pelo sonho ou ilusão, malgrado
As expansões próprias da mocidade.

Vence-as por teu amor feliz que invade
O peito crente e o coração firmado;
Sim, pelo amor — gota bendita — que há de
Cicatrizsar o cancro do pecado.

Não te domine o orgulho de ser bela,
Pois a beleza verdadeira é aquela
Que a virtude reflete em nossa vida.

Ama o pudor! Concentra-te no estudo!
Porquanto nisto se resume tudo,
Tudo o que faz uma mulher querida.

Meditação

“... E quando a morte vier!...” — O pensamento pára,
Como suspenso assim por essa exclamação;
E o homem, que se julgava alguma coisa rara,
Sente bater medroso e fraco o coração.

— Contempla a reticência astral do céu!... Repara
A agonia do luar que quis ser lindo!... Em vão,
Buscarás alcançar o que teu sonho criara
Pra seres imortal ou teres perfeição.

E quando a morte vier... Hás de ser tão pequeno,
Olhos baços fitando este céu tão sereno,
Nesta noite infinita em que irás mergulhar...

E um silêncio profundo há de deixar-te mudo...
Homem! Desperta e crê no teu Criador, que é tudo
O que buscas, em vão, em ti mesmo encontrar.

Meu Brasil

Meu Brasil, quando eu leio a tua linda história
Tão cheia de bravura e tão cheia de glória,
Eu me ufano de ti, da tua gente boa
Que luta pelo Bem e pelo Amor perdoa...
Terra de Vera-Cruz, de Santa-Cruz, Brasil
— Floresta colossal, caboclo varonil —
Terras e homens, surgindo em prêmio original
Ao feito singular da frota de Cabral;
Brasil da Inconfidência, onde impávidos crentes,
Vivendo o mesmo sonho azul de Tiradentes,
Desejaram a pátria em plena liberdade,
Exaltada no amor de sua mocidade:
Autônoma — a ditar as suas próprias leis,
Soberana — a eleger seus príncipes e reis,
E, de igual para igual, entre as demais nações,
Contribuir para o bem da vida de milhões;

Brasil de Frei Caneca, indomável e bravo,
Sacudindo outra vez os seus grilhões de escravo,
A fim de denunciar a imposição nefasta
+ De uma tutela má, humilhante e madrastra,
Que teimava em negar sua emancipação,
Como culto país, como livre nação;
Brasil da Independência há tanto desejada
Que, numa inteligente inspiração de Andrada,
Permitiu que Dom Pedro, extraordinário e forte,
Bradasse do Ipiranga: — "Independência ou morte!"

Brasil de Pirajá, de Dois de Julho, em que,
Na luta decisiva, a Bahia se vê
A consolidadora heroína desse feito
Que à pátria alicerçou na força do Direito;
Brasil de Itororó, Tuiuti, Riachuelo,
De onde Barroso lança o vigoroso apelo:
— A pátria espera agora, a vencer ou morrer,
Que saiba cada qual cumprir o seu dever! —
Sim, Brasil de Laguna em cuja retirada
A glória de sofrer por uma fé sagrada
Cristalizou na dor o martírio dos bravos
Que preferem a morte a viver como escravos;
Brasil da abolição da negra escravatura.
Que irmana na igualdade a toda criatura,
Como oferece ao branco, ao preto, ao rico, ao pobre
Os meios de ser sábio e as honras de ser nobre;
Brasil republicano em cuja alma sadia
Brilha como um farol essa democracia,
Que faz da ordem o vigor da nossa fortaleza
E cava no progresso a fonte da riqueza;
Brasil que, no estertor do conflito do mundo,
Mantendo as tradições do seu valor fecundo,
Fez de Parnamirim trampolim da vitória
E, de Monte Castelo, a súpula da história
Que há de fraternizar no sangue das feridas
O mundo que lutou pelas Nações Unidas...

Mas, também meu Brasil dos rios e cascatas,
Do "pinho" a soluçar na voz das serenatas,
Do "lunar do meu sertão", da "casa pequenina",
Muito branca, a sorrir lá no alto da colina,
Onde o caboclo faz o seu ninho de amor
Sob as bênçãos da terra e a graça do Senhor...



Por isso, ó minha terra ingênua e hospitaleira,
Quero viver em ti minha hora derradeira
E dormir, e sonhar o meu sono final
No coxim do teu seio amigo e maternal!

Minha pátria celeste

Minha pátria celeste

Ah! Quando eu penso em ti, minha Pátria Celeste,
De uma doce esperança a minha alma se veste:
É ouvir no teu regaço o cântico dos santos,
Livre das tentações, das mágoas e dos prantos,
Gozando o refrigério em que a felicidade
Se resume no Bem pelo amor da Verdade...
É não sofrer jamais a injustiça da sorte
Nem as separações tristíssimas da morte;
É não ver sem remédio a fome da pobreza
Nem a afronta do orgulho estéril da riqueza;
Mas... é descortinar todo o encanto das flores
Na sincronização artística das cores,
Cuja essência sutil são as preces ardentes
Que elevam ao Senhor os corações dos crentes;
É ser arrebatado em ondas de harmonia
A cérulas regiões da paz e da alegria

Onde a inocência espelha o riso dos arcanjos
E, o imaculado amor, a placidez dos anjos;
É contemplar o marco esplêndido da fé
Em que Abraão, e Isaque, e Jacó, e José
São a excelsa coluna em cujo capitel
Se apóia a formação do povo de Israel;
É ouvir o dedilhar duma harpa que sorri
Na paciência de Jó, nos salmos de Davi;
É sorver na áurea taça a sábia inspiração
Da eloquência sem-par de Paulo e Salomão;
É, por fim, ver o Mestre à destra de seu Pai
E os remidos cantando: — Exaltai! Exaltai
A Divina Trindade, o Supremo Senhor,
O Filho muito amado e o bom Consolador
Que fizeram, por nós, do evangelho da cruz,
O poder de Jeová e a glória de Jesus!

★

Minha Pátria Celeste, é por isso que almejo
Viver em teu regaço amigo e benfazejo:
No amor — cuja bandeira é a paz celestial,
Na fé — cujo pendão é a glória perenal,
Porque és o meu Brasil a se transfigurar
Na nova terra — o Céu; no novo céu — o Lar!...

Amor de mãe

Chorava a dor nas lágrimas a fio
De um coração de mãe alucinada,
No desconsolo triste e doentio
Daquela água-furtada.

“Meu filho!... Meu filho!...”

E, nessa exclamação, soluçava o estribilho
Da mais cruel miséria
A que pode chegar um pobre neste mundo...

Pesava em tudo a gelidez etérea
De um mistério profundo...

Num leito improvisado
De farrapos, a um canto,
Estava semi-morto o filhinho adorado

Que mal podia murmurar em pranto:
— Mamãe, a febre intensa me consome!
Que terrível é a dor que me maltrata!
Mamãe, estou com fome!

— Meu Deus! Meu Deus! (a mísera murmura)
Quanta gente possui toneladas de prata,
E eu, sem ter pão, morrendo,
Vendo morrer meu pobre filho e vendo
Tragar-me o coração tanta amargura!

E, olhando o filho, murmurou-lhe: — Espera!
Vou te trazer o que melhor existe...
Não vêes?... Hoje é Natal!... Tudo é sorriso!...
Farei daqui um doce paraíso!
Espera!... Espera!...
Hei de em breve voltar, não fiques triste!

Nas trágicas palavras proferidas,
Havia um quer que fosse
De sobre-humano e sobrenatural.

Nas ruas paralelas e compridas,
Contrastando-se à luz de um luar doce,
Pesava em tudo o horror de um grande mal.

Houve um momento de silêncio e medo
Naquele coração,
Onde a dúvida amarga era o segredo
Da mais difícil interpretação...

Depois... de passo firme e de olhar baixo,
Como uma estátua esplêndida de fé,
Ela seguiu, silenciosa, rua abaixo,
Em demanda do grande cabaré...

Que importava o murmúrio dessa gente
Por ter seguido esse infamante trilho,

Se era a estrada do vício, infelizmente,
O único meio de salvar seu filho?!

Entrou cantando uma canção serena,
Às vezes triste, às vezes provocante,
Mentindo à dor que o peito lhe envenena,
Com o pensamento em confusão, distante...

— Linda! (dizia a gente depravada)
Deve ter a alma êxul de um menestrel!
E repetia, ouvindo-a sufocada:
— Como bem representa o seu papel!

E ela cantava, e ela cantava,
Quando sua alma no íntimo chorava,
Como um palhaço que sorri e canta
Para alegrar um auditório alheio,
Quando um soluço, que lhe vem do seio,
Lhe sufoca a garganta.

É que ela se lembrava do filhinho
Que ficara — coitado! — tão sozinho
Naquela água-furtada,
Sem a bênção sublime de um carinho,
Sem um beijo de uma alma dedicada,
A quem pudesse consagrar
No seu último momento,
O seu "adeus" profundo e nevoento
De um derradeiro olhar...

E quando terminou aquele canto,
Cujas palavras últimas, em pranto,
Mal se ouviu,
Numa voz rouca soluçou: "Meu filho!..."
E por terra caiu.

Um momento depois ela saía,
Tendo na mão a oferta recebida
Que mais que a vida para si valia,
Pois lhe custara as ilusões da vida...

Gastou tudo o que tinha de repente,
Naquilo que pudesse mitigar
A fome e a febre do filhinho doente,
A quem a morte, em golpe desapiedado,
Desejava roubar.

E correu, como louca, qual se ouvisse
O filho proferir:
"Mamãe, depressa! Vem falar comigo!
Dá-me inda um beijo de teu lábio amigo,
Porque, mamãe, me sinto tão cansado
E desejo dormir!..."

Quem pudesse sondar o sofrimento
Que um coração de mãe suporta às vezes,
Talvez medisse o fundo sentimento
Daquela triste vida,
Que as mágoas, as misérias e os reveses
Levaram de vencida...

Amor de mãe! Amor divinizado,
De rara profundeza,
Quem teus arcanos haverá sondado,
Quando és maior que a própria natureza?!...

Da meia-noite, as longas badaladas
Soaram compassadas,
Anunciando a glória do Natal;
Foi quando ela chegou à água-furtada
E, no topo da escada,
Estacou numa dúvida mortal.

Triste pressentimento
Lhe feriu bem no fundo o coração,
E, num surdo lamento,
Balbuciou: "Meu Deus!..." E tudo,
Como que sufocado, ficou mudo
Ao grito da razão.

Um coração de mãe, quando pressente,
Ah! não se engana nunca,
Que ele prevê da morte, inda que ausente,
A sua garra adunca.

E quando das doze horas, quase morta,
A última soou,
Num impulso violento, abriu a porta
E, lívida, ela entrou:

Chegou-se ao leito trêmula e, bem perto,
Sorveu do filho um ósculo de mel,
Que esperava, com os lábios entreabertos,
Algum presente de Papai Noel.

E lhe disse, entre lágrimas: — Perdoa,
Se mais cedo não pude regressar!
Tua mamãe é pobre, mas é boa,
E foi buscar bombons para te dar.

Acorda, queridinho!
Olha, Jesus nasceu! Ouve o sinal!
Acorda, de mansinho,
E festejemos, ambos, o Natal!

Mas não me ouves! Por quê?...

Foi nesse instante
Que um beijo sufocou nas pálpebras do filho,
Que, roxas e geladas,
Pareciam sonhar, suavemente fechadas...

Recuou desgrenhada, soluçante...
Voltou-se; contemplou-o à frouxa claridade...

Terrível desconforto!...
Dura realidade!...
Ante seus olhos cavos e sem brilho,
O filho estava morto...

“Meu filho! Meu filho!
Fosse a fatalidade ou a providência,
Nada, de ti me separar devera,
Meu único filhinho!
Pois se aqui estivera,
Com todo o meu amor e meu carinho,
Eu tanto choraria,
Eu clamaria tanto aos céus, que, enfim,
Os céus, olhando minha dor tão forte,
Haveriam de ter pena de mim,
E tu não morrerias.”

E, abraçada ao cadáver, beija-o, vendo
Se podia, com os beijos maternos,
Roubá-lo à morte, assim desmerecendo
Desta vida os fenômenos fatais...

“Meu Deus! Por piedade,
Torna-o à vida, pela vida minha!
Que, sem ele, sepulta na saudade,
Jamais no mundo viverei sozinha!”

E, enquanto as festas iam lá por fora,
Na noite de sua alma, erma e fatal,
O sino do coração batia a hora
Mais triste e dolorosa do Natal.

E sua alma, aos seus olhos, num transporte
De luz, do amor mais puro se acendeu,
Chegou-se ao filho e, maldizendo a morte,
Abraçou-o... e morreu...

★

E quando o sol, anunciando o dia,
Na penumbra lutuosa, triste e fria
Daquela água-furtada penetrou,

Filho e mãe, num abraço, entrelaçados,
Encontrando-os, aos céus alcandorados,
Na extrema-unção dum beijo, encomendou...

Sublime sacrifício

(À Bandeira)

Toda a noite passou sem que a fuzilaria
Cessasse um só momento.

E, já perto, se via
O prenúncio feliz da loira madrugada.
Mas o fim da peleja e a vitória almejada
Quem saberia lá quando haviam de vir?
De que lado viria o triunfo sorrir?...

Tanta dúvida havia ainda nas trincheiras,
Tanta... tanta... que ali as notícias primeiras
Sujeitas eram sempre às interrogações...
Só quem falava certo era a voz dos canhões...

Setembro, dia 7. A data gloriosa,
Que naquela manhã raiou tão duvidosa,

Fazia reviver nas almas dos soldados
As paradas ao som dos marciais dobrados
E o garbo sem igual dos lindos uniformes,
Que fazia vibrar as multidões enormes...

Envolto nessa idéia, um pálido soldado
Falou, muito saudoso, ao companheiro, ao lado:
— Como seria belo aqui, nesta trincheira,
Desfraldarmos ao vento a auriverde bandeira!

E o outro, jovem tambor e exímio corneteiro,
Lhe disse: — É mesmo! Aqui, é tudo brasileiro!
Este céu, este campo, estes toscos abrigos
E até — triste é dizer — os próprios inimigos!...

Mas a luta cruel cada vez mais aumenta
E era, cada vez mais, horrível e sangrenta.

— Corneteiro! — bradou a voz do comandante.
— Pronto! — ele respondeu, acorrendo ofegante.
— Eu quero ver aqui, à frente da trincheira,
Hasteada, já e já, nossa amada bandeira!

É preciso, porém, alguém que se ofereça,
A fim de sustentar à altura da cabeça,
Junto daquele tronco, o nosso pavilhão;
E, ali, entusiasmado e cheio de emoção,
Bem alto tocarás o Hino Nacional,
Enquanto eu mandarei, num rápido sinal,
De pé, em continência, a tropa luzidia,
Honrando nesse gesto a glória deste dia!
Mas quem se lançará a tão penosa empresa?
Quem, com perigo até da vida, sem defesa,
Subirá com a bandeira?

E de pé, ao seu lado:
— Eu irei! — (respondeu o pálido soldado...)
— Tu, meu amigo, tu?!

E o jovem corneteiro
Abraçou-o, dizendo: — És mesmo brasileiro!
Mas, se te prostra ao chão o fuzil inimigo,
Que há de ser de teu pai, que é tão velhinho, amigo?
— Meu pai há de chorar, mas será confortado,
Pois sabe que em Jesus eu tenho descansado
Minha fé, meu amor, toda a minha esperança!

E, isto dizendo, logo o seu lugar alcança
E desfralda, bem alto, o lindo pavilhão,
Cheio de fé e amor no heróico coração.

O corneteiro, então, emocionado vibra,
Com todo o coração que em notas se desfibra,
A alma do seu clarim que no espaço se espalha
Como um hino de glória em meio da batalha...

E o brado — “Em continência!” — ouviu-se de repente;
E os soldados, de pé fitando o céu, em frente
À trincheira inimiga, eram brava fileira
Que a morte desprezava, exaltando a bandeira.

E o pálido soldado achava-se ferido,
Porém, firme em seu posto, abafava o gemido...

Nisto — surpresa enorme! — os próprios inimigos,
Deixando, num instante, os seus rudes abrigos,
Ficam todos de pé, a um rápido sinal,
Cantando, em continência, o Hino Nacional.

E o soldado ferido, em brados derradeiros:
“É verdade (exclamou) são todos brasileiros!”

E recosta-se a um tronco, arquejante e sangrento,
Mas sempre desfraldando o pavilhão ao vento;
Recorda inda um momento o velho pai enfermo,
Vivendo sem recurso em um lugar tão ermo...

Mas concentra também seu pensamento em Cristo;
Pensa no seu amor, pensa no céu... E é isto
Que conforta a sua alma. Olha ainda a trincheira.
Resignado bendiz sua hora derradeira...
Sente que vai cair... do peito o sangue corre...
Abraça-se à bandeira... e se estremece... e morre...

O herói de Abetaia

(Ao Regimento Sampaio e ao heroísmo do Sargento Luiz Rodrigues Filho e do Capelão João Soren)

...E a notícia correu, levando esse desfecho:
— “O Brasil declarou-se em guerra contra o Eixo!...”

O Sargento Luiz ouvia o rádio em casa;
E, diante dessa nova, o coração lhe abrasa:
Pensou no Baipendi e nos outros navios,
Afundados de noite, em meio aos desafios
Dos agressores vis, covardes, desalmados,
Que metralhavam rindo os botes apinhados
De desvairadas mães, de filhos que choravam
E de esposas que ainda as ondas perscrutavam
— Quem sabe? — para um vislumbre de paz
Aqueles que — talvez — não voltariam mais...

E, cômscio do dever que a disciplina exige,
Farda-se incontinenti e ao quartel se dirige,

Para se apresentar e ter o seu fuzil
Com que defenderia a honra do Brasil...

Alguns meses depois, com a gloriosa FEB,
Nalgum porto da Itália, ele também recebe,
De outros povos irmãos, a homenagem primeira,
Ao canto do hino pátrio, em frente da bandeira...
Nesse instante febril, sua alma se extasia
Na ânsia de defender essa democracia
Que, em nome da justiça, acena para o mundo,
Prometendo um futuro esplêndido e fecundo,
Onde o Direito e o Bem, irmanados no Amor,
Fazem da vida um céu de primavera em flor...

Certo dia, foi dada uma ordem ao Regimento
Sampaio, de avançar...

E a missão do Sargento
Luiz era envolver, pelo flanco, Abetaia
— Um lugarejo que servia de atalaia
Ao exército alemão que, no Monte Castelo,
Aguardava o sinal para o combate...

Belo

E forte, ele dispôs seu grupo para o ataque,
Dizendo: — Cada qual se bata com destaque,
Procurando elevar bem alto a nossa terra,
Defendendo as razões que trouxeram à guerra
As armas do Brasil! Que cada um se convença
Que o mundo de amanhã lavrará a sentença
De morte ou de perdão pelos feitos de agora,
Que não de servir de marco à inolvidável hora
Desta época que tem como escopo a Verdade
— Suprema aspiração de toda a humanidade!

E a luta começou. O sibilar das balas,
As chamas a rolar pelos bordos das valas,
Morteiros explodindo e canhões ribombando,
Bombardeiros do céu granadas despejando,
E gritos, e explosões, e pragas, e gemidos,

E os horrores da morte, e o sangue dos feridos,
Tudo se misturava, em delírio profundo,
Sob o luto da noite, amortalhando o mundo...

O heróico grupo avança... Está quase cumprida
A difícil missão por ele recebida...
Já são poucos, então...

Calaram-se os canhões...

O inimigo abandona as suas posições...
É o assalto final...

O inimigo recua...

Mas... sobre o chão da Itália, à frouxa luz da lua,
Os corpos dos heróis, frios, ensangüentados,
Marcavam, nesse instante, os traços mais sagrados
Que haveriam de unir a família remida
No monumento ideal da Pátria agradecida...

Algum tempo depois, na piedosa missão
De mortos recolher, um jovem capelão,
Entre outros corpos, acha o do Sargento Luiz,
Sobraçando a sua arma...

E um sorriso feliz,

Nos lábios esboçado, era o argumento forte
Que ele entrara no céu pelos umbrais da morte...

Um projétil lhe houvera atravessado o peito;
Mas não morrera logo... achara ainda um jeito
De tirar do seu bolso um Novo Testamento
Com Saltério... e sentir ali, nesse momento,
O desejo de ler, pela última vez,
Como se fora seu, o Salmo vinte e três:

"Senhor, és meu pastor, nada me faltará!
Deita-me em verde pasto e guia-me onde há
Água tranqüila e sã! Refrigera minha alma!
Dirige-me à vereda esplendorosa e calma
Da justiça e do amor! E inda que ande sem norte
Pelo vale da sombra esquelida da morte,

Ouvindo-o, atentamente, ali também estavam
Alguns oficiais que o momento aguardavam
Para o pre-der. No entanto, aquela voz celeste
Se anima e poder, de harmonias se veste
E vai repercutir no peito de cada um
Como a revelação ideal do bem comum,
Como a luz de um fanal, indicando a verdade,
A reflorir no céu de uma felicidade...

E ficaram ali a ouvir, com reverência,
Do Evangelho do amor a divina eloquência,
Que lhes descortinava um mundo diferente,
Onde um governo justo, onde uma lei clemente
Tinha pra mesma falta a mesma punição,
Para vitória igual, um mesmo galardão,
Para cada temor, novo encorajamento,
E, como recompensa a um arrependimento,
Idêntico perdão.

E, acreditando em Deus,
Eles voltaram sós. Então, os fariseus
Disseram com furor: — “Por que não o trouxestes?!”
Responderam: — Porque as mensagens celestes
Que com autoridade ele ministra ao povo
São cheias de poder, de um sentimento novo,
Que dão ao nosso ser a doçura da calma,
Enchendo de esperança esplêndida nossa alma
E afastando de nós as mágoas que consomem:
“Porque ninguém jamais falou como esse homem!”

Ah! Isso se passou há tanto tempo, tanto!...
Mas o verbo do Mestre é o mesmo, no entretanto.
Por isso, o que tiver a alma desiludida,
Sentindo que lhe falta a coragem na vida,
E o que foi desprezado ou vive na orfandade,
Procurem — que inda é tempo! — o amigo da alma aflita,
Que haverão de escutar a mesma voz bendita,
Dando a todos a fé que à salvação conduz,
Porque ninguém jamais falou como Jesus!

A eloquência da justiça

(Salomão)

No trono de marfim, de púrpura vestido,
Por doutores da lei e escribas assistido,
Na glória do seu reino, o sábio Salomão
Julgava com poder sua grande nação.

As suas decisões no governo do povo,
As leis fundamentais de um direito mais novo,
A eloquência sem-par dos provérbios ditados,
Os editos reais tão bem apropriados,
E os cânticos de amor repletos de poesia,
E os conselhos de amigo, e a alta filosofia
Da justiça com que dava as suas sentenças,
E o esplendor do seu reino, e as riquezas imensas,

Enchiam de prestígio e fama universal
O reino de Israel, soberbo e sem igual.

Sabedoras que o rei julgava com justiça,
Um dia, duas mães que se achavam em liça
Por causa de um menino, ao sábio foram expor
A difícil questão que fazia supor
Que ambas tinham direito à mesma pretensão,
Pois cada qual possuía idêntica razão...

E uma delas falou: — Comigo, esta mulher
Mora há tempo. Pois bem, numa noite qualquer
Ela teve um filhinho; alguns dias depois,
Tive um filho também. Dormíamos com os dois
Na mesma cama e, à noite, o seu filho morreu,
Porque ela sobre o mesmo, exausta, adormeceu.
Mas, quando despertou e viu o sucedido,
A seu lado deitou meu filho adormecido
E comigo deixou seu filho morto; em pranto,
Fiquei a lastimar... Examinando, entanto,
O cadáver, notei que era o seu filho, ao passo
Que o meu filho, senhor, dormia em seu regaço!...

Mas a outra protestou: — Este aqui é meu filho;
O dela é que morreu!

— Não seja isso empecilho
Ao fim da discussão! (falou o rei) — Soldado!
Trazei-me sem demora um gládio bem afiado,
Dividi o menino e daí uma metade
A cada uma das mães! — E, com perversidade,
Uma falou: — Pois bem, não será meu nem teu!
Dividi-o, senhor!

E a corte estremeceu...

Porém, a que era mãe verdadeira, sentindo
O coração chorar pelo martírio infundo
Da morte do filhinho, implora ao grande juiz:
— Não o mateis, senhor! Serei mais infeliz,
Vendo-o morto do que o sabendo inda com vida,

Nos braços de outra mãe, mesmo dessa homicida
E perversa mulher. Por isso, dai-o a ela!...
Não o mateis, senhor!

E, extraordinária e bela,
Prostrou-se ante o seu rei, num pranto convulsivo,
Mas, no íntimo, feliz por ver seu filho vivo...

Erguendo-se no trono, impávido, sereno,
O rei estende o braço em vigoroso aceno
E ordena ao gladiador: — Não o mates! Agora,
Entrega-o a esta mulher que me suplica e chora!
É a verdadeira mãe, que, sublimando a dor,
Sua alma ofereceu à sagração do Amor!...

E todo o povo ouviu, perplexo e admirado,
A sentença do rei cujo saber profundo
Demonstrava que Deus o tinha coroado
Para o bem de Israel e justiça do mundo.

A canção do Natal

A canção do Natal

O campo verde, cheio de flores,
Com boas-novas para os pastores,
Amanheceu;
E coros de anjos, de harpa e saltério,
Cantam hosanas — doce mistério! —
Jesus nasceu!

Aos que possuem boa vontade,
Essa mensagem de caridade
Deus concedeu;
Glória perene lá nas alturas
E paz na terra pras criaturas!
Jesus nasceu!

Divina estrela, no céu luzente,
Aos grandes magos do extremo Oriente,
Apareceu...

E, sobre o teto da estrebaria,
Pairando, excelsa, lhes anuncia:
— Jesus nasceu!

O ouro, a mirra e a pura essência
Que lhe ofertaram com reverência
Deus recebeu,
Como o concerto da Nova Aliança,
Que para a nossa doce esperança
Jesus nasceu!

E o céu, e a terra, e o vento, e os ninhos
E o sol, e os mares, e os passarinhos,
Tudo correu
Aos quatro cantos do mundo inteiro,
Anunciando, como um luzeiro:
— Jesus nasceu!

Passam os anos, e a vida passa.
Mas, para sempre, temos a graça
Que ele nos deu;
Porque, nas almas dos desgraçados
Que se arrependem dos seus pecados,
Jesus nasceu!

Homem, não chores o teu destino!
Esse presépio do Deus-Menino
Permaneceu,
Para que a estrela da fé, brilhando
Dentro em tua alma, diga cantando:
— Jesus nasceu!

Meus dias de menino

Faz tanto tempo já!... Mas a memória,
Aos embates da sorte e do destino,
Revive na minha alma a humilde história
Dos meus dias risonhos de menino...

Na rua do meu bairro proletário,
A bola, os papagaios e os piões
Eram, para nós outros, o estrelário
De um mundo de folguedo e de ilusões...

E à noite, à luz da lâmpada da rua,
Ou ao clarão balsâmico da lua,
Começávamos, rindo, de mãos dadas,
O brinquedo de "rodas", nas calçadas:

— "Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar!..."

Depois... era o brinquedo de esconder:
"Chi! Está frio!... Está ficando morno!..."
Ou este assim:

"Boca do forno!... Forno!...
Rei, meu Senhor, mandou dizer!..."
E as correrias e empurrões, e as zangas:
— Não fale mais comigo! Estou de mal!
E as pedradas nas aves e nas mangas,
E as batalhas no fundo do quintal...

Então, a voz da minha tia, em brasa,
Queimava-me o prazer com repreensões:
— Deixe disso, menino! Vá pra casa
Estudar as lições!

Outras vezes, porém, eu tinha o ensejo
De ouvir, ao lhe mostrar meu boletim:
— Muito bem!... Boas notas! Dê-me um beijo!
Você há de vencer, fazendo assim!...

Doutra feita, era alguém que me narrava:
— "Era uma vez um príncipe encantado..."
E, no Natal, eu sempre costumava
Cantar na igreja, em coro, emocionado:

— *"Nasce Jesus, fonte de luz!
Oh! glória a Deus nas alturas!
Paz na terra aos homens
A quem ele quer bem!..."*

Faz tanto tempo já!... Ah! Que saudade
Dos meus dias risonhos de menino!
Quem me dera voltar àquela idade!...
Quem me dera, outra vez, ser pequenino!...

A humanidade passa...

A humanidade passa indiferente
Pela estrada da vida...

Segue atraída pelo brilho do ouro,
Pelo brilho das glórias passageiras,
Na mais vertiginosa das carreiras,
Para a louca conquista de um tesouro...

Efêmero tesouro
De tudo o que é vaidade neste mundo!...

Porém, na alegoria luminosa
Do Evangelho fecundo,
Pregado aos quatro cantos do universo,
Cristo aparece no alto do Calvário,
Sempre na mesma posição piedosa
— Braços abertos, meigo coração —

Depois... era o brinquedo de esconder:
"Chi! Está frio!... Está ficando morno!..."
Ou este assim:

"Boca do forno!... Forno!...
Rei, meu Senhor, mandou dizer!..."
E as correrias e empurrões, e as zangas:
— Não fale mais comigo! Estou de mal!
E as pedradas nas aves e nas mangas,
E as batalhas no fundo do quintal...

Então, a voz da minha tia, em brasa,
Queimava-me o prazer com repreensões:
— Deixe disso, menino! Vá pra casa
Estudar as lições!

Outras vezes, porém, eu tinha o ensejo
De ouvir, ao lhe mostrar meu boletim:
— Muito bem!... Boas notas! Dê-me um beijo!
Você há de vencer, fazendo assim!...

Doutra feita, era alguém que me narrava:
— "Era uma vez um príncipe encantado..."
E, no Natal, eu sempre costumava
Cantar na igreja, em coro, emocionado:

— *"Nasce Jesus, fonte de luz!
Oh! glória a Deus nas alturas!
Paz na terra aos homens
A quem ele quer bem!..."*

Faz tanto tempo já!... Ah! Que saudade
Dos meus dias risonhos de menino!
Quem me dera voltar àquela idade!...
Quem me dera, outra vez, ser pequenino!...

A humanidade passa...

A humanidade passa indiferente
Pela estrada da vida...

Segue atraída pelo brilho do ouro,
Pelo brilho das glórias passageiras,
Na mais vertiginosa das carreiras,
Para a louca conquista de um tesouro...

Efêmero tesouro
De tudo o que é vaidade neste mundo!...

Porém, na alegoria luminosa
Do Evangelho fecundo,
Pregado aos quatro cantos do universo,
Cristo aparece no alto do Calvário,
Sempre na mesma posição piedosa
— Braços abertos, meigo coração —

No seu convite milenário,
Para o festim celeste do perdão.

Ele aparece ao lado dos aflitos,
Consolando os que vivem desgraçados
E minorando os males infinitos
Dos infelizes, dos desamparados...

Porém, esses ingratos,
Ao receberem tantos benefícios,
Voltam de novo à bacanal dos vícios,
Sob a mesma fraqueza de Pilatos...

Cristo, no entanto, é o mesmo eternamente,
E o mundo injusto ao seu amor convida;
Mas passa a humanidade indiferente,
Pela estrada da vida...

Primavera celeste

Quando o pecado penetrou no mundo
Pela mais forte e astuta tentação,
No Éden sorria a eterna primavera,
Mas fora ardia o cálido verão.

E Adão e Eva, expulsos do Éden, viram-se
De olhos abertos à realidade...
O olhar voltaram para o paraíso:
Lá, tudo era descanso e era sorriso;
E tiveram saudade...

Porém, naquele memorável dia,
Prometera a bondade do Senhor,
Que da semente de Eva brotaria
A Primavera do seu grande Amor.

E milênios depois, no ermo da vida,
Que inverno interminável se fizera,

Na manjedoura de Belém, sorrindo,
Jesus nasceu e fez-se, meigo e lindo,
A bênção de uma eterna Primavera.

Para a neve das almas infelizes
O sol primaveril ele se fez,
Tornando-se o milagre das raízes
Nos corações que, como velhos troncos,
Brotaram de esperanças, outra vez.

Ele se abriu em flores para o mundo:
— Nas flores cor-de-rosa da bondade,
— Nas rubras flores de um amor profundo,
— Nas alvas flores da felicidade.

Mas, num dia glorioso e extraordinário,
A apoteose das flores culminou;
Porque, suspensa do alto do Calvário,
Numa festa de pétalas vermelhas,
A Primavera para o céu voltou.

Hoje, que o mundo, pelo seu pecado,
Sofre no ardor de um cálido verão,
Aquele que anda de Jesus ao lado
Leva, no amor eterno iluminado,
A Primavera no seu coração.

Brasil sonhado

Brasil do meu amor!
Brasil sentimental de minha inspiração,
Eu te quisera ver sob a mesma bandeira
Que Cristo desfraldou por nossa salvação!

Mas, entre tanta glória que te exalta,
Entre tantas riquezas e esplendor,
Infelizmente, meu Brasil, te falta
Melhor conhecimento do Senhor.

Repara o interior das tuas matas!
Teus sertões!... Tuas vilas afastadas!...
Ali onde tu és ingênuo e lindo,
Onde cantas nas vozes das cascatas,
Onde gemes nas cordas dedilhadas
E onde vives — tão nosso — sempre rindo,
É justamente ali, Brasil querido,

Que tu não tens o Livro que te ilustre
Nem meios que te façam conhecido!

E eu te quisera ver na vanguarda do mundo,
Ovante, desfraldando o rubro pavilhão
Que Cristo desfraldou, por seu amor profundo,
No Calvário imortal do seu grande perdão!
Assim eu te quisera e assim é que te sonho,
Contemplando o teu mar e este teu céu azul,
Em que vives suspenso, em que vives risonho,
No símbolo de fé do Cruzeiro do Sul.

Mas eu creio, Brasil, no milagre eloqüente
Do eterno sacrifício do Senhor,
Para seres no mundo, brevemente,
Uma luz, uma bênção refulgente,
Brasil do meu amor!...

Ser crente

Ser crente é descansar, num Deus que é caridade,
A esperança que alenta e a fé que nos redime;
É sentir dentro da alma essa doce vontade
De semear o bem, de combater o crime...

Ser crente é refletir de Jesus a humildade,
Para os outros vivendo em renúncia sublime;
É ter sempre um consolo à dor que o peito invade;
É ter sempre um conforto à tristeza que oprime...

Ser crente é conquistar para Deus que perdoa,
De uma existência má para uma vida boa,
O coração que sofre ao peso de um labéu.

Ser crente é possuir como prêmio fecundo:
O encanto de viver e ser feliz no mundo,
A glória de morrer e ser feliz no céu.

Mãe

Mãe! Quando eu vejo um berço onde se inclina
A mais santa mulher, que o filho agrada,
Lamento a minha vida e a minha sina
Que me fez te perder na infância amada.

De então, pela existência peregrina,
Falta-me tudo — mãe! — não tenho nada
Que me dispense a graça pequenina
Duma amizade desinteressada.

Ai! Quem me dera te tornar à vida,
Para inda ouvir a tua voz querida
E em teus braços maternos repousar!

Porque somente o que tem mãe no mundo
Pode encontrar no seu amor profundo
A fé e o alento para crer e amar.

Uma grande missão

Interroga a tua alma e vê se nela existe
O sentimento bom da solidariedade,
E procura levar ao coração que é triste
O bálsamo feliz de tua caridade.

Há gente por aí cuja vida consiste
Em queixar-se de Deus pela dor que lhe invade,
E a maldizer o céu por tudo que lhe assiste
Nos dias de pesar, nas horas de saudade.

Mas se alguém lhe levar, caritativamente,
A Palavra de Deus e um pedaço de pão
E alimentar-lhe, assim, o corpo e a alma doente,

Terá tido no mundo uma grande missão:
Porque nada é mais nobre e mais santo que a gente
Conseguir consolar um triste coração!

A cruz

Instrumento de morte e de suplicio,
Em épocas remotas, era a cruz;
Daí a sua escolha ao sacrifício
Do corpo sacrossanto de Jesus.

Hoje, porém, no mundo ela é indício
De honras e de prêmio que reluz...
Deixou de ser castigo para o vício,
E é símbolo de fé que nos conduz...

No Calvário de cada torturado
Ela se ergue, de braços sempre abertos,
Como refúgio plácido e sagrado.

Bem hajas, pois, ó cruz, pouso divino,
Em que descansam corações desertos,
Pela estrada tortuosa do Destino!...

O exemplo de Salomão

No altar de Gibeão, já se adelgaça
O incenso do holocausto!... E Salomão,
No bafejo da brisa que perpassa,
Eleva a Deus a sua adoração.

— “Suplica-me o que queres que te faça!”
(A voz de Deus lhe fala num clarão.)
E o jovem rei, então, pediu-lhe a graça
De ter sabedoria e retidão.

O Senhor desta súplica se agrada;
E dá-lhe, além da sua petição,
Glória, riqueza e vida prolongada.

Mocidade! Alça em prece o coração,
Mas faze-o com tua alma iluminada
No exemplo singular de Salomão!

Do Livro

O LOUVOR DOS HUMILDES

Tres heróis brasileiros

Três heróis brasileiros

(Depois da tomada de Monte Castelo, quando o Pelotão de Sepultamento chegou à região de Montese, encontrou num terreno abandonado pelos alemães uma singela cruz, sobre a qual, em idioma alemão, havia esta tosca inscrição: "Três heróis brasileiros". Verificou-se, depois, tratar-se dos soldados Geraldo Baeta, Arlindo Lúcio e Geraldo Rodrigues, do 11º RI.)

O dia amanhecera há muito tempo; entanto,
A imensa cerração, como se fora um manto
Grande e espesso, escondia o côncavo do céu,
Daquele céu tão frio e cheio de escarcéu
Que despejava a morte, o sobressalto e as dores
Dos bojos de metal dos bélicos condores...

A pequena patrulha estacou um momento,
Envolta na neblina; o heróico Regimento,

Do qual fazia parte, aguardava a mensagem
Sobre o inimigo audaz, para forçar passagem
Nas linhas de Montese...

Era, pois, necessário
Seguir, a qualquer preço, o ousado itinerário.

A pequena patrulha era de três soldados:
Geraldo, Arlindo e Baeta, unidos e irmanados
No mesmo sacrifício e no mesmo ideal
De dar um lenitivo à angústia universal,
Lutando sem quartel pela igualdade humana,
Legando a liberdade à Pátria soberana...

Estava quase finda a missão recebida,
Quando surgiu, galharda, ao cimo da subida
Da encosta de Montese, uma tropa alemã
Que os ordenou parar...

Já o sol da manhã
Doirava o verde-escuro e fosco da folhagem,
Dando um ar pitoresco à itálica paisagem.

Como se fossem um, intrépidos, ligeiros,
Os três jovens heróis soldados brasileiros
Lançaram-se ao terreno e abriram fogo forte,
Na luta desigual para a vitória ou morte...

— Fogo! Fogo! (gritou Arlindo aos companheiros).
Eles não de saber que somos brasileiros!
Enquanto houver cartucho aqui no meu fuzil,
Haverei de lutar em nome do Brasil!
E Geraldo, ao Baeta: — Agüenta o fogo, amigo,
Senão iremos cair nas mãos desse inimigo,
Que não nos poupará! Fogo! Fogo!

Foi quando,
Refeita da surpresa e melhor manejando
Seus rápidos fuzis, a tropa adversária
Com brio se engajou na luta sanguinária...

Geraldo fustigou pelo flanco direito;
Baeta e Arlindo à esquerda; e de tal forma e jeito,
Que pareciam cem, que pareciam mil
Na defesa incomum das cores do Brasil.
Quando, porém, findou a munição, Baeta
Gritou: — Agora, o assalto! Avante, a baioneta!
Como se fossem um, novamente eles três
Ergueram-se do chão pela última vez
E avançaram, bradando: — Abaixo a tirania!
Viva, viva o Brasil! Viva a democracia!

E, naquele avançar heróico, se escutaram
Três rajadas, três ais, três corpos que tombaram,
Num rasgo de bravura e em protesto viril
À covarde agressão aos foros do Brasil,
Quando foram a pique em águas nacionais
Navios sem defesa e em rotas comerciais,
Levando ao fundo mar centenas de crianças,
De irmãos, de mães e pais, formosas esperanças
Que a Pátria alimentava em prêmio de seguro,
Ao dia de amanhã, à glória do futuro...

Depois, sobre a colina, o silêncio se fez...
Três corpos sobre o chão... E eram cem contra três...
Mais vida e munição tivessem, lutariam,
Pois à força maior jamais se renderiam!...

Ó página de glória, ó gesto sobranceiro
Da história militar da FEB no estrangeiro,
Foste escrita com sangue em terras tão distantes,
Mas o exemplo deixado aos pósteros ovantes
Há de frutificar como um loiro trigal,
Para a manutenção da honra nacional!

E o silêncio se fez... O comando alemão
Da trincheira se ergueu; de binóculo à mão
Observou a encosta, o céu, a redondeza,
Os três corpos no chão... e notou com surpresa

Que o tão bravo inimigo, orçado em cem ou mil,
Eram somente três soldados do Brasil.
Sugeriram-lhe, então, em justa represália
Às baixas que sofreu na campanha da Itália,
Deixar presa a cada um cadáver brasileiro
Uma mina explosiva... Assim, quando o primeiro
Pelotão os viesse erguer pra sepultar,
Com eles, na explosão, voaria pelo ar.

Porém o comandante, um jovem capitão,
Honrando as tradições do Exército Alemão,
Respondeu-lhes, dizendo: — O valor do soldado,
Em qualquer condição, deve ser respeitado;
Eles foram heróis e, por sua bravura,
Como os nossos, terão condigna sepultura!

Foi feita a cova rasa, e os valentes soldados,
Como se fossem um, ficaram sepultados,
Enquanto, em continência, a tropa se postava
E o toque de silêncio os homenageava.
Então, como epitáfio, em idioma alemão,
Foi feita, a tinta preta, esta tosca inscrição
Sobre a singela cruz:

— “Três heróis brasileiros”!
E eram, de outros heróis, louvores verdadeiros!

★

E quando, à tarde, o céu se avermelhou no poente,
Frouxo raio de sol veio, serenamente,
Num beijo singular de amor e despedida,
Trazer o último adeus da Pátria agradecida,
Que os consagrava, assim, soldados verdadeiros:
Três glórias nacionais! “Três heróis brasileiros”!

Gesto heróico

A sineta bateu, convocando o colégio.
A sala estava cheia... O diretor — egrégio
E antigo mestre — entrou.

Ninguém o reparara;
Falavam de uma falta enorme: alguém roubara
Da bolsa de um aluno a clássica merenda.
E o castigo era grande: — uma surra tremenda,
Vinte varadas!... Qual seria o desgraçado
Que iria suportar o braço desalmado
Do velho diretor, aplicando o castigo?
Talvez fosse um colega ou um bedel antigo...

Havia tanta gente ali, humilde e pobre...
E a aparência, afinal, muita miséria encobre...

Enorme burburinho enchia toda a sala...

— Silêncio! — brada o mestre — Aqui ninguém
mais fala.

Houve uma falta grave — um roubo. E é oportuno
Que eu fale claramente: esse tão mau aluno,
Que cometeu tal erro, há de pagar bem caro.
Bem caro, estão ouvindo?

E o que mais eu reparo
É ver que foi de balde o esforço de ensinar-vos
O caminho do bem, da retidão... Mostrar-vos
Que se deve vencer por força de vontade;
Que acima de qualquer febril necessidade
Se coloca o dever!... E eu vejo que as virtudes
Não orientam mais as vossas atitudes!...

O murmúrio aumentou; todos se entreolharam;
E numa singular atitude calaram,
Como para mostrar a força que os fazia
Solidários na dor, na culpa ou rebeldia...

Mas, num canto da sala, humilde, magro e pálido,
Levantou-se um menino. O seu aspecto esquelético
Bem claro demonstrava a miséria sem nome
Que lhe vidrava o olhar nas convulsões da fome.
E, num gesto de quem se vota a um sacrifício
— Como um santo a sorrir no instante do suplício —
Confessa: — Diretor, tinha uma fome cega,
E por isso roubei o lanche do colega!
Fiz mal; ninguém tem culpa; é verdade o que digo!
Estou pronto, portanto, a sofrer o castigo!...

E seguiu cabisbaixo em direção do estrado
Em que todo faltoso era sentenciado.

E o velho diretor lê o código interno:
"O aluno que roubar um lanche ou um caderno,
Nas costas, levará vinte fortes varadas."
E, isso dizendo, despe as costas maceradas
Do pequenino réu...

Vibra o primeiro açoite...

Um gemido se ouviu como um grito na noite...
Outra pancada estala... As pernas do garoto
Começavam a tremer dentro do calção roto...
E o seu olhar voltado ao azul da imensidade
Parecia implorar um pouco de piedade...

E uma onda de horror, de revolta e protesto,
Brilhava em cada olhar, vibrava em cada gesto...

Nisto, um jovem robusto e com porte de rico
Ergueu-se resoluto e disse: — Eu vos suplico
Que permitais, senhor, que eu sofra o seu castigo!...
A merenda era minha e ele foi sempre amigo!...
Mas, se é lei, que se cumpra a lei!...

E, sobranceiro,

Seguiu para o lugar do pobre companheiro;
Tirou o paletó, curvou-se resignado
E deixou que o castigo em si fosse aplicado.
Quando soturnamente a última vergastada
Estalou, como um ai, na costa ensangüentada
Do inesperado herói, o pequeno poupado,
Soluçando, abraçou seu protetor amado;
Beijou-o humildemente e disse-lhe baixinho,
Num gesto fraternal e cheio de carinho:

— Foste o meu salvador, meu nobre e bom amigo,
Pois sofreste por mim as dores do castigo
Que mereci, bem sei, mas não o agüentaria,
Dada a minha profunda e crítica anemia...
Fui culpado de tudo e nunca o desejara...
Suplico-te: perdoa a minha ação ignara!...
Eu saberei ser grato ao bem que me fizeste,
Implorando ao Senhor a proteção celeste
Sobre ti e o teu lar, na certeza que o mundo
Será em tua vida um roseiral fecundo,
Pois onde eu me encontrar, exaltarei, estóico,
O sublime esplendor desse teu gesto heróico!...

★

Nós somos neste mundo uns míseros culpados:
Criminosos, infiéis e cheios de pecados...
Roubamos nosso irmão, o próximo enganamos,
Perseguimos o justo, o trãnsfuga exaltamos,
E tudo o que é de mal fazemos sem piedade,
Para satisfazer nossa perversidade...

E quando a mão de Deus aplica, certo dia,
A justa punição à nossa rebeldia,
Jesus volta de novo ao cimo do Calvário
Para, por seu amor divino, extraordinário,
Receber em seu corpo os látégos e os cravos,
Destinados a nós, miseráveis escravos
Do pecado e do mal!

Por isso, ó Mestre amigo,
Que sofreste, perdoando, a dor do meu castigo,
Recebe o meu afeto humilde, mas sincero,
É a minha gratidão profunda, pois te quero
Exaltar em meu ser e em toda a minha vida,
Nessa consagração de uma alma agradecida,
Que vê, no teu amor e em teu suplicio estóico,
A glorificação de um sacrifício heróico!

Lágrimas em vez de sangue

*(O ambulante judeu, Baruh Charmin, chorou por não
poder dar sangue a Israel.)*

Noite cinzenta. A chuva, enervante e miúda,
Punha na alma da terra esfolhada e desnuda,
A imensa gelidez de uma desilusão,
Dessa que a gente sente e não sabe a razão...

De pé, sob o beiral de uma casa de pasto,
Achava-se um judeu, velho, cansado e gasto,
Que passara o seu dia em grande atividade,
Gritando o seu pregão nas ruas da cidade...
E ali, a contemplar o trãnsito noturno,
Lembrou-se do seu povo... E ficou taciturno...
Tanto tempo sem pátria!...

E agora que fundara
O Estado de Israel, a guerra começara

Terrível, desigual, como a querer de novo,
Na mais torpe injustiça, exterminar seu povo...

Nisto, passa um garoto a correr e a gritar:
— Os judeus do Brasil acabam de criar
O seu Banco de Sangue!

E ele que, intimamente,
Vivia o drama cruel de toda a sua gente,
Perseguida e humilhada em todos os lugares,
Teve, nesse momento, a antevisão dos lares
Livres, em terra livre, onde a família, em prece,
A proteção de Deus outra vez agradece...

Velho, cansado e triste, o ambulante semita
Na história milenar do seu povo medita:
— A saída do Egito, a passagem triunfal
Do Mar Vermelho, e a rocha aberta em manancial
De água pura, e o maná que chovia do céu,
E a nuvem que era luz e de dia era véu,
E o profeta Moisés, e o Decálogo, e as glórias,
E os juízes e o reino, e as soberbas vitórias...
Mas... também toda a luta e peregrinação
Até à derrocada, à morte e à escravidão,
Na longa e singular caminhada da vida,
Na eterna aspiração da Terra Prometida!
Tão velho!... Mesmo assim, com quase setenta anos,
Corpo cheio de dor, alma cheia de enganos,
Sentiu nascer no peito o desejo veemente
E a vontade febril de ajudar sua gente
A restaurar, com toda a sua ostentação,
O reino de Saul, Davi e Salomão.

Que pena ter perdido a sua juventude!
Pois poderia, então, ter a grande virtude
De a pátria defender, filiado a Haganá,
Em nome da justiça e em nome de Jeová.

.....
O dia amanheceu, radiante de esperança;
E o ambulante judeu, que a própria vida cansa,
Chorando de seu povo a desdita cruel,
Seguiu para doar seu sangue a Israel...

Chegara a sua vez. Vibrante de emoção,
Acercou-se feliz da mesa de inscrição;
A enfermeira apanhou a ficha-identidade;
— Seu nome, faz favor.
— Baruh Charmin
— Idade?
— Sessenta e cinco!

E, ali, recordou quanto andara
Para encontrar a pátria, a pátria que sonhara,
Livre, forte e feliz...

Mas ele escuta, exangue:
— Não podemos, senhor, aceitar o seu sangue!
— Senhorita (ele diz a chorar e a tremer),
Não tenho nada mais que possa oferecer
Ao meu povo! Estou velho e vivo solitário!
De que me serve a vida ao fim do itinerário?...
Aceite, por favor, aceite, por piedade,
Meu sangue para o bem da heróica mocidade,
Que, em luta desigual, se bate e se agiganta
Por ver livre raiar o sol na Terra Santa!
Aceite-o, por favor! Para isto é que ainda vivo!...

E prostrou-se a chorar, num pranto convulsivo.

★

Chora, Baruh Charmin! Corra livre o teu pranto!
Teu sangue não irá; tuas lágrimas, no entanto,
Com outras subirão ao trono do Senhor,
Pra descerem, depois, em lenitivo à dor
Dos que lutam com fé em prol da liberdade,

Por um mundo melhor, firmado na verdade,
Onde presida o amor, onde impere o respeito
Ao livre pensamento e à força do direito!
Chora, Baruh Charmin! Que as lágrimas caídas
Sirvam para curar as profundas feridas
Dos que lutam por ver uma nova Betel,
Na sólida união do Estado de Israel!

✕ As duas taças

(Ao fundear próximo do porto de Tel-Aviv, um navio de clandestinos judeus é atingido por uma granada que alcança uma criança, que dormia no colo da avozinha. A menina, antes de expirar, num grande esforço, relembra a lenda "As Duas Taças", na esperança de que chegara o tempo da paz para o seu povo.)

Seis horas da manhã.

Nas fimbrias do horizonte,
O sol ensangüentava os recortes do monte
Que assinalava, atrás de uma espessa neblina,
A nova capital da velha Palestina.

Um barco clandestino ia-se aproximando
De Tel-Aviv. À proa, um grupo miserando
De intrépidos judeus — fugitivos de um mundo
Tão cheio de injustiça e de rancor profundo —

Nutria na sua alma a pálida esperança
De achar na Terra Santa o porto da bonança.
Porém se, infelizmente, ainda fosse preciso
Lutar para alcançar um térreo paraíso,
Onde houvesse o respeito à dignidade humana,
Lutaria com toda a força soberana
Que a confiança em Deus empresta ao coração
Cansado de sofrer e de clamar em vão.

No meio desse grupo estava uma velhinha,
Tendo ao colo, a dormir, uma loira netinha.

Da família de quase umas quinze pessoas
Restavam elas só...

Algumas almas boas
Acharam-nas, depois, nas ruínas da casa
Que os invasores maus transformaram em brasa...
Em seguida, a enfrentar ameaças e perigo,
Foram, de vila em vila e de abrigo em abrigo,
Descalças, sem calor, sem pão... até que, um dia,
Numa praia qualquer, numa manhã bem fria,
Levaram-nas a um barco...

Era a oportunidade
De alcançarem, por fim, a paz e a liberdade.

E, agora, a pobre velha, ao ver a Terra Santa,
Cheia de gratidão, canta em surdina, canta:

Dorme, dorme, anjinho inocente!...

Dorme, dorme...

O Senhor nos vela eternamente!...

Dorme, dorme...

Enquanto houver amor a palpitar

Nos corações judeus,

Com fé também havemos de esperar

A proteção de Deus.

O navio ancorou; mas, nesse mesmo instante,
Ouviu-se um estampido, um ronco retumbante...

Um trágico assobio... uma explosão... um grito
De angústia e desespero...

E o pânico inaudito

A todos dominou...

Quando voltou a calma,
No tombadilho havia e chorava em cada alma
Um corpo inanimado e uma lágrima...

Então,

Um quadro de revolta e dor e sofrimento,
Injusto, desumano e cheio de tormento,
Desenhou-se no vulto arqueado da velhinha,
Que, para proteger o corpo da netinha,
Abraçou-a, sem ver que ela estava ferida...
E a menina, ao notar, na face envelhecida
Da avozinha tremente, a lágrima a rolar,
Num esforço, pergunta, a fim de a consolar:
— É verdade, vovó, que no celeste altar,
Ante o trono de Deus, existem duas taças,
Relicário ideal do infortúnio das raças?
E que numa se vão juntando, comovidas,
Num protesto solene, as lágrimas vertidas,
Por todo coração que sofre injustamente?...
É verdade, vovó, que esse sangue inocente
Dos mártires, dos bons, dos santos, derramado
Na ânsia de conquistar seu ideal sagrado,
De premiar o bom, de respeitar o bravo,
De proteger o pobre e libertar o escravo,
Vai sendo recolhido à outra taça?

— Querida,

É uma lenda antiga; entretanto, na vida,
Ela nos simboliza a promessa divina:
Que, após o sofrimento, a raça peregrina
Há de encontrar a Paz na terra dadivosa,
Há de encontrar o Bem na pátria venturosa!...

— E é verdade, vovó, que quando as duas taças
De lágrimas e sangue estiverem repletas,

Haverá tolerância entre os homens e as raças,
E haverá paz na terra entre as nações diletas?

— Essa lenda, querida, apenas representa
Do nosso povo errante o sonho milenar,
Que vê em nosso drama e em nossa dor cruenta
O preço dessa paz que havemos de alcançar!

Não vês a Terra Santa? Está ali, tão perto!...
É a nossa Canaã!... E Deus Jeová, por certo,
Vendo a nossa amargura e a dor da nossa vida,
Quer dar-nos, outra vez, a Terra Prometida.

Mas, o que tens, filhinha?... Estás desfigurada...
Sentes alguma coisa?...

— E é quando, alucinada,
A pobre velha vê que a netinha inocente
Estava a se extinguir, ferida mortalmente...

— Meu Deus, que hei de fazer?!... Socorrei-me, Senhor!
Ela está viva ainda!... Acudam, por favor!...

E a netinha, a arquejar, lhe fala num sorriso:
— Chore... chore... vovó!... Talvez, no paraíso,
Suas lágrimas irão encher aquela taça
Do nosso sofrimento... E quem sabe se a graça
De Deus permitirá que o sangue derramado
Dos mártires e heróis, do povo torturado,
Encherá a outra taça?!...

E o desejo fremente,
Que há milênios possui o coração da gente,
Fará que a paz do céu venha reinar na terra,
Para acabar com o mal, para extinguir a guerra,
Fazendo reflorir num Éden perenal
A ventura de um mundo amigo e fraternal!...
Chore... chore... vovó!... chore... chore... vovó!...

— Filhinha!... Ó meu amor!... Ó Deus!...
Deus de Jacó!...

Está morta!...

Senhor, não ouviste nossa voz?...
Por que fazeis assim?... Que mal fizemos nós?...
Filhinha!... Dorme agora o teu sono inocente
Na celeste mansão, liberta eternamente!...
E lembra, lembra a Deus que na mesa das graças,
Ante o seu trono augusto, existem duas taças
Que estão a transbordar de lágrimas e sangue
Do seu povo infeliz, despatriado e exangue...

Dorme o teu sono de anjo e nós aqui ficamos
Lutando sem cessar pelo bem que almejamos;
Pois, enquanto pulsar um coração semita,
Viverá a esperança e a certeza inaudita
Da glória que há de vir pela restauração
Da pátria de Israel, do reino de Sião!

X

O beijo da redenção

(Quem foi que me beijou?)

Ao heroísmo anônimo do Exército de Salvação

Certa vez, na Inglaterra, em lúgubre prisão,
Mrs. Booth exercia a sagrada missão
De pregar o evangelho a todo condenado
— A todo que sentisse a culpa do pecado —
Levando a cada qual a plácida esperança
De outra vida melhor, firmada na confiança
Num Deus que tudo pode e tudo justifica,
No Amor que dá perdão, na Fé que santifica.

Mrs. Booth parava em cada cela e, atenta,
Ouvia as queixas mil de cada uma detenta,
E, depois, lhes pregava a mensagem da cruz:
“Eterna salvação no sangue de Jesus!...”

De repente, ela ouviu uns gritos de mulher,
Vindos perto dali, de uma cela qualquer.
Correu para o lugar de onde escutara os brados,
E viu, aos empurrões, levada por soldados,
Uma pobre mulher de pálido semblante,
Em cujo olhar faiscava um ódio provocante,
De quem, não tendo nada a mais para perder,
Procura, na desgraça, o alívio de morrer!...

Os soldados em vão procuravam detê-la;
Cabelo em desalinho, o rosto em sangue... Ao vê-la,
Mrs. Booth sentiu pela infeliz criatura
Infinita piedade e inaudita ternura.
E, em vez de condená-la, amou-a fundamentalmente,
Porque seu coração estava plenamente
Cheio de paz celeste e bondade cristã.

— Que poderei fazer por essa minha irmã?
(Perguntou a si mesma.) E a resposta imediata
Foi aquela vontade ardente que a arrebatava,
Num impulso de amor, para depositar
Na face da infeliz um beijo singular...
Fê-lo com rapidez, quando, na confusão,
A pobre era lançada ao fundo da prisão.
Sem perceber qual fora a pessoa querida
Que lhe havia osculado a face dolorida,
Deixou de praguejar e, ansiosa, perguntou:
— Quem foi que me beijou? Quem foi que me beijou?

Os soldados, porém, sem prestar atenção
Aos rogos da infeliz, trancaram-lhe a prisão,
Dizendo-lhe: — Estás louca! Acaso, alguém no mundo
Bejaria esse rosto envelhecido e imundo?!

No entanto, a desgraçada outra vez indagou:
— Quem foi que me beijou? Quem foi que me beijou?

Mrs. Booth ficou bastante impressionada;
E, no dia seguinte, à hora costumada,

Ao presídio voltou.

A velha carcereira,

Que houvera presenciado a cena derradeira
Da prisão, disse: — Aquela excêntrica mulher
Parece alucinada, a todo instante quer
Saber quem a beijou, ontem, lá no saguão,
Quando era conduzida às grades da prisão.

Mrs. Booth seguiu e entrou na fria cela.
Vendo-a, a pobre se ergueu e perguntou a ela:
— Ontem, quando a senhora, à tarde, aqui chegou,
Por acaso não viu quem foi que me beijou?
Devia ser alguém diferente de todos
Que só me querem mal, só me lançam apodos...
Sim, alguém diferente, algum bom coração
Que teve de meu mal profunda compaixão.
Pois ninguém vem a mim para me confortar,
Para falar de amor ou para me ofertar
Um pouco de ilusão, um nada de esperança...
E, ontem, como no tempo ingênuo de criança,
Não sei, não sei por que, mas alguém me beijou...

Segurando-lhe as mãos, Mrs. Booth falou:
— Explica-me: por que no instante do castigo
Pudeste destacar o simples gesto amigo
De um beijo em tua face?

— Ah! bondosa senhora,
Desde que minha mãe morreu até agora,
Nunca mais recebi um gesto de carinho,
Tampouco um olhar de apoio em meu caminho!...
A minha mãe morreu quando eu tinha sete anos;
Era pobre demais, cheia de desenganos...
E numa noite fria, em meio ao sofrimento,
Vendo se aproximar seu último momento,
Chamou-me junto a si, fez-me ficar de joelhos,
Falou do amor de Deus, deu-me muitos conselhos,
Dizendo-me, a chorar: "Minha filha indefesa,
Quem cuidará de ti no mundo de incerteza?"

Ah! minha pobre filha! ah! minha pobre filha!
Que Deus cuide de ti, te livre da armadilha
Satânica do mal!" E, depois, me abraçou;
Deu-me um beijo profundo, inclinou-se... e expirou...

"Daquele dia em diante, apenas a desdita
É que tenho encontrado em minha vida aflita,
Jogada ao desamparo, enferma e decaída,
Ao mundo me entreguei em paga da comida...
E o mundo me despreza, o mundo me condena,
Mas nunca me alivia o mal que me envenena...
Sou nódoa que envergonha essa sociedade,
Que jamais perdoou minha infelicidade;
Pois em todo lugar tenho sido humilhada,
Recolhida à prisão, perseguida, espancada;
Mas ninguém quer saber por que é que eu vivo assim,
Ninguém quer me ajudar, ninguém cuida de mim!...

Mrs. Booth se ergueu, e, abraçando-a, falou:
— Minha filha, fui eu, fui eu quem te beijou!
Fi-lo porque te amei, e te amei porque Cristo
Naquela hora induziu minha alma a fazer isto,
Para te revelar que o Seu amor profundo
Jamais fez distinção de pessoas no mundo.
Por ele o teu pecado há de tornar-se leve,
E tua alma, tão pura e branca como a neve.
Minha filha, este mundo é assim mesmo inconstante
No modo de julgar: é sempre intolerante
Às faltas do pequeno; entanto, é generoso
Ao erro mais atroz e vil do poderoso...
É sempre desigual na recompensa à plebe,
Pois o que mais trabalha é o que menos recebe...
Discordar dos mandões é converter-se em réu...
Minha filha, somente a justiça do céu
Não nos faz restrições! Só o amor nos redime
Da prática do mal, da execução do crime!
Verdadeiro? Só Deus! Amigo? Só Jesus,
Que consagrou a fé no suplício da cruz,

Legando a todos nós o Novo Testamento,
Que nos garante o céu pelo arrependimento.

Ardente de emoção, sorrindo comovida,
Falou a Mrs. Booth a pobre decaída:
— Ah! minha boa amiga, agora eu creio em Deus,
Creio que ele perdoou todos os erros meus!

Já não sou infeliz nem desejo vingança,
Pois sinto dentro em mim uma nova esperança:
— Doce paz que me dá paciência em suportar
O castigo que a lei resolve me aplicar...

Venha sempre me ver, beije-me sempre, a fim
De que eu possa sentir que alguém cuida de mim,
Alguém que me recorde o doce amor materno,
Alguém que fale em Deus e em seu perdão eterno!

★

E quando, novamente, a pobre decaída
No fundo da prisão sozinha se encontrou,
Ergueu o olhar aos céus e disse agradecida:
— Foi Deus quem me beijou! Foi Deus quem me beijou!

sf - 15/11/51

S9 - 15/11/51

No Getsêmane

No vale de Cedron. A noite enlurada
Prateava o areal da sinuosa estrada
Que leva ao Getsêmane.

Uma enorme tristeza
Parecia apertar a alma da natureza
Que gemia de dor e tremia de medo,
Ao perpassar do vento entre o velho arvoredado...

Pela estrada silente, um grupo caminhava;
Um terror singular a todos dominava.
Olhos postos no chão, passos tardos e lentos,
Cada qual escondia os tristes pensamentos
Que o deixavam suspenso...

O Mestre ia na frente.
Que importaria o mais, se era ele, unicamente,
Toda a razão de ser daqueles que o seguiam,

Nessa heróica jornada em que muitos se uniam
No mesmo ânimo forte e no mesmo ideal
De traçar novo rumo à ordem social,
De ter para a pessoa humana igual respeito,
A todos concedendo idêntico direito,
Na manifestação do artístico talento,
Ou na livre expressão do livre pensamento?...

Entraram no jardim. No horto das oliveiras,
Peneirava-se o luar nas verdes cabeleiras
Das árvores... E, além, o rumor de um regato
Era como um soluço — o soluço do mato —
Que quisesse, talvez, levar ao mundo inteiro
Seu grito de protesto ante o embuste traiçoeiro
De uma sentença má, num julgamento injusto
Que iria permitir o martírio de um justo.

Aos discípulos seus Jesus Cristo ordenou:
— Assentai-vos aqui, enquanto, ali, eu vou
Meditar e orar!... E levando consigo
Pedro, Tiago e João, lhes diz: — Velai comigo,
Pois minha alma está triste e aflita até à morte!

Era a luta pior, era a luta mais forte
Que ele iria travar com a própria carne, cheia
De tendências cruéis, de uma vontade alheia
Aquela que o levava a resolver, um dia,
Tomar a forma humana e, em nossa companhia,
Sofrer a mesma dor e a mesma tentação,
Mas vencer todo mal por nossa salvação.

A tristeza enfraquece o corpo e a alma, e torna
A vontade indecisa, a moral quase morna,
Como se tudo mais que nos cerca ficasse
Parado, indiferente, em frio desenlace...

Na mudez do lugar, sua voz sobressai,
Em doloroso apelo: — Ah! meu Pai, ah! meu Pai,

Se é possível, afasta este cálice de mim!...

Silêncio. Satanás em meio do jardim,
Cinicamente ri e diz, como em segredo:
— Venci-te, Nazareno! Eu sabia que o medo
Da morte estragaria o teu plano ideal
De restaurar o mundo e de vencer o mal...
Nunca o conseguirás, ó Filho de Maria,
Pois o espectro da cruz e o rigor da agonia
Certo te abaterão!... Venci-te, Nazareno!
E eu serei bem maior, ao seres tão pequeno!

Não! Jesus não trairia o seu plano divino;
Pior que a sua dor era o cruel destino
Do mundo; era mister o seu ato vicário
Da oblação corporal, sobre a cruz do Calvário...

E exclama, ao submeter-se à pátria autoridade:
— Mas não se faça a minha, e, sim, tua vontade!

O Mestre ergueu-se firme. Havia triunfado
Na primeira investida... E voltou animado
Para junto dos seus discípulos; porém
Dormindo os encontrou.

— Simão, dormes também?

(Pergunta-lhe Jesus.) — Não podes vigiar
Ao menos uma hora? — E lhes torna a falar:
— Vigiai e orai para que não caiais
Na armadilha cruel das tentações carnis;
O espírito está pronto, entanto a carne é fraca,
E a oração do fiel as tentações aplaca...

A luta desigual entre a essência e a matéria
Proseguia indecisa... À região etérea
O espírito subia, em mística oração,
Enquanto a carne, presa à humana inclinação,
Procurava vencer a angústia indefinida
De suportar a dor, na renúncia da vida...

Cristo voltou ao ponto onde estivera dantes;
Ergueu a mesma prece em gestos delirantes...
Do rosto gotejava um suor cor de sangue...
A cabeça inclinada, o corpo fraco e exangue,
Viu, como num quadro, a torpe ingratidão
Do mesmo povo mau, da mesma multidão
A quem amava tanto, e transformar quisera
Em corações de pomba os corações de fera...
Via Herodes, Caifás, a turba alucinada,
O injusto julgamento, a sentença firmada
No falso testemunho, a negação do amigo,
Dos adeptos a fuga, o infamante castigo,
O abandono de Deus na hora do sacrifício,
A vitória do mal, o triunfo do vício...

E por isso apelou: — Se é possível, meu Deus,
Esta taça de fel passa dos lábios meus!

Satanás outra vez se julga vencedor:
— Perdeste, Nazareno! Eu notei que o pavor
Dominava a tua alma... Anda! Rende-te agora!
É chegada, afinal, essa almejada hora,
Em que, vendo sem fé teu trabalho infecundo,
Hás de lançar-te aos pés do Príncipe do Mundo.

Mas Jesus, nesse instante, ergue a fronte aprazível
E balbucia: — Ó Pai, se isso não for possível,
Faze a tua vontade!

E a própria natureza,
Escurecida há pouco em trágica incerteza,
Se iluminou de novo, à doce luz do luar,
Vendo Cristo Jesus outra vez triunfar.

Cansado, mas sereno, o Mestre vai de novo
Os discípulos ver...
Quão fraco era seu povo!

Estavam todos já dormindo novamente,
Nenhum só vigiava... E Cristo, ternamente,
Torna a recomendar vigilância e oração
Para poder vencer o mal da tentação...

Terceira vez, Jesus, voltando ao horto, implora:
— Se é possível, meu Pai, passa de mim esta hora!

E outra vez Satanás contava com a vitória:
— Tu não suportarás essa paixão inglória,
Ó pálido Rabi! É inútil teu martírio...
O povo que te segue agora com delírio
É o mesmo que amanhã te crucificará...
E, ao subires à cruz, ninguém se lembrará
Que deste vista ao cego ou reviveste o morto,
Que curaste o leproso ou que bebeste no horto
A taça do amargor... Todos se esquecerão
De todo o teu ensino e de tua missão!...
Para que, pois, morrer por gente tão ingrata,
Que recebe o favor e após despreza e mata
O próprio benfeitor? Ó pobre Nazareno,
O fel da ingratidão é pior que veneno!
Desiste desse plano ideal de salvação!
O povo que pecar, que morra sem perdão!

Cristo, embora prevendo a injustiça e a maldade
Dos homens, se moveu de íntima piedade,
E disse: — Pai, farei os teus santos misteres!
Não se faça o que eu quero, e, sim, o que tu queres!...

Era a resolução final, definitiva;
Era a vontade firme, augusta, imperativa,
De completar na cruz a obra da redenção,
E de a morte vencer pela ressurreição...

Por isso ele seguiu sereno, sem rancor,
Para o seu sacrifício esplêndido do amor.



Perdeste Satanás! Teu ardil fracassou!
Na batalha da carne, o Espírito triunfou!...

Sobre a sombra da morte e o espectro da cruz,
Elevou-se mais alto a glória de Jesus,
Cujo amor infinito, excelso, extraordinário,
A todos atraiu ao cimo do Calvário,
Nesse doce convite ao divino perdão,
Pelo poder da fé na regeneração!

A oportunidade de Zaqueu

Jericó. A cidade inteira se alvoroça.
Em todo coração e em cada olhar se esboça
Uma nova alegria e uma crescente fé.
Nas ruas principais, a multidão, de pé,
Unida pela mesma esplêndida esperança,
Aguardava paciente e cheia de confiança
A vinda de Jesus.

Aqui, era um mendigo
Que queria encontrar o apoio de um amigo;
Ali, era um enfermo, um cego, um aleijado,
Cada um nutrindo a fé que seria curado;
Mais além, era algum espírito inquieto
Que buscava encontrar o ensinamento reto;
E todos, afinal, sentiam dentro da alma

O desejo de ter a paz perfeita e calma,
Que fez do homem que crê em Deus, Criador do mundo,
A suprema expressão do seu amor fecundo.

Em meio à multidão, um rico publicano,
De pequena estatura, esforço sobre-humano
Fazia para ver a estrada em que devia
Jesus Cristo passar, mas nada conseguia...
Ele queria tanto olhar para esse homem,
Que — diziam — curava as mágoas que consomem,
E dava a quem possui a alma desiludida
Nova disposição para enfrentar a vida...

Talvez quisesse o Mestre ouvir o seu apelo,
Seu grito de socorro...

Ah! se pudesse vê-lo...

Conseguindo sair da turba que o apertava,
Viu à margem da estrada uma figueira brava;
Subiu depressa e, ali, aguardava tranqüilo
A vinda de Jesus, só para vê-lo e ouvi-lo.

Surgiu a caravana ao longo do caminho.
O povo se agitou, cresceu o burburinho.
Cegos, mudos, plebeus, soldados, mercadores,
Escribas, fariseus, sábios, mestres, doutores,
Forasteiros, anciãos, mulheres e crianças,
Todos, cheios de fé e doces esperanças,
Queriam resolver seus múltiplos problemas,
Conseguindo de Cristo as soluções supremas.

O Mestre se aproxima. E no alto da figueira
Zaqueu rememorava, em rápida carreira,
Sua vida pregressa: a falta de critério
Na cobrança do imposto injusto para o Império,
As extorsões, a fraude, a ânsia de enriquecer,
Na indiferença atroz do alheio padecer...

Como ele poderia olhar para essa luz
Que o condenava, ali, aos olhos de Jesus?!...

Nesse instante de angústia e de íntimo desgosto,
Escondeu entre as mãos nervosas o seu rosto;
Mas Jesus, que conhece o drama mais pungente
Que às vezes alucina o coração da gente,
Olha para Zaqueu e diz-lhe em gesto amigo:
— Desce, que me convém pousar hoje contigo!
A fé que o fez subir a essa figueira brava
E o convite de Cristo, isso tudo lhe dava
Um risonho conforto, uma doce impressão
De que o Mestre lhe ouvira a voz do coração.

E sentiu novo alento e uma santa vontade
De viver para o bem, de fazer caridade,
Abrindo a alma em rosais de dádivas e amores
À justa indignação dos seus acusadores.

Desceu logo e seguiu ao lado de Jesus,
Como um cego que, ao ver, se extasia com a luz;
E sentiu-se feliz e grandemente honrado
Quando Jesus entrou no seu lar odiado.
Porém a multidão, que o via com rancor,
Murmura: — O Mestre entrou no lar de um pecador!
Talvez ele não saiba o que este publicano
Faz contra nós, por bem do governo romano;
Um homem que não tem piedade dos demais,
Pois vive a nos cobrar impostos ilegais!

Mas Zaqueu se dirige em lágrimas a Cristo:
— Senhor, fui desalmado e injusto, mas desisto
Da minha posição e, em louvor do teu nome,
Eu prometo ajudar a quem tem sede e fome;
Desejo te seguir na plácida missão
De levar o conforto e o bem a meu irmão;
Quero trilhar, Senhor, teu nômade caminho,
Levando a quem padece um pouco de carinho;
De tudo o que possuo, eu quero dar metade,
Como auxílio à viuvez, à pobreza e à orfandade;
E, se em alguma coisa eu tenho defraudado

Alguém, restituirei, Senhor, quadruplicado!
Quero aplicar na vida, agora, o teu ensino,
Para que a luz do céu se espelhe em meu destino
E o sol do teu amor me aqueça o coração!

E o Mestre quando ouviu tão grata confissão,
Voltou-se e disse à turba, em voz suave e terna:
— Hoje veio a esta casa a salvação eterna,
Pois Deus mandou ao mundo o seu Filho querido,
Para poder salvar o que estava perdido!



E, assim, o Salvador, sobre o poder do mal
Na vida de Zaqueu, pôs um ponto final,
Para que ele pudesse iniciar de novo
Um período feliz na vida de seu povo,
Convidando-o a subir pelo arrependimento
Às árvores do Bem, da Fé, do Amor, da Luz,
De onde se pode ver, como um deslumbramento,
No cimo do Calvário, a glória de Jesus!

Os estatutos de Deus

(À Bíblia)

Livro inspirado em que o Senhor nos fala
De um transcendente e divinal amor,
Onde o perfume do perdão trescala
E a graça se abre qual risonha flor;
A Bíblia encerra tudo o que é de belo,
De santo e puro, verdadeiro e bom;
É contra o mal o mais febril libelo,
Mas é do bem o imarcescível dom.

Livro bendito em que Jeová revela
Toda a grandeza do seu coração,
Em cuja história cada herói anela
A luz da crença para a perfeição;

A Bíblia tem para qualquer pessoa,
Que do pecado foge, aos seus ardis,
Uma esperança pra tornar-se boa,
Uma promessa para ser feliz!

Livro que guarda como recompensa
Um lenitivo para consolar
O que procura na mansão da crença
A paz que o mundo não lhe pode dar.
A Bíblia é escrínio da sagrada história
De Adão e Eva, de Caim e Abel,
Da punitiva dispersão inglória
Dos edificadores de Babel...

Livro que salva do Dilúvio às águas
Um novo mundo na arca de Noé;
E, para do homem confortar as mágoas,
Mostra em Abrão a verdadeira fé;
A Bíblia é um céu, brilhando no estrelário
De um gênio — Isaque, de um valor — Jacó,
E em José — sonhador extraordinário,
É a salvação de Israel e Faraó...

Livro sagrado em que Jeová nos dita
Pela voz de Moisés a eterna Lei:
A carta magna da Canaã bendita,
Onde o Senhor é Deus, é Pai, é Rei...
A Bíblia é a fonte de eternal poesia,
A inspiração do canto emocional,
É um tesouro de lírica harmonia,
É o reino do Saber e do Ideal.

É Josué, bravo e forte, ante os perigos,
É Rute humilde convertida a Deus,
É Débora vencendo os inimigos,
É Davi derrotando os filisteus,
É o sábio Salomão erguendo o templo,
É Samuel a julgar com retidão,

É Elias dando em sua vida o exemplo
Da mais pura e leal consagração.

É o bravo Gideão com os seus trezentos
Conquistando a vitória em Midiã,
É Josias relendo os mandamentos
E restaurando o templo com Safã...
É Neemias, em lágrimas, pedindo
A Deus auxílio e... que do rei obtém
Todos os meios para ir reconstruindo
O muro, em ruína, de Jerusalém...

É Jó, que sofre com paciência tudo
E diz: — Do nada vim e irei para lá...
Deus me deu posses e as tomou... contudo,
Bendito seja o nome de Jeová!...
É Isaías falando a Deus, em sonho:
— Ó, eis-me aqui, envia-me, Senhor!
É Jeremias, súplice e tristonho,
Lamentando o seu povo pecador.

É Daniel, calmo e bom, que se deixara,
Por Deus, lançar na cova dos leões,
É Jonas, que a Nínive aconselhara
Voltar a Deus na luz das orações,
São todos os cantares dos poetas,
Mostrando, em versos, o esplendor do céu,
São todas as mensagens dos profetas,
Do altar de Deus descortinando o véu...

Livro cuja leitura boa é um misto
De conselhos, avisos, repreensões...
E que nos dá, na anunciação de Cristo,
Novo vigor aos fracos corações.
A Bíblia é mil promessas e esperanças
De um paraíso e um céu, sorrindo assim:
Nos roserais das bem-aventuranças,
No Éden de amor que não terá mais fim.

É um coro de anjos que dos céus descerra
As cortinas azuis para cantar:
"Glória a Deus nas alturas! Paz na terra!
Boa vontade aos homens para amar!"
É a reverência humilde dos pastores,
É a adoração dos magos, é também
A esperança do mundo, aberta em flores,
No risonho presépio de Belém.

É João Batista, o precursor sagrado,
Preparando nas margens do Jordão
A seara em que o Messias revelado
Plantaria o evangelho do perdão;
É a chamada dos doze para a luta
Da descrença, da fé, do bem, do mal;
É a força da vontade resoluta
De melhorar o mundo desigual...

É a luz reveladora do milagre,
É a palavra eloqüente que seduz,
É o sofrimento imensurável e agre
Nos braços infamantes de uma cruz;
Mas é também a glória imorredoura
De quem, vencendo a morte, ressurgiu,
Para ofertar a graça salvadora
A todo coração que à fé se abriu...

É a conversão de Saulo, o transformando
No arauto do evangelho — o pregador —
Que fez da vida o sol do amor, brilhando,
E traz no corpo as marcas do Senhor;
É o testemunho verdadeiro e estóico
De todos os discípulos leais,
Em cujas vidas o valor heróico
Prega a verdade e não se cala mais...

É Paulo e Silas presos ferozmente,
Mas inda fortes para a Deus louvar;
É a confissão de um carcereiro crente:

— Senhores, que farei para me salvar?
É Pedro a um coxo a proclamar, sereno:
— Não tenho prata, mas isto eu te dou:
Em nome de Jesus, o Nazareno,
Levanta-te, anda! — E ele se levantou...

É o Gênesis de toda a obra divina,
O Apocalipse da revelação,
É o Velho Testamento da doutrina,
É o Novo Testamento do perdão,
É o passado chorando na saudade,
É o presente que avisa o bem e o mal,
É o futuro a brilhar na integridade
Da justiça de Deus, na hora final...

É, finalmente, o sacro relicário
De prece e bênção, de poder e luz,
Que mostra ao mundo, no alto do Calvário,
O sacrifício eterno de Jesus;
A Bíblia é tudo o que há de belo e nobre,
De puro e santo, forte e varonil:
— Doce esperança para o povo pobre!
— Luz salvadora para o meu Brasil!

Creio em ti, mocidade!

(À Mocidade Evangélica do Brasil)

Mocidade cristã de minha terra,
— Não vês? — A humanidade está clamando
Contra a injustiça de uma nova guerra,
Cujo espectro já vem se aproximando...
É a maldade dos homens que procura
Destruir o edifício da família
Que se debate em ondas de loucura
Pela falta de fé e de vigília...

No entanto, eu creio em ti, que fazes tudo
Para manter nas almas infelizes,
Pelo alento das preces e do estudo,
A esperança nas últimas raízes...
Pois tua glória está nas atitudes

Que tomas nos momentos mais atrozes,
Praticando o evangelho das virtudes,
E elevando em lições as tuas vozes...

É preciso que lutes! É preciso
Que levantes a voz como trombeta
Dando o toque de alerta, dando o aviso
Do perigo que ameaça este planeta!...
É preciso que creias seriamente
Na tua força regeneradora,
Para plantar no coração da gente
O bem de uma esperança imorredoura.

Creio em ti, quando, esplêndida, te embrenhas
Em prol de nossas plagas sertanejas,
E, em favor dos humildes, tu te empenhas
Na mais árdua de todas as pelejas...
Pois a Pátria, explorada e incompreendida,
Se renova em teu sonho diamantino,
Para a restauração da sua vida
E a glorificação do seu destino.

Toda a angústia que aperta o nosso peito,
Na incerteza de um mundo mais sereno,
Vem da falta de apoio e de respeito
À pessoa do fraco e do pequeno;
Não faças distinção pela aparência,
Mas trata a todos com igual carinho,
Que às vezes o saber e a inteligência
Nos julgam pelo olhar de um pobrezinho...

Creio em ti, que te insurges corajosa
Contra o mal, contra os erros dos tiranos,
E defendes a idéia luminosa
Do combate aos preceitos desumanos...
Desfralda, pois, o céruo estandarte
Que o evangelho de Cristo simboliza,
E prega essa verdade em toda parte,
Como a mais nobre e lúcida divisa...

O nosso povo é bom e hospitaleiro,
Apesar de ser malcorrespondido;
Aqui, o nacional ou o estrangeiro
Igualmente é tratado e recebido.
Que terra boa para a sementeira
Da verdade, do bem e da harmonia!...
Prosegue, mocidade, com bravura,
Na batalha da crença, cada dia!...

É nos moços que a Pátria deposita
Seu amor, sua fé, sua esperança,
Na vontade magnífica e bendita
De quem quer ser feliz e tudo alcança...
O gigante que dorme, fascinante,
Na paisagem febril de nossa história,
É o ideal que desperta nesse instante
Para a eterna conquista da vitória...

Eu creio em ti, galharda mocidade,
No anseio heróico que tua alma encerra,
De assegurar a paz à humanidade,
De promover a salvação da terra!
Bem haja, pois, o teu esforço íngente
De construir com a Bíblia um mundo novo,
Para tornar feliz a nossa gente
E fazer venturoso o nosso povo!

Ensina-me a viver!

Ensina-me, Senhor, a viver como as flores,
Perfumando os jardins e ornamentando a vida,
Abrindo-se em sorriso e em dádivas de cores,
Na glorificação da terra agradecida!

Ensina-me a viver como vivem os rios,
Nutrindo os animais, fertilizando os prados
E levando aos sertões e aos matagais sombrios
O conforto da seiva e a bênção dos banhados!...

Ensina-me a viver como as florestas densas,
Dando frutos e sombra a toda criatura,
No altruísmo de dar sem querer recompensas,
No prazer de ajudar quem cansado as procura...

Ensina-me, Senhor, a viver como as aves,
Entrecortando o espaço em doces burburinhos,
Exaltando a criação com seus cantos suaves
E enaltecendo o amor no aconchego dos ninhos!

Ensina-me a viver, Senhor, como as crianças
Na expansão singular de sua ingenuidade,
Tendo em cada sorriso um mundo de esperanças
E em cada beijo puro um rosal de bondade!

Ensina-me a viver como as noites e os dias,
Invernos e verões, outonos, primaveras,
Na glória de espalhar descansos e alegrias,
Ao perpassar sem fim dos anos e das eras!...

Ensina-me, Senhor, a viver como os santos,
Na missão de espalhar o bem e a paz no mundo:
De quem vive chorando, a lhe enxugar os prantos,
E a quem vive tão só, dando-lhe amor fecundo.

Ensina-me, por fim, a viver como queres,
Pronto para servir, vendo que em ti existo,
Exaltando, em Maria, a glória das mulheres,
E, nos homens, cantando a exaltação de Cristo!

X Noite de paz

Toda a bondade, toda a esperança,
Que anima o velho e exalta a criança
No mesmo ideal,
Vem do teu berço, divino Mestre,
Que marca a nova era terrestre
No teu Natal.

Em qualquer parte do mundo inteiro
Há sempre um templo, sempre um pinheiro,
A anunciar
Que tu nasceste para que o mundo
Tivesse o ensejo grato e fecundo
De se salvar.

Em todo lábio que te agradece
Mais doce é o hino, mais santa é a prece,
 Mais pura é a voz,
Pois nesta noite nasce de novo
Para a alegria de todo o povo,
 De todos nós...

Ai! Quem me dera, Jesus bendito,
Que todo o mundo cansado e aflito
 Quisesse ouvir
O teu apelo de todo o ano,
Para despir-se do ódio humano
 E te seguir;

Seguir a estrela do teu ensino
Para tornar-se como um menino,
 Que te bendiz
Na sua doce e casta alegria,
Na sua ingênua sabedoria
 De ser feliz.

Que a tua nova, serena e boa,
Encha de graça cada pessoa,
 Seja quem for;
Que na amargura mostre um sorriso,
E ache a promessa de um paraíso
 No teu amor.

Noite de bênçãos feliz e linda.
Que o teu luzeiro rebrilhe ainda,
 Rebrilhe mais,
Glorificando a Deus nas alturas,
E unindo todas as criaturas,
 Na tua paz!

X

Suprema decisão

Ó tu que a todo tempo e em todos os lugares,
Velada ou claramente, anuncias a paz
E esforças-te em firmar nos povos e nos lares,
Pelos elos do amor, as bases fraternais;

Tu que manejas firme as penas e os teares
Na ânsia de a todos dar recompensas iguais,
E tentas resolver problemas seculares
Por códigos cristãos e humanos tribunais;

Ó tu que forjas na alma o aço da resistência
E sacrificas tudo em nome da ciência,
Do direito, da fé, da justiça e do amor;

Não recues jamais; morre, se for preciso,
Como Cristo morreu legando um paraíso,
Como Estêvão morreu perdoando o agressor!

Legítima vitória

A multidão surgiu na noite escura
Com varapaus e espadas, tendo à frente,
De Judas, a sacrílega figura
Que beijou de Jesus a fronte ardente...

Mas Pedro, ao ver-lhe a saudação perjura
E a maldade da turba, de repente,
Na destra, a espada rútila segura
E fere o servo Malco irreverente...

Cristo, porém, reprova essa atitude
E lhe diz que dos simples a virtude
Está em sofrer tudo sem rancor,

Porquanto a mais legítima vitória
Não é por armas alcançar a glória,
Mas conquistar o mundo pelo amor.

Sábio julgamento

— Se teu irmão pecar (disse Jesus um dia),
Procura-o pessoalmente e com serenidade
Repreende-o; e, se ele aceitar a verdade,
Ganhaste o teu irmão, para a tua alegria.

Mas, se ele não te ouvir, em tua companhia
Leva mais dois irmãos e, plácido, o persuade
De voltar à união dessa comunidade
Em que o temor de Deus se fez sabedoria...

Se ele insistir, porém, na prática da ofensa,
Ou quiser prosseguir na injusta indiferença,
Considera-o, então, fora da comunhão!...



Amigos da verdade e do cristianismo,
Tende mais caridade e menos egoísmo,
Quando fordes julgar a obra do vosso irmão!

O exemplo de Jó

...E Deus falou a Jó: — Quem ao mar ululante
Pôs limites e disse às águas revoltadas:
"Até aqui virás e não mais adiante!
Aqui se quebrarão tuas ondas empoladas!"?

Jó quedou-se em silêncio; a pergunta inquietante
Forçara-o a esquecer as dores prolongadas,
Pois fê-lo crer que Deus podia, num instante,
Restaurar-lhe a saúde e as venturas passadas.

Ninguém pode sondar os mistérios divinos
Nem tirar conclusões de trágicos destinos,
Como sendo castigo ou vingança dos céus;

Pois o exemplo de Jó nos mostra claramente
Que às vezes Deus permite o martírio do crente,
A fim de converter as almas dos incréus.

A paz do Senhor

— “Deixo-vos minha paz! A minha paz vos dou,
Não como o mundo a dá!” (disse Jesus). No entanto,
O homem, desprezando esse legado santo,
Quis firmá-la em convênio e em arma... e fracassou.

A bomba de hidrogênio, a linha Maginot,
Bloqueios e sanções — paz firmada no pranto
Dos órfãos e das mães — nada resolve, enquanto
O mundo desprezar o que Cristo ensinou.

Nenhum bem pode ser imposto a ferro e fogo;
O que os homens estão fazendo é o negro jogo
Que no vale da morte incita Satanás...

Só a fé santifica e só o amor constrói;
É o verdadeiro santo, e o verdadeiro herói,
É aquele que semeia a fé, o amor e a paz!

Do Livro

E OUVIU-SE UMA VOZ DO CÉU

De ilusão e esperança

Em 1938, quando o mundo estava mergulhado na escuridão da Segunda Guerra Mundial, surgiu um livro que trouxe uma mensagem de esperança e fé. O livro, escrito por um autor anônimo, narra a história de um homem que, após uma experiência espiritual, recebe uma voz do céu que lhe promete a salvação e a vida eterna. A obra é considerada uma das mais importantes da literatura cristã do século XX, pois trouxe uma nova perspectiva sobre a fé e a esperança em tempos de crise e desespero.

Desilusão e esperança

I

Brada sem esperança o homem desiludido:

— Não há mais salvação para o mundo perdido!
Que importa fazer bem, se disso a recompensa
É a fuga, a ingratidão, o esquecimento, a ofensa?
Propagar a verdade e a justiça exercer
É o mesmo que subir à cruz para morrer!
O que impera no mundo é o crime e a traição;
Vence quem pode impor a força do canhão;
A palavra empenhada é verbo sem valor;
O cinismo tomou o lugar do pudor;
Compromisso nenhum possui mais importância;
A mestra modernista é a Senhora Ignorância;
O ensino corrompido e o estudo adulterado
É que vão solapando o alicerce do Estado;

As próprias religiões esquecem seus fiéis
Para viverem sempre em lutas sem quartéis,
A fim de conseguir política hegemonia
Da crença universal, da fé da maioria...
O lar já não é mais o asilo inviolável,
Tampouco a família é força inquebrantável,
Pois o pátrio poder é mera convenção,
E o próprio amor materno está sempre em função
De alguma conveniência ou de simples vaidade
Que até se sobrepõe à personalidade...
Todos querem fugir aos mínimos deveres;
Interessam-lhes só os lúbricos prazeres,
Nunca lhes importando o modo de alcançá-los;
E, para os conseguir, nos curtos intervalos,
Roubam, matam e vão depois cinicamente,
Disfarçados, cada um, num esmoler ou crente,
Explorar a piedade ou a superstição
De um povo sem critério e sem educação.
A atitude modesta e franca do Messias
É vilmente trocada, agora, em nossos dias,
Pelo falso esplendor dos cerimoniais...
O mais enaltecido é o que aparenta mais
Ser religioso ou culto ou muito interessado
Pela situação do pobre ou desgraçado...
O lema é concordar com tudo o que fizer
Aquele que o poder em suas mãos tiver...
Reduz-se à condição de anátema o idealista
Que reprova e combate o abuso mandonista
Dos senhores feudais e dos usurpadores
Que condenam sem prova os edificadores
Da heróica resistência a toda escravidão
Política, social, ou mesmo da razão;
Porquanto, a esses chacais, apenas lhes convém
A atitude dos que lhe gritam: — Muito bem!
Em meio à sociedade hipócrita e vaidosa,
A alegria é forçada e a crença é mentirosa...
Não! Não creio em mais nada! A vida é ingrata e má!
Talvez somente a morte a dor me extinguirá;

Do mundo enganador, o excêntrico relógio
Bateu a hora fatal do humano necrológio!
Malditos sejam, pois, a vida e o homem perverso,
Que fizeram da guerra a deusa do universo!

★

Ouvindo esse clamor de justa indignação,
Revoltou-se também meu triste coração,
Pois, vendo em toda parte o sofrimento humano,
Só espera encontrar o amargo desengano
Ao fim de uma existência em lutas consumida,
Para alcançar o céu na escalada da vida...

II

Porém o homem de fé exclama comovido:

— Amigo, vem e vê: nem tudo está perdido!
A lâmpada do amor e o facho da verdade
Inda brilham, mostrando o bem à humanidade.
Há muito coração piedoso que não cansa
De pulsar e sorrir radiante de esperança,
Ministrando e vivendo o evangelho da graça
Como aviso e convite ao descrente que passa...
A pronta solução aos problemas da vida
Não está em se ter fartura de comida
Nem a paz aparente, e, sim, em procurar
Viver como Deus quer, humilde a trabalhar
Em bem do semelhante, amando ardentemente
As almas em perigo, as vidas dessa gente
Que não crê em mais nada e que, no entanto, ainda
Pode achar em Jesus a vida boa e linda,
Pois a felicidade e as íntimas venturas
Estão na doce paz das consciências puras,
Que fazem da alegria e do prazer alheios
O motivo central dos seus castos anseios...
Dar tudo, sem pensar em qualquer recompensa,
É o fruto de quem vive a sua própria crença;
Cantar — tendo o feliz propósito de ungir

Com o bálsamo da fé alguém que possa vir
A achar no Salvador, sempre sincero e manso,
A placidez de um lago, a sombra de um descanso;
Sorrir — tendo, porém, essa finalidade
De às almas irradiar uma felicidade;
Pregar — tendo o cuidado e o zelo de poder
Nas mentes inculcar a virtude de crer.
Vivendo e agindo assim, as tristezas e as dores
Serão como o frescor dos frutos e das flores,
Enfeitando um jardim onde o sol da alegria
Festeja a exaltação da beleza do dia...
O orgulho, a inveja e o mal, diante da plenitude
Do amor que se fez luz, transformam-se em virtude,
E é renúncia, e é serviço, e é desejo crescente
De encorajar o fraco e de curar o doente,
Fazendo do labor as dádivas benditas,
Para os homens sem fé, para as almas aflitas...
O mundo injusto e mau será transfigurado,
Quando o amor suplantar os erros do pecado...
A paz não se alicerça apenas nos contratos;
Ela deve firmar-se em virtudes e fatos
Que demonstrem que Deus, santíssimo e perfeito,
Já foi no coração da humanidade eleito
Como Pai, como Rei, como eterno Juiz,
Aplicando as sanções para a tornar feliz.
Amigo, vem e vê que, ao lado de Jesus,
A dor se transfigura em poema de luz!
E, na mente liberta e na alma convertida,
Inaugura-se um céu para a glória da vida!

*

Ouvindo essa canção de fé e de esperança,
Minha alma renovou-se e encheu-se de bonança,
Pois soube descobrir na voragem do mundo
Um porto em que floresce um Éden mais fecundo
E onde se pode achar, na alegria e na paz,
A ventura de um bem que não se extingue mais!

Boa-noite!

(Ao Professor Lauro Bretones)

Foi numa noite triste — uma noite chuvosa —
Que a notícia chegou soturna e dolorosa
À casa do pastor:

— “No centro da cidade,
Houve um grande desastre: uma fatalidade!
Um ônibus bateu num bonde e, desse choque,
Saiu muito ferido o Reverendo Roque...
E lá do hospital envia um apelo:
Para irem visitá-lo, os seus, depressa vê-lo,
Porque talvez não torne a ver a luz do dia...”

Que notícia infeliz! Que noite amarga e fria!...

Quatro filhos e a esposa ergueram-se da mesa,
Movidos pela dor da trágica surpresa,
E saíram correndo em busca do hospital.

Entraram no seu quarto. O pastor fez sinal
Para chegarem perto; e a cada qual falava
Com o terno olhar de quem a todos venerava.

Dirigiu-se primeiro à esposa mui querida:
— Companheira fiel de toda a minha vida,
Juntos temos andado, e pela mesma causa
Trabalhamos com fé, sem um dia de pausa...

Hoje, como no dia em que te desposei,
És a mesma mulher e amiga a quem amei
E amo com o mesmo ardor dos meus vinte e dois anos,
Como haverei de amar nos celestes arcanos...
Boa-noite, esposa amada! Outra vez nos veremos,
Quando juntos, no céu, ao Senhor louvaremos.

— E a ti, Maria, que és minha primeira filha
E foste o meu prazer, seguindo a mesma trilha,
Boa-noite, filha! Agora, em paz com Cristo vai
E não te esqueças mais do meu amor de pai!...

— Boa-noite, meu Guilherme! Ó filho dedicado,
Tua vida de fé em nosso lar sagrado
Foi o mais belo exemplo, a melhor recompensa
Que Deus me concedeu à luz de minha crença;
Continua a crescer nas virtudes cristãs
E sê o protetor de tua mãe e irmãs!

— Célia, filha extremosa e cândida, boa-noite!
Foste uma luz na treva, um bálsamo no açoite
Da ingratidão do mundo... Ah! me recordo agora
Daquele instante bom, daquela ótima hora
Em que rendeste a Deus tua alma arrependida,
Deixando-a ao seu dispor pelo resto da vida...

Mais uma vez: Boa-noite, ó filha dedicada;
Que o Senhor te conserve em sua obra sagrada!...

Carlos — terceiro filho — olhou o pai, sentido,
Porquanto à irmã mais moça o havia preferido...
E o motivo lhe vinha inexoravelmente
Ao triste coração, à alma convalescente:

Fora, há tempo passado, um bom servo da seara
E, ao lado do seu pai, ativo trabalhara...
Mas companheiros maus e a péssima influência
De colegas sem brio arparam-lhe a consciência,
Fazendo-o recuar na batalha do amor
E apostatar da fé em Deus, nosso Senhor.

Chegou mais perto e ouviu o pai triste dizer:
— Adeus, Carlos! Adeus! Fugiste ao teu dever!
Eu quisera poder falar-te as mesmas coisas
Que disse à tua mãe e irmãs... E tu nem ousas
Encarar-me... Esqueceste os bons conselhos meus...
Porém eu te amo ainda!... Adeus, Carlos! Adeus!...

Carlos, caindo aos pés do leito, soluçando,
Perguntou: — Pai, por que aos outros, osculando,
Você disse "Boa-noite!", e a mim só disse "Adeus!"?

— É que os outros, meu filho, espero-os lá nos céus,
Para entoarmos a Deus, por nossa salvação,
O cântico eternal da nossa gratidão!

— Meu pai! (Carlos confessa em lágrimas, de joelhos)
Eu prometo a Jesus seguir os seus conselhos!
Eu já me arrependi! Eu lhe falo a verdade!
Vou dedicar a Deus a minha mocidade,
Servi-lo para sempre!...

— Assim sendo, meu filho,
Posso agora dizer, sem nenhum empecilho:

Boa-noite... E que o Senhor te guie e te proteja
No aconchego do lar, no serviço da igreja!
Boa-noite, filho meu!...

E, tendo dito isto,
Suavemente expirou... e descansou em Cristo.

✱

Ó tu que andas gastando a tua mocidade
Nas orgias do mundo ou na incredulidade;
Tu que buscas na ciência ou na filosofia
Explicação para alma ou para matéria fria;
Tu que não crês em Deus nem na vida futura;
Tu que vives sofrendo ao peso da amargura;
Ou tu, que já seguiste o caminho da cruz
E hoje negas, sem fé, o nome de Jesus;
Pára! Volta! Que a morte horrenda e traiçoeira
Pode cortar-te ao meio a aligeira carreira
Para o desconhecido!...

— Então, o eterno Deus
Apenas te dirá: — Ó filho ingrato, adeus!
Porém, se arrependido e em lágrimas voltares
Ao aprisco de Deus, ao regaço dos lares,
Ele então te dirá cheio de paz e amor:
— Boa-noite! Entra, afinal, no gozo do Senhor!

A dádiva de Maggie

Numa certa manhã festiva e ensolarada
De um cálido domingo, a alma angustiada
De um piedoso pastor se erguia aos céus, em prece
— Prece cheia de fé — pedindo a Deus que desse
A cada coração gelado de seu povo
Uma melhor vontade — um sentimento novo —
Que o levasse a sentir pelas almas perdidas
Esse amor que convence e que transforma vidas,
Para testemunhar, pelas obras da fé,
Que Deus é o mesmo Deus de Abraão, Jacó, José,
E é sempre o mesmo Pai, de braços sempre abertos,
Para acolher, perdoadando, os corações despertos
Do letargo do mal, do horror da treva imensa,
Para a luta da vida e a sagração da crença.

E naquele momento em que esboçava, ansioso,
Para pregar na igreja, um sermão poderoso,
Sentia, no entanto, um medo sem motivo
De que ninguém lhe ouvisse o apelo decisivo
Para dar com amor, à sagrada missão,
Mais do que uma oferta — o próprio coração.

Muito perto dali, a Missão das Montanhas
Combatia o pecado e outras causas estranhas
Que faziam do mal daquela pobre gente
A própria encarnação da miséria inclemente.
E naquela manhã seria levantada
A oferta especial para a causa sagrada.

Havia em sua igreja um número elevado
De abastados casais. Nunca, porém, o estado
De penúria do povo havia-lhes movido
As entranhas do amor, por vê-lo convertido;
Nunca se lhes abriu em mínima piedade
A alma crente, ao notar tanta infelicidade...
Mas, naquela manhã — quem sabe? — iria achar
Deus, nos seus corações, em primeiro lugar?!

Quando o pastor subiu ao púlpito da igreja,
Todos se ergueram e ele orou confiante: — Ó, seja,
Nosso Senhor e Pai, feita a tua vontade
Na alma de quem te adora em espírito e verdade!
Ensina-nos a amar! Ajuda-nos a crer
Que mais grato, Senhor, é dar que receber!

Sentaram-se, depois. E o piedoso pastor
Começou a pregar, cheio de fé e ardor:
— Lembrai-vos, meus irmãos, dos que vivem sem Cristo,
Dos que morrem sem fé!... Não vos comove isto?

Mas, enquanto o seu verbo em mensagem fulgia,
Toda a congregação continuava fria...
— Tão fria! — indiferente às desgraças alheias,

Pois, tendo posições e tendo as bolsas cheias,
Eram pobres demais em fé e caridade...

Mesmo assim, apelou para a comunidade:
— Iremos levantar agora a nossa oferta!
Que tenha cada qual a sua mão aberta
Para dar ao Senhor e à causa da Missão
Mais do que seu dinheiro, o próprio coração.
A bandeja passava entre as filas de bancos;
Do filho ao pai, do moço ao de cabelos brancos,
Nenhum se decidia a dar o que podia.
E o servo do Senhor no púlpito sentia
O amargor da derrota e angústia do fracasso.

Foi justamente aí que Deus ergueu seu braço
Para mostrar, num gesto heróico de criança,
A glorificação do amor e da esperança.

No fundo do salão, achava-se sozinha
A pequenina Maggie, a meiga aleijadinha,
Que, apesar de tão pobre e inválida, sabia,
Como ninguém ali, infundir simpatia,
Que era como o frescor de um bálsamo bendito
Nas mágoas e na dor de um coração aflito.

Quando o diácono, tendo a bandeja vazia,
Dela se aproximava, uma prece ela erguia
Como um grito de apelo à bondade divina:
— Tu conheces, Senhor, a minha pobre sina;
Quisera te servir como missionária,
No entanto, nada sei e vivo solitária.
Tu sabes como é grande esta minha pobreza,
Mas conheces também minha grata firmeza
Em dar-te a minha oferta! Eu que não tenho nada,
A não ser minha vida, a ti só consagrada,
E esta simples muleta!...

Ah! sim, esta muleta!...
Lembro-me agora bem! Foi ali, na saleta,

Que uma boa senhora, um dia, me ofertou,
Dizendo-me que foi a melhor que encontrou
Nas lojas da cidade. E eu quero ta ofertar!...
Mas sem ela, Senhor, como é que eu vou andar?
É com ela que eu vou ao parque ver as flores
E os pássaros ouvir cantar-te os seus louvores!
É com ela que eu venho aqui para adorar-te
E vou pregar teu nome ao pobre, em toda parte!

Eu não tenho ninguém por mim; dessa maneira,
Ela é o meu apoio e a minha companheira...
Ajuda-me, Senhor! Se assim queres que o faça,
Aqui tens minha oferta! E dá-me a tua graça!

E calma, e decidida, e alegre, deposita
Sua única riqueza — a muleta bonita —
No disco de metal da clássica bandeja.

Um sussurro de espanto ouviu-se em toda a igreja.

O diácono, surpreso e comovido, indaga:
— Que é isso, menina?

— É a minha humilde paga
Por tudo o que Jesus por mim soube fazer!
Nada, nada, além disso, eu posso oferecer
À causa das Missões! Aceite-a, por favor!
Deus há de me amparar com a mão do seu amor!

O diácono, chorando, atravessou o templo,
Levando na bandeja o mais sublime exemplo
De completa renúncia e de abnegação:
— A dádiva de Maggie, o próprio coração
De quem, amando mais a Deus que a própria vida,
Cristalizava a fé na oferta desprendida —
Pô-la em cima da mesa e, sem poder falar,
Deixou que o seu apelo alçasse em seu olhar.
E o pastor, tendo a voz embargada de pranto,
Dirigiu-se aos fiéis:

— Maggie deu tudo! E quanto
Ireis dar, meus irmãos, à causa das Missões?
Isso não vos constrange os péticos corações?
Ela o pôde fazer porque antes soube amar,
Porque deu ao Senhor o primeiro lugar!
Irmãos, não vos comove este quadro sublime?
Reter esta muleta é cometer um crime!
O que fareis, então, a fim de resgatá-la?

Notou-se um burburinho estranho em toda a sala;
E a resposta à questão não se fez esperar:
Cada qual levantou-se e foi depositar
Ao lado da muleta a oferta generosa.
E, um instante depois, qual grande e linda rosa,
O monte singular das notas coloridas
Parecia dizer às almas convertidas:
— Agora, sim, podeis louvores entoar,
Pois colocastes Deus em primeiro lugar!

Alegre e comovido, o piedoso pastor
Do púlpito desceu e foi, cheio de amor,
Levar à aleijadinha a muleta bonita,
Dizendo-lhe:

— Aqui tens a dádiva bendita
Que tua alma de santa ao Senhor consagrou,
E fez voltar a Deus a gente que pecou.
Teu gesto de piedade e de abnegação
Teve mais esplendor que a luz do meu sermão!
Foi o apelo melhor que esta igreja atendeu,
E, pela generosa oferta que ela deu,
Resgatou-a também! Oh, aceita-a de novo!
É a justa gratidão da alma do nosso povo!

★

E desde aquele dia a Missão das Montanhas
Achou numa muleta o apoio singular
Que fez mover do povo incrédulo as entranhas
Pra dar a Deus, na vida, o primeiro lugar!

Traço de união

(Poemeto de Natal)

O relógio bateu, soturna e tristemente,
Três horas da manhã.

Febril e impaciente,

O menino gemeu e virou-se na cama,
E a mãe, que cochilava ao pé do leito, chama:

— Mamãe!

— Que queres, filho?

— Eu quero ver papai!

Ele não quer voltar? Vai chamá-lo, não vai?

— Filhinho, ele não vem! Desde que nos deixou,
Nunca mais nos quis ver, nunca mais nos buscou;
O pouco que ele dá não chega para o pão
Nem para o aluguel de um quarto de pensão...

As vaidades do mundo e o amor de outra mulher
Afastam-no de nós; e é isto o que ele quer...
Para quem se diverte, o alheio sofrimento,
Em vez de comover, causa aborrecimento.

Amigo verdadeiro e único protetor,
Só temos um, meu filho: é Deus, nosso Senhor!
Vamos, durma, meu bem!

Mas o menino insiste:

— Eu quero ver papai! — E a mãe, exausta e triste:
— Ele não nos quer ver! É mau, é insensível!
Para que, pois, tentar uma coisa impossível?!

Diz-lhe o menino: — Então, dê-me lápis e papel;
Vou fazer uma carta ao bom Papai Noel.
Talvez, por ser Natal, ele logo convença
Meu saudoso papai a vir à nossa presença!

E, com trêmula mão e a letrinha ruim,
Uma carta escreveu, mais ou menos, assim:

“Papai Noel, você que anda no mundo inteiro,
Dando presente a uns e dando a outros dinheiro,
Traga outra vez papai para junto da gente!
Mamãe está tão triste e eu estou doente...
Coitada da mamãe! Vive sempre a chorar!...
Quisera ser maior para poder lhe dar
Tudo de que precisa... e precisa de tudo...
Desde a roupa de casa aos meus livros de estudo...
Não quero desta vez brinquedo e pinheirinho!
Quero só o papai, para, com seu carinho,
Consolar a mamãe, e comigo, afinal,
Comemorar, talvez, meu último Natal!”

A mãe, tão fraca e aflita, esperou um momento.
Ela estava indecisa: o seu temperamento
Talvez não suportasse uma afronta mais forte...
Mas o anseio do filho, às vésperas da morte,

Merecia de si aquela humilhação...
Por isso ela tomou a estóica decisão
De ir procurar o pai, para o filho querido:

— Descansa, filho! Irei levar-lhe o teu pedido!

Em face à afirmação de sua mãe que iria
Buscar Papai Noel, o garoto sorria;
E sorrindo dormiu, para sonhar depois
Com seu lar renovado: o pai, a mãe — os dois
Felizes, a cantar em volta a um pinheirinho,
Fulgurante de luz, branquejante de arminho...

E, à luz da madrugada, aquela mãe aflita
Saiu para implorar, a quem tinha o dever
De dar à sua dor tristíssima e inaudita
A grata proteção para amar e viver...

Chegou ao lar espúrio; e ficou indecisa
Se havia de bater ou não... Mas, qual a brisa,
Ouviu, muito de leve, o filho suplicar:
— Mamãe, diga ao papai que eu quero lhe falar!...
Que ele venha depressa aqui a nossa casa...
Não demore, mamãe, que esta febre me abrasa!

E em nada mais pensou: bateu nervosa à porta.
A vigia se abriu e uma voz quase morta,
Lá de dentro, indagou: — Que deseja a senhora?

— Senhor, seu filho doente anseia vê-lo, agora!
Venha, venha depressa, ele está muito mal!...
Foi só o que pediu a Deus neste Natal...

E, atrás daquela porta, aquela voz sem brilho
Respondeu: — Está bem! Eu irei ver meu filho!

E aquela pobre mãe voltou depressa, aos trancos;
E magra, e de olhar cavo, e de cabelos brancos,

Naquela casa ruim, naquela rua escura,
Era a cópia fiel da estátua da amargura.

Acordando o menino, em lágrimas repara
Que fora tudo aquilo um sonho que passara...
E pergunta, depois, à mãe exausta e triste:
— Mamãe, diga pra mim: Papai Noel existe?
— Por que, filho?

— Porque eu lhe fiz um pedido
Para trazer de volta o meu papai querido;
E ele não se importou nem se lembrou de mim!
Por que será, mamãe, que a sorte é injusta assim?
Creio que do infeliz, do pobre e do tristonho,
Papai Noel, mamãe, só se recorda em sonho.

— Meu filho, Deus é bom e há de escutar-te a prece!

Nisto, à porta do quarto, o seu pai aparece.
O menino o percebe e diz-lhe, erguendo a mão:
— Papai, papai! Foi Deus que ouviu minha oração!
Por que o senhor, papai, não veio mais nos ver?
Eu estou tão doente, estou quase a morrer...
Veja que quarto escuro e que Natal tão triste!
A árvore de Natal murchou, já não existe...
Noutro tempo, papai, como era diferente:
O senhor enfeitava um pinheirinho e a gente
Cantava em volta dele e ia dormir mais cedo,
Para Papai Noel nos trazer um brinquedo...
Recorda-se, papai? É um hino tão antigo,
Porém é tão bonito! Ande, cante comigo:

*"O pinheirinho de Natal,
Que belos são teus galhos!..."*

.....

Você chora, papai? Você também, mamãe?
Papai, sente-se aqui! Você, mamãe, me apanhe
Nosso retrato... Aquele!... Olhe: eu estou no meio,

Pegando as suas mãos... Papai!... Mamãe!... Eu creio
Poder fazer o mesmo agora: — Dêem-me as mãos!...
Assim... assim... Meu Deus, somos todos cristãos...
Oh! une-os para sempre, em teu excelso amor!
Para sempre, Senhor!... Para sempre, Senhor!...

E, num último esforço, as suas mãos juntou;
Olhou sorrindo os dois... e, plácido, expirou...



Senhor, que estás nos céus! Pelos nossos pecados,
Estávamos assim de ti divorciados;
Mas um dia Jesus, teu Filho predileto,
Sofrendo a nossa dor, movido pelo afeto,
Suportou a maldade indômita do mundo,
Subiu à rude cruz, e, quase moribundo,
Perdoou nossa falta, uniu as nossas mãos
À mão do eterno Pai, fazendo-nos irmãos
No mesmo sentimento e no mesmo ideal
De propagar o bem e de vencer o mal...

E desde aquele dia a tua paz celeste
Envolve de harmonia o nosso coração,
Porque Jesus se fez, sobre o Calvário agreste,
Entre os homens e Deus, o TRAÇO DE UNIÃO!

Glorificação

Lá vem a grande multidão, subindo
O monte azul da transfiguração!
Vem subindo, subindo,
Cantando o salmo harmonioso e lindo
Da graça divinal da redenção!

Quem são esses, Senhor, que vêm cantando
Tão cândido louvor,
Teu nome sacratíssimo exaltando
Na sagração esplêndida do amor?!

Quem são esses, Senhor, que vêm dizendo
Frases tão cheias de sabedoria,
E no seu estandarte vêm trazendo
A legenda da paz e da alegria?

Quem são esses, Senhor, que vêm felizes
Nas suas longas vestiduras brancas,
Mostrando nas profundas cicatrizes
O motivo das lágrimas que estancas?...

Quem são esses, Senhor, que vêm chegando,
Que vêm chegando sucessivamente,
Como bando de pássaros cantando,
Cantando alegremente
A harmonia de um hino diferente,
Maravilhoso e lindo,
Cheio de gratidão,
Que vai da terra para o céu subindo,
Que vem descendo da alma ao coração?

E como algo do céu me revelasse,
Senhor, Senhor, tua palavra santa,
Ante a glória solar da tua face,
A resposta esperada estruge e canta:

— Esses são os que vêm das árduas lutas
Da carne e da razão,
Da angústia universal de mil disputas,
Da grande e terreal tribulação!
Esses são os que suas vestimentas
Alvejaram no sangue do Cordeiro!
Por isso, agora, ante o celeste altar,
Livres das injustiças e tormentas,
Vêm chegando, a sorrir, do mundo inteiro,
Para cantar, cantar!

Cantar a majestade das alturas,
Cantar a doce paz celestial,
Cantar as alegrias e as venturas
Do aprisco perenal,
Sentindo o refrigério de águas puras,
À sombra do aconchego paternal!
São as almas triunfantes convertidas!
Ó homens, vede, vede

Que nesse reflorir de suas vidas
Nunca mais terão fome,
Nunca mais terão sede,
Pois do louvor sagrado desse nome,
Que é sobre todo nome,
Surge o milagre, que é vigor e luz,
No rubro sangue remidor da cruz!

Lá vem a grande multidão dos santos
À fonte viva e salutar da paz,
Ao som das clarinadas e dos cantos,
À luz da fé que não se apaga mais!
— “Vede o prêmio da crença, homens perdidos!
Vinde engrossar o exército do amor!” —
É a mensagem bendita dos remidos,
É o convite sagrado do Senhor!

A doce alegria

A doce alegria

Num berço pequeno,
Coberto de feno,
Risonho e sereno
Nascera Jesus;
E na estrebaria
A doce alegria
Do olhar de Maria
Servia de luz.

A virgem tão pobre
O corpo lhe cobre
Com veste mais nobre
Que o manto dos reis:
É a túnica pura
Sem uma costura,
De fúlgida alvura,
Celeste talvez.

Que ingênua beleza
Naquela pobreza
Que dava a certeza
Que Deus estava ali
Naquela criança,
Firmando a esperança
Da Nova Aliança,
No altar de Davi!

Vieram pastores,
Plebeus, lavradores,
E reis e doutores
Vieram também;
E sob esse teto
De paz e de afeto,
Jesus mais dileto
Não via ninguém;

Que a todos olhando,
Solícito e brando,
Não ia observando
No porte ou na cor,
Que a alma que fala,
À vida vassala,
A todos iguala
Na bênção do amor.

Ah! Que a humanidade
Aceite a verdade
Daquela humildade
Que é luz perenal,
E todo o universo,
Mais justo e converso,
Na prosa ou no verso,
Bendiga o NATAL!

A marcha dos anjos

(Canção de Ano-novo)

Vai ano, vem ano;
E o mesmo ódio humano
Mordaz desengano
Nas almas produz,
Porque simplesmente
Nas lutas a gente
Não busca e não sente
O amor de Jesus.

Se o mundo quisesse
Unir-se na prece
Que a Deus promettesse
Ser justo e eficaz,
A vida seria
Um céu de harmonia,
Na doce alegria
Da crença e da paz.

O ano que finda
Recorda-nos inda
A noite mais linda
Do eterno Natal,
Que nutre a bondade
De um Deus-Caridade,
Na luz da verdade
Do amor divinal.

Porque nessa espera
De uma alma sincera
Se faz primavera
O verbo do bem;
E a gente se anima
Na fé que sublima
A doce vindima
Desse ano que vem...

Que todo o receio
Se conserve alheio
Ao lúcido anseio
Que é força e que é
Talento e pujança,
Virtude e esperança,
Na esplêndida herança
Da graça e da fé.

Coração humano,
Que o teu desengano
De ano após ano
Converta-se em luz;
É que no ANO NOVO
Se faça renovo
A crença do povo
No amor de Jesus!

A hora da fraternidade

(Ao Dr. Alberto Mazzoni de Andrade)

No relógio evangélico do mundo
Soou a hora da fraternidade;
E no Brasil tornou-se mais fecundo
O amor no coração da mocidade;
Daí esse desejo ardente e vivo
De, pelo mesmo ideal, febris e unidos,
Pregardes o Messias redivivo
Aos corações de todos os perdidos.

Daí essa vontade resoluta
De, sem pensar em dogmas e ritos,
Entrardes de mãos dadas para a luta,
De achar consolação para os aflitos,
De nortejar quem não anda reto,
De dar auxílio a quem vive em perigo,

De dar amor a quem não tem afeto,
De dar a mão a quem não tem amigo.

A mesa do Senhor que rememora
Sua paixão e morte no Calvário
Não impõe restrições a quem, nesta hora,
Com a mensagem da cruz é solidário.
A ordem é ir levar por toda parte
Uma nova esperança à alma indecisa,
Desfraldando com fé esse estandarte
Que o evangelho de Cristo simboliza.

Ninguém despreze a vossa juventude,
Renovada nas santas alegrias,
Que brilha em cada plácida virtude
Que praticais ao decorrer dos dias;
Pois no conforto que outorgais aos pobres,
E no consolo que levais ao triste,
Existe um céu de recompensas nobres
E um sol risonho de promessa existe.

Não basta, entanto, desejar venturas
A quem, sofrendo, às vossas portas bate;
É preciso que ameis as criaturas,
Mesmo as que estão opostas no combate...
Dar apenas daquilo que vos sobra
É muito pouco para quem almeja
Ver progredir eternamente uma obra
Que é o supremo ideal duma peleja...

No relógio cristão da nossa terra
Também soou a hora da harmonia,
Pondo um ponto final à intriga e à guerra
Para o início feliz de um novo dia,
Em que, irmanados pelo mesmo anelo
De conseguir a salvação das almas,
Sejamos contra o mal sempre um libelo,
Mas pelo bem abramo-nos em palmas!

Se vos amardes mutuamente, como
Jesus primeiro vos amou, eu creio
Que nem ódio, nem ciúme, nem o pomo
Da discórdia haverá no vosso meio;
Pois, pelo impulso de um avivamento,
Despertareis as almas do egoísmo
Para, unidas no mesmo pensamento,
Glorificarem a Deus no cristianismo.

Ah! Quão formosos são os pés daqueles
Que anunciam a paz! E que bonança
Nos trazem à alma tímida, pois eles
São os santos profetas da esperança,
Descortinando, aos que têm fé e pensam
No bem dos povos e na paz fraterna,
Um novo mundo alicerçado em bênção
E um céu aberto para a vida eterna.

Que o nobre exemplo dos fiéis e santos
Vossas almas inspire a amar somente,
Como Ernesto Soren amou a quantos
Buscaram nele o amigo, o irmão e o crente;
Pois assim levareis ao moço e ao velho,
E à sede de justiça de meu povo,
A mensagem sublime do evangelho
Para a glória cristã de um mundo novo.

A noite escura e má dos preconceitos
Passou com as sombras tristes da discórdia,
Enquando o claro dia dos eleitos
Surgiu nas clarinadas da concórdia;
Uni-vos, pois, no anseio mais profundo
Da vitória de Cristo, ó mocidade,
Que o relógio evangélico do mundo
Bateu a hora da fraternidade!

Carta fechada... carta aberta...

Uma carta fechada... Quem seria
O missivista? E, curiosa, a gente
Vai abrindo essa carta, ansiosamente,
À espera de um recado de alegria.

A carta aberta... a letra denuncia
O amigo ou indesejável remetente;
E, ao fazer a leitura, incontinenti,
Se conhece a mensagem desse dia...

Assim também, para a alma angustiada,
A Carta do Senhor anda fechada,
À espera que ela um dia a venha abrir;

Pois essa Carta, quando se acha aberta,
É a garantia da mensagem certa
De um céu risonho e de um feliz porvir.

Mensagem de esperança

Sob o pátio da abóbada estrelada,
Guardando os seus rebanhos, os pastores
Erguiam para os céus os seus louvores,
Nas asas da alegria alcandorada.

Na vigília da noite, a revoada
De um coro de anjos, em canções e flores,
Transmite aos corações dos pecadores
A mensagem bendita da alvorada.

Glória a Deus nas alturas! Paz no mundo!
Boa vontade aos homens, na aliança
Dos sentimentos, para o bem fecundo!

E os pastores, seguindo a doce luz,
Vão guiando os rebanhos da esperança
Para o aprisco tranqüilo de Jesus

Lamentação

Senhor, tu sabes o maior motivo
Dessa angústia infinita do meu ser,
Dessa falta de amor e de incentivo
Que me tira a alegria de viver.

Meu coração tornou-se frio e esquivo
E indiferente ao próprio padecer;
Só por temer a ti é que inda vivo
E recuso o direito de descreer...

Quanta vez, mergulhado no meu tédio,
Recebo a ofensa e calo-me... Mas isto
Me causa essa amargura sem remédio.

Senhor, em quem confio, espero e existo,
Que por teu sacratíssimo intermédio,
Possa eu em breve descansar em Cristo!

Do Livro
UM CAMINHO NO DESERTO

Moça, me dá uma rosa!

“Moça, me dá uma rosa!”

(Adaptação em versos de um conto radiofonizado, de autor não identificado)

Era um triste contraste aquele, distinguido
Numa encosta escarpada e num vale florido:
Lá no morro, o barraco ao vento se inclinava;
No vale, um palacete, entanto, se enfeitava
De rosas, de jasmims, de pássaros joviais
Que adejavam, cantando, os lindos roseirais...

O barraco de zinco e o bangalô de pedra
— Onde a miséria mora e onde a fartura medra —
Eram naquela parte estreita da paisagem
Antônimos cruéis que, na louca voragem
Da vida singular, excêntrica ou profana,
Confundem na incerteza a indagação humana...

Qual a causa que leva um dia a Onipotência
A dar rumo diverso a cada uma existência,
Que às vezes se coloca em destaque chocante,
Como revolta muda ou protesto gritante?

Por que, sem ter noção ainda do pecado,
Há de nascer alguém surdo, cego, aleijado?
Por que será, meu Deus, que, pobre e sofredor,
Se arrasta, muita vez, quem só pratica o amor?
E o eco repercute, ao longe, os brados meus:
— Para ser manifesta a grandeza de Deus!

No casebre de zinco, um garoto pretinho
Vivia a contemplar das palhas do seu ninho,
Lá embaixo, ao sopé do morro proletário,
O formoso jardim do seu sonho diário
Que, à sua alma infantil de ingênuo espectador,
Representava o céu numa festa de flor.

Numa certa manhã de ensolarado brilho,
O garoto desceu do morro, maltrapilho,
E ficou enlevado, a contemplar, assim,
O viço tropical de tão belo jardim...

Como era tudo ali cromático e festivo!

Porém aquela flor, de um rubro muito vivo,
Exercia sobre ele uma fascinação,
Que a mundos irreais sua imaginação
Levava a percorrer em vôos de magia,
Na asas alvi-azuis de sua fantasia...

E, nesse doce enlevo, angélico semblante
Ele descortinou, olhando-o fascinante,
No veludo-cristal da corola formosa
Daquela rubra flor, daquela linda rosa...
E, a seu ávido olhar, a aparição amada
— Anjo, deusa ou visão de algum conto de fada
Saiu da inspiração de um sonho rosicler,
Para se revelar simplesmente mulher:

Jovem, de olhos azuis e loira cabeleira
— Nova Branca-de-Neve ou Gata Borralheira...
E por isso ensaiou um pedido inocente:
— Moça, me dá uma rosa, uma rosa somente!...
Mas a jovem falou com desprezo invulgar:
— Vá embora daí! Não torne a importunar!

O garoto ficou inda um pouco parado;
Depois, triste, baixou os olhos, humilhado,
E saiu arrastando os pés, devagarinho,
Pela esteira sem luz do seu pobre caminho.
Como lhe pareceu tão mau e injusto o mundo;
Sufocou na garganta um soluço profundo,
Numa interrogação que ficou sem resposta:
— Por que, por que de mim essa moça não gosta?
Por que ao desgraçado aqui se nega tudo,
Até mesmo uma rosa?... uma rosa?!...

Contudo

Tão pouco ele queria! E esse pouco, entretanto,
Lhe negavam sem dó, para aumentar-lhe o pranto...

O mundo é sempre assim: esconde a mão ao pobre,
Para faltar na orgia os caprichos do nobre!

No outro dia, bem cedo, às grades do jardim,
O garoto de novo estava a olhá-lo, assim:
Na ânsia de retratar na alma sentimental
O quadro multicolor daquele roseiral,
Para poder sentir, dentro da própria vida,
O sonho irrealizado, a glória inatingida...

Quando a jovem surgiu de novo, entre os canteiros,
Seus olhos outra vez brilharam prazenteiros,
E cheio de esperança, à jovem tão formosa,
Com ternura pediu: — Moça, me dá uma rosa!

Agastada, porém, com o pedido insistente,
A jovem lhe negou o esperado presente:
— Vá embora daí, se não eu chamo um guarda!...

Temendo a intervenção enérgica da farda,
O pretinho correu em direção ao morro,
Lançando ao ar parado um grito de socorro,
Que não achou, naquela esplêndida manhã,
Qualquer repercussão na piedade cristã...

O tempo começou a mudar de repente;
Fatídico soprava o vento fortemente.
Tremendo, o órfão entrou no barraco de zinco;
Viu as horas passar: duas, três, quatro, cinco...
E ele, que lá vivia apenas por favor,
Não tinha pai nem mãe, ele não tinha amor...

Deitou-se; adormeceu, sonhou com o paraíso
— Edênico jardim — onde ele viu, iriso,
O sol resplandecer numa rosa vermelha
— Sua rosa vermelha! — e ante ela se ajoelha...

Nisto, estranho rumor, como um forte trovão,
Fê-lo um anjo notar, levando-o pela mão,
Para, de um lindo quadro, erguer o tênue véu:
— Ele entrava no céu... ele entrava no céu!...

Mas, na manhã seguinte, ouviu-se o comentário:
Durante o temporal, no morro proletário,
Houve um desabamento; e o pretinho — coitado! —
Ingênuo sonhador — morrera soterrado...

Sob um sol indeciso, à hora costumeira,
Regava o seu jardim a jovem jardineira.
Por um gesto instintivo, ergueu o olhar às grades:
— Vibrava no éter frio as ondas das saudades —
Não viu, como esperava, o rosto do pretinho:
— Não voltaria mais? Seguiria outro caminho?!... ^
E, nessa confusão de um vago sentimento,
Sentiu no coração fundo arrependimento
De não ter satisfeito o anseio do menino...
Foi quando alguém lhe trouxe a notícia:

— O destino

Tinha roubado a vida ao pequenino triste!...

Ela não pôde mais; ela não mais resiste,
Prostrando-se a chorar...

E, logo, decidida,
Tirou de seu jardim, não só a flor querida,
Mas todas; e as levou com carinho e cuidado
Pra com elas cobrir o corpo inanimado
Do pretinho infeliz...

E ele, que não tivera
Na existência um lençol, ganhou da primavera
Um manto todo em flor, a envolver-lhe, afinal,
Com carinho e perfume, o corpo angelical...

★

No contraste da vida infausta ou abastada,
Nós somos muita vez como o órfão e a galã,
Negando do consolo uma rosa encarnada,
Para as faltas de amor chorarmos amanhã...

E ao peso acusador de líricas saudades,
Vamos levar depois às mortas ilusões
Todo o rubro rosal das oportunidades,
Que deixamos passar sem úteis decisões...

Que possamos abrir as grades do egoísmo
E oferecer a quem suplica afeto e paz
A rubra flor da fé do eterno cristianismo,
Que na alma, a rescender, não murcha nunca mais!

Só preciso de amor!

Foi na congregação das professoras. Tudo
Que a nobre diretora, em proveito do estudo,
Havia resolvido, era justo e oportuno;
Mas aquela expulsão sumária de um aluno,
Proposta por alguém, provocou discussão:
Achava a maioria exata a punição,
Para salvaguardar da escola a disciplina...

— Para um menino mau e ruim como esse (opina
A sua mestra), só agindo com rigor,
Para aos outros causar mais respeito e temor!

— Quem é? De quem se trata? (outra pessoa indaga)
— De um moleque da rua, um peralta, uma praga
Que os bons meninos vai aqui contaminando!...
Não procura estudar; vive a brigar; e quando

Alguém se queixa dele, engendra tal defesa
Que, de agressor, se torna em vítima indefesa!
Sua expulsão se impõe!

Mas, outra professora,
A mais nova dali, falou à diretora:
— Deve ele ser, senhora, algum desajustado!
Permita-me falar-lhe; e caso o resultado
Não seja como espero, em pouco tempo, então,
Que lhe seja aplicada a justa punição.

A mestra concordou. A educadora jovem,
A quem o alheio mal e a dor tanto comovem,
Procurou o menino e, com delicadeza,
Investiga-lhe a vida, o convívio, a pobreza,
E verifica, então, que o principal motivo
De ser ele tão mau, tão bruto, tão nocivo,
Era o meio ambiente em que, para viver,
Da astúcia e até do mal tinha de se valer...

Arredio a princípio e submisso em seguida,
Aos conselhos da mestra, ele mudou de vida:
Tornou-se humilde e bom àquela cujo amor
Fez raiar na sua alma um sol renovador...
Alguns dias depois, a escola programou
Um passeio campestre.

Isso entusiasmou
Suas almas infantis, em cuja fantasia
Antegozavam já o bem daquele dia,
Como prêmio de estudo, há muito prometido...

Porém a diretora houvera decidido
Que Paulo — o mau petiz — não iria ao passeio.
Era esse, com certeza, o mais seguro meio
De evitar dissabor.

Entanto, a sua mestra
Com a diretora teve uma nova palestra:

— Deixe Paulo ir conosco! Eu serei fiadora
Do que ele prometer! Deixe-o ir, diretora!

Com garantia tal, foi aceito o pedido;
E, à sua mestra amiga, o órfão, comovido,
Abraçou e beijou.

Dias depois, a escola
Seguiu ao piquenique. O campo que consola
O corpo e a alma, ali, era um lindo recanto:
As montanhas, o vale, o rio largo e, a um canto,
O conforto de um bosque...

A criançada corria,
Dando toda vazão à incontida alegria:
Os brinquedos de roda, os jogos e as corridas
Faziam-nas sorrir ou lutar decididas
Pelo êxito da classe, em qualquer desafio...
Outros foram, no entanto, se banhar no rio.
E, no arrojo do salto e afoiteza do nado,
Um deles descuidou-se e foi precipitado
À forte correnteza; ensaiou reagir;
Nadou com mais vigor; mas não pôde fugir
À atração dos péraus; e clamou por socorro:
— Me acudam, por favor, se não eu morro!...
Eu morro!...

O susto, o desespero e a angústia dominaram
A todos, que, correndo, atônitos, gritaram:
— Uma corda, depressa! Um barco! Alguém que nade!
Salvai-o, Santo Deus! Ah! que infelicidade!

Porém, em meio a tanto horror e tanta mágoa,
Um menino lançou-se à correnteza d'água
E nadou com destreza e muita segurança
Até onde se achava a debater-se a criança,
Na voragem do rio... arrastou-a com jeito
Para a praia; e, depois, comprimindo-lhe o peito,
Logo normalizou sua respiração.

Quando Paulo notou o aluno salvo e são,
Entregou-o feliz a uma das professoras,
Que, com materno olhar e mãos acolhedoras,
Recostou-o ao seio e, com muito carinho,
Começou a agradá-lo e a dizer-lhe baixinho:
— Repousa, meu amor! Graças a Deus e a Paulo
Que estás ainda com vida, aqui nos braços meus!
Descansa, coração! Daqui a um pouco mais,
Iremos conduzir-te à casa dos teus pais!

E a turma, que na escola ao Paulo detestava,
Agora, com respeito e amor, o contemplava
Como autêntico herói que a si mesmo relega
E ao perigo se expõe pra salvar um colega.

Sendo Paulo tão pobre, a diretora quis
Dar-lhe algo que o tornasse amparado e feliz.
Tomando de um chapéu, arrecadou sem custo
Uma boa quantia; era um prêmio bem justo
Ao seu gesto invulgar de altruísmo e coragem;
Era a demonstração da sã camaradagem
Dos colegas dali:

— Paulo, (a mestra lhe fala)
Pelo que você fez e que a um bravo o iguala,
Receba este dinheiro; é a nossa recompensa!

Paulo, que tinha, entanto, a sua alma suspensa,
Ante o colega salvo a receber agrado,
E sentindo de si a falta de cuidado,
Chorando respondeu: — Eu não quero dinheiro!
O que fiz, eu faria a qualquer companheiro!
(E, apontando o colega em seio protetor:)
— Eu só desejo amor! Só preciso de amor!

★

— Igreja do Senhor, que pregas a verdade
E anuncias Jesus a toda a humanidade,

O mundo injusto e mau, descrente e revoltado,
É como esse menino inquieto e abandonado,
Que vê no desajuste a que a miséria o lança
Somente a inspiração de agir pela vingança
Contra todos e tudo a que julga motivo
De ser louco, infeliz, perseguido, cativo!...

Levanta o olhar e sai dessa contemplação
De crença só de altar, de vaga adoração!...
E sobe o morro, e vai aos antros das favelas,
Aos cortiços sem luz, aos quartos sem janelas,
À angústia dos porões, à dor dos hospitais,
Às famílias sem lar, ao lar sem Deus!...

Verás

Que só se impõe moral, só se prega o civismo,
Vivendo e praticando o amor do cristianismo!
— Mostra o exemplo de Cristo ao mundo sofredor,
Que ele só quer amor! Só precisa de amor!

Morrerei esta noite

A imprensa anunciou irada e com alarde:
— “Mais um crime de morte, estúpido e covarde,
Desmerece e enodoa a civilização!...
É preciso a Justiça agir com prontidão!...”

O fato, já vulgar no nosso mundo injusto,
Se passou em Chicago: Um botequim... um susto...
Uma estocada... um grito... um corpo inanimado...
A partilha cruel do dinheiro roubado...
Depois, a fuga... o alarme... os tristes comentários...
E o silêncio, afinal, nas folhas dos diários...

Mas, passado algum tempo, é preso o criminoso.
Era um jovem de cor, de semblante asqueroso,
A quem, no julgamento, o egrégio Tribunal,
Unânime, aplicou a pena capital.

Agora, na prisão, Ernesto Gaither pensa
Na extensão do seu mal, no rigor da sentença,
E procura esconder, no silêncio e no jogo,
O crime que lhe traz a consciência em fogo.

Um dia, uma mulher de sua triste raça,
Notando-lhe no olhar a angústia da desgraça,
Convida-o a assistir a uma reunião,
Para prestar a Deus um culto de oração.
Ernesto lhe esboçou irônico sorriso
E, agastado, lhe diz: — Não perdi o juízo
A ponto de apelar a quem nem sei se atende!...
Eu rejeito esse Deus e o seu convite, entende?!...

E prosseguiu, calado, o seu jogo de cartas...

Flora Janes, no entanto, insiste: — Antes que partas
Deste mundo, com Deus faze uma experiência!
Não procures calcar a voz da consciência!
Quando fores deitar, descrente e mau embora,
Pede que Ele te acorde à noite, a qualquer hora!
Verás, Ernesto, então, que o meu Deus te ouvirá
E tuas transgressões também perdoará!

Mesmo que procurasse esquecer a conversa,
Àquele desafio a sua alma perversa
Não pôde resistir; por isso, aos céus apela:
— Se existe de verdade um Deus, que nesta cela
Eu seja despertado às duas e três quartos!

De tantas discussões e tantos jogos farto,
Em seu catre deitou-se e, em pouco, ressonava...
Porém, de madrugada, ele acordou; suave...
Levantou-se, inquieto... Era silêncio tudo...
Só o seu coração, num desespero mudo,
Batia fortemente; e, fora, os passos lentos
Da guarda Ernesto ouvia; e, envolto em pensamentos
Confusos, perguntou, com certa timidez:
— Guarda, que horas são?

— Faltam quinze pras três! -
(Responde o sentinela.) E a ronda prosseguiu...

O que naquele instante o incrédulo sentiu,
Só Deus compreenderia... Assim, se ajoelhou
E a clemência do Céu, humilimo, implorou:
— Senhor, agora eu sei que és potente e divino!
Tem piedade, porém, de um mísero assassino! -
Sei que sou desgraçado; entanto, a tua mão
Se estendeu para mim num gesto de perdão!...
Não mereço viver, que sou tão mau e ignavo;
Mas, para te servir, eu serei teu escravo!
Sinto que, para o bem, algo de ti me induz
E me faz confiar em teu filho, Jesus! -

Quando o dia surgiu risonho e ensolarado,
Mostrou-se diferente o pobre condenado.
Ele que prometera um rival justicar,
Apenas o buscou para lhe anunciar
Que Deus o perdoara, e, por esse motivo,
Não brigaria mais nem seria nocivo...

Isso, aos olhares vis dos outros presidiários,
Em nada o justifica; antes, mais solidários
Torna-os, pelo despeito, em afirmar que Ernesto
Em cada confissão, em cada frase ou gesto,
Uma exemplar conduta estava a simular,
Para da punição da morte se livrar...
Esse juízo falso a seu respeito o fere,
Mas o golpe pior que a vida lhe desfere
Foi a declaração do seu advogado -
De que a Suprema Corte houvera rejeitado
O perdão requerido...

Embora... Estava certo
De que, na hora fatal, Deus estaria perto,
Muito pertinho dele, a lhe dizer assim:
— Hoje mesmo, meu filho, estarás junto a mim.

Por isso, resolveu deixar uma mensagem,
Antes de iniciar sua última viagem:

— “Ao leres isto, ó moço e amigo, estarei morto!...
Mas com Cristo entrarei seguro noutra porto...
Sou negro; tenho agora os meus vinte e três anos.
Condenado, a chorar meus tristes desenganos,
Tive um sonho esta noite: eu ia para o céu...
Jesus ia a meu lado... e eu já não era um réu...
Eu dava com vigor quatro passos, enquanto
Ele só dava dois.

— Por que te apressas tanto?
(Ele me perguntou.)

— É que estou pressuroso
De lá chegar, Senhor!
E, repleto de gozo,
De repente cheguei; e os anjos me rodearam,
E um cântico celeste, uníssono, entoaram...

Ao leres isto, moço, estarei morto! Agora,
Se ouvires Deus chamar-te, atende-o sem demora!
Enquanto és jovem, põe os dons que te compensam
No serviço do Mestre, e serás uma bênção!
O drama que eu vivi te seja claro aviso:
— Quem se afasta de Deus despreza um paraíso!...
Não permitas que o vício enlace a tua vida,
Mas faze de tua alma uma luz refletida
No evangelho de amor dos feitos de Jesus,
E o teu rumo será um caminho de luz...
O preço do pecado é certamente a morte,
Porém o dom de Deus é a vida eterna e forte
Em Cristo, nosso Rei e nosso Salvador!
Minha condenação foi do crime um açoite;
Afinal, morrerei no decorrer da noite!

Perto da meia-noite, alguém foi vê-lo e ouvi-lo.
Tendo um sereno olhar num rosto bem tranqüilo,

Ele pediu pra ler seu texto predileto:
— Para mim, o viver é Cristo ressurto —
E a morte é lucro. Sim, porque de ambos os lados
Eu sinto os agulhões terríveis dos pecados...
Eu desejo partir e estar com meu Senhor
E com ele viver, o que é muito melhor!

E recitou, depois, o salmo vinte e três,
Que a todos pareceu mais belo, dessa vez:

.....
“... E mesmo que da morte ao vale ande em perigo,
Não temo mal algum, pois tu estás comigo.”
.....

Seus minutos finais o relógio escoava;
Fora da cela, a escolta em silêncio escutava...
Ernesto a contemplou com franco e terno olhar;
Depois disse, a sorrir:

— Quero agora cantar
Meu hino preferido!
E, abrindo o seu cantor,
Soltou a sua voz bonita de tenor:

*“Quando Cristo sua trombeta
Lá do céu mandar tocar;
Quando o dia mui glorioso lá romper,
E aos remidos desta terra
Meu Jesus se incorporar
E fizer-se então chamada, lá estarei.*

*Quando se fizer chamada,
Quando se fizer chamada,
Quando se fizer chamada,
Quando se fizer chamada, lá estarei.”*

Depois se ajoelhou e fez uma oração:
— Ó Deus, quando cheguei aqui nesta prisão,
Eu odiava tudo e todos com arrogância,
Por me trazerem sempre em árdua vigília;

Mas agora, Senhor, contra ninguém reclamo;
Todos já perdoei, e, agora, tudo e todos amo!
Ah! consola mamãe, que tanto fiz sofrer...
E ajuda os que ofendi... Eu sei: não vou morrer;
Vou apenas sentar-me... e dormir... e sonhar...
Para no teu regaço amigo despertar... —

Levaram-no, depois, à câmara da morte.
Sem ódio, à própria escolta anima, calmo e forte; —
Olha o assento fatal no fundo do salão,
Cuja sombra destaca a brancura do chão;
Deixando-se guiar, sem resistir, sentou-se;
A todos estendeu um olhar manso e doce;
À primeira descarga, a cabeça pendeu
E a Deus, serenamente, o espírito rendeu.

★

Assim, na nossa vida, as faltas praticadas
Nos levam da consciência ao justo tribunal,
Que, em face das sanções de eternas leis sagradas,
Nos aplica também a pena capital.

Convertidos, porém, a Deus, de almas serenas,
Possa cada um de nós, na hora extrema, falar:
— Não! eu não vou morrer! Eu vou dormir, apenas,
E nos braços de Cristo, alegre, despertar!

Vem conosco!

Amigo, nossa gente
É simples como a choça de Belém;
Mas Jesus, nosso guia, vai na frente;
Vem, vem conosco e te faremos bem!

Se é grande a tua luta;
Se não consegues nada de ninguém,
E a tua própria casa não te escuta;
Vem, vem conosco e te faremos bem!

Se a existência madrasta
Entre angústias e mágoas te mantém,
E tu mesmo descrês de tudo, basta!
Vem, vem conosco e te faremos bem!

O mundo é sempre ingrato;
Por mais que faças, nada lhe convém,
A não ser explorar-te; sê sensato!
Vem, vem conosco e te faremos bem!

Se os homens e as mulheres
Na glória humana te olham com desdém
Ou te perseguem, nunca desespere!
Vem, vem conosco e te faremos bem!

Se tu sofres ainda
Pela renúncia pérfida de alguém;
Na crença tu verás que a vida é linda!
Vem, vem conosco e te faremos bem!

Então, no mundo vário,
Tudo o que é bom e puro sobrevém
Àquele que se abriga no Calvário;
Vem, vem conosco e te faremos bem!

★

Amigo, nossa vida
Começa no presépio de Belém,
Onde Deus-Revelado te convida:
— Vem, vem conosco e te faremos bem!

A obra-prima

(Adaptação em versos de uma ilustração de W. O. Godwin)

Era um grande pintor...
Diante da galeria dos seus quadros,
Cada qual mais real, mais expressivo,
Mais cheio de beleza multicolor,
Ele notou que estava ali faltando
Um que seria a sua OBRA-PRIMA,
Se achasse as cores puras e o motivo
Que fixassem, em talento e perfeição,
As idéias que o vinham torturando
No ineditismo da imaginação...

E, cheio dessa angústia incompreendida
Que vive em nosso peito a soluçar,
Ele sai à procura, pela vida,

Da deusa inspiradora da arte pura,
Do motivo sublime de criar...

Encontrou no caminho um sacerdote
Que lhe pergunta: — Aonde tu segues? Aonde?

— Não sei! (O artista, pálido, responde.)

— Vou sem destino para ver se encontro
A coisa que sublima,

O motivo mais belo deste mundo,
Para pintar a minha OBRA-PRIMA!...

— É muito simples! (Diz-lhe logo o monge.)

— Da terra, em qualquer parte, perto ou longe,

Há sempre alguma crença, alguma igreja,

Onde a fé, num cruzeiro simboliza

Tudo aquilo de bom que se deseja!...

Mas, no templo e na fé que procurou,
A inspiração o artista não achou.

Prosseguiu a viagem. Mais adiante,
Encontrou uma noiva jovem e linda,
E perguntou se ela sabia ainda
Onde encontrar a coisa mais perfeita
Que a beleza do mundo exalta e enfeita.

— É o amor! (Ela afirma.) — O amor perdoa;

E encanta a vida num sorriso em flor;

Santifica no bem qualquer pessoa

E faz da terra um céu renovador!...

Mas a visão do amor, banhada em luz,
À inspiração o artista não conduz.

Seguindo além, cruzou em seu caminho
Um soldado, que, exausto, regressava
Dos campos das batalhas desiguais;
Fez-lhe a mesma pergunta, de mansinho;

E ele responde: — Meu amigo, é a paz!...
Paz que é descanso e fonte de alegria;
Que é gládio da justiça e garantia
De mil venturas que não murcham mais;
Pois, onde existe a paz, há, com certeza,
A síntese gloriosa da beleza!

Mas no mundo de lutas, perseguida,
O artista viu a paz fugir da vida...

A casa regressando, conjectura:
A FÉ... o AMOR... a PAZ... como encontrá-los?
E como num só quadro conjugá-los,
Na máxima expressão da formosura?...
Mas, ao entrar no abrigo da família,
Viu a FÉ a luzir no olhar do filho;
No sorriso da esposa o AMOR cantava;
E, nas horas de pouso ou de vigília,
A PAZ, divina e bela, fulgurava...
E, dessa orquestração de cor e brilho,
Ele pintou um quadro singular,
Em que a coisa mais bela deste mundo
Era a doce harmonia do seu LAR.

E o LAR, que a FÉ, o AMOR e a PAZ sublima,
Foi do artista, afinal, sua OBRA-PRIMA.

O fardo de cuidados

(Adaptação)

Quando o sol declinava,
Pincelando de rubro o céu azul,
Pela estrada sinuosa da existência
Um peregrino caminhava
Para além, para longe, para o sul,
Levando sobre os ombros alquebrados,
Na amargura de sua experiência,
Um fardo de cuidados...

E cheio de fadiga, e quase morto
Pelo efeito de mil decepções,
De ninguém recebeu, por caridade,
Um auxílio, um conforto,
Nem um gesto de amor ou de bondade
De humanos corações...

E, sob o peso de tão grande carga,
Seguia triste e desoladamente
— Quem sabe? — para o abismo

Indescritível da descrença amarga,
Quando dele se acerca docemente
O Anjo do Otimismo,
Que lhe pergunta: — Irmão, que é que carregas?
— Não vês? São meus cuidados
Que acumulei nas trágicas refregas
Dos meus dias passados...

E, porque me sentisse ainda inseguro,
A eles juntei as ânsias do futuro...

Mas o Anjo sorriu piedosamente,
Dizendo-lhe: — Vejamos
Que carga é essa que te mortifica!
E, examinando cuidadosamente
O fardo dos cuidados, verifica
Que ele estava vazio...

— Repara, amigo! Vamos!
Repara-o bem, que nele nada existe,
Para a angústia sem fim de andares triste!

Porém, o homem gritou num desvario:
— Tenho certeza de que aqui dentro havia,
Tirando-me a alegria de viver,
Dois imensos, dois hórridos cuidados,
Sangrentos, dolorosos e pesados,
Grandes, grandes demais para os suster!...

O primeiro dos dois (ia esquecendo)
Era o de Ontem, em sua dor malsã;
Mas... ah!... na sugestão de ir padecendo,
Nem vi que ele passava... e... já passou!...

— E o outro? — (Indaga o Anjo, comovido.)
— O outro?... Era o cuidado de Amanhã!...
Mas... veja!... nem eu tinha percebido
Que ele ainda não chegou!...

O Anjo torna a sorrir mais ternamente
E lhe fala baixinho: — Meu irmão,
Quem, como tu, se aflige no presente,
Com os cuidados de Ontem e de Amanhã,
Se abate sem razão,
Se afoga em sofrimentos,

Pois quer volver ou antecipar momentos
Que só à Onipotência atenderão...

Mas aquele que leva, cada dia,
O cuidado de Hoje,
Vive e pratica a sã filosofia
Dos pássaros, das fontes e das flores,
Pois o tempo que foge

Dá, a cada hora, uma oportunidade
Somente ao que tiver as mãos libertas
E livre o coração de ânsias incertas,
Ou de incertos temores,
Para alcançar sua felicidade...

E, assim maravilhado,
O homem seguiu seu íngreme caminho,
Fazendo como o Anjo o aconselhara:
Ligeiro, alegre e despreocupado,
Com os braços e a alma livres, livres, para
Os outros ajudar
A libertarem-se, ágeis, dos seus fardos
E a fazerem da vida
Uma ativa jornada, enaltecida
Pela glória de amar.

★

E quando ele chegou, ao fim do dia,
Ao ponto desejado, livre e são,
Na sua alma feliz e crente havia
Um sorriso e uma canção.

Pode seguir!

"Podes seguir a caravana, amigo. Eu fico aqui a descansar."

Judas Isgorogota

Pode seguir o seu itinerário,
Eu aqui fico a descansar, irmão!...

Sobra em você vigor e mocidade;
E, para a travessia do Jordão
Como à conquista da felicidade,
É sempre necessário
Muita energia e muita decisão!...
Pode seguir o seu itinerário,
Que eu aqui fico a descansar, irmão!

O tempo está pesando nos meus ombros
E os meus cabelos vão ficando brancos;
Mas não são os gigantes dos assombros
Nem do mundo adverso a dor e os trancos

Que me fazem parar;
É que o imperativo do destino,
No Nebo singular de minha vida,
Limitou meu setor de peregrino
E me fez contemplar, do alto do monte,
As curvas matizadas do horizonte,
Na fartura da Terra Prometida,
Para, enfim, repousar!

Eu fiz a minha parte, muito embora
Pontilhada de humana imperfeição...
É a sua vez! Siga o caminho, agora,
Que eu aqui fico a descansar, irmão!

E, quando a clarinada da vitória
Nos quadrantes da terra reboar
E o Senhor do universo, em sua glória,
Vier — santo juiz — para julgar,
Você, talvez, inda lutando esteja,
Mas, no vale ideal da decisão,

Eu serei convocado,
Como todos os crentes do passado:
Davi, José, Jacó, Isaque, Abraão...
E, no coro triunfal da eterna Igreja,
Os remidos por Cristo no Calvário
A conquista da paz celebrarão!

Pode seguir o seu itinerário,
Que eu aqui fico a descansar, irmão!

Prece de ano-novo

Nestes instantes últimos de um ano
Que rememoro sem prazer nem luz,
E, ante o profundo desespero humano,
Vejo que nada fiz por ti, Jesus!

Enterrei o talento que me deste
E, com receio atroz não sei de que,
Troquei na vida a aprovação celeste
Pelo aplauso de um mundo que não crê...

Cedendo à inércia da comodidade,
Fiz-me surdo aos apelos do ideal
Que reclama, incentiva e nos persuade
A amenizar a angústia universal...

Fugi da luta, em cujo campo aberto
O ódio, o erro e o mal deram-se as mãos,

Para o mundo tornarem mais deserto
Dos sagrados propósitos cristãos.

Choro o tempo perdido! Ah! me auxilia,
Na senda do evangelho salvador,
A levar minha cruz de cada dia
E amar aos outros como a ti, Senhor!
Mas, agora, ao raiar deste Ano-novo,
Eu quero renovar-te os votos meus:
— Dar-me todo ao serviço do meu povo
E consagrar-me à tua causa, ó Deus!

Versos e flores

No mundo mau, na vida dissoluta,
Cheia de cardos e de dissabores,
Para vencê-los, eu prossigo a luta,
Fazendo versos e plantando flores...

No verso, eu conto a divinal conduta
Do amor de Cristo aos homens pecadores;
E, nos jardins, minha alma vê e escuta
A beleza do céu louvada em cores...

Os feitos nobres dos heróis sem nome
E a dor paciente dos que passam fome,
Inspirados por Deus, tornam-se luz;

E vêm, depois, festivos e dispersos,
Sorrir nas flores e cantar nos versos
O amor perpétuo a reflorir na cruz.

Menino triste

Carinha suja de menino triste,
Roupinha em trapos, suplicante olhar,
Chegar o trem toda manhã assiste,
À espera humilde de trabalho achar...

Menino pobre da cidade, fiz-te
O meu cuidado bem particular,
Que o teu futuro em garantir consiste,
Dando-te o pão, o estudo, a crença e o lar.

Poucos te notam; dormes ao relento;
O teu cabelo grande e sujo, ao vento,
Drapeja um sonho de ventura em pó...

E, na cidade lúbrica e agitada,
Há tanta coisa, e não consegues nada,
Há tanta gente, e vives triste e só!...

A moldura -

Era um hábito já; entre bênçãos e agrado,
Ao recolher o filho ao pequenino leito,
A mãe, com certo orgulho e com muito respeito,
Falava-lhe do pai: amigo, crente e honrado.

E, apontando do esposo um retrato estampado,
Afirmava: — Na vida ele é quase perfeito,
Pois age com justiça e respeita o direito
Seja lá de quem for: rico ou desgraçado...

Ouvindo de seu pai ausente esse relato,
O garoto se anima e diz para o retrato:
— Papai, saia daí e me venha abraçar!

Ah! Digamos a Deus também, com singeleza:
— Senhor, sai da moldura azul da natureza
E, humanizado em Cristo, oh! vem nos animar!

Nau da vida

Para levar a nau da vida a porto amigo,
Senhor, eu já não sei o que resolva ou faça,
Pois o vento da angústia é contínua ameaça,
À rota que tracei e, humílimo, prossigo...

Se os escolhos fatais da ingratidão consigo
A custo ultrapassar, se o frio da desgraça
Gela as águas do mar por onde o barco passa,
À luz do céu, transponho as névoas do perigo...

Eu penso desistir, às vezes, dessa viagem,
Mas, quando vou descer as velas da esperança,
Tu vens, como um farol, reacender-me a coragem.

Dá-me, pois, meu Senhor, em meio aos vendavais,
A fé para vencer a Dor que fere e cansa
E, em teu porto, lançar minha âncora da paz!

Ânsia derradeira

"Eu tenho pressa de chegar ao fim."
Hermes Fontes

Senhor, não sei qual seja o teu intento
Nem o que tens guardado para mim,
Porém, em face do meu sofrimento,
Tenho vontade de chegar ao fim...

Tu bem sabes, Senhor, que eu me contento
Com a pobreza e a orfandade de onde vim,
Mas este dissabor frio e cruento
Me traz o anseio de chegar ao fim...

Pela revolta que o meu ser invade,
A amargura que eu sofro é merecida;
Mas, Senhor, não a aumentes tanto assim...

E, se isto não te ofende a santidade,
Apaga a frouxa luz da minha vida,
Pois tenho pressa de chegar ao fim...

Clamor universal

Esse clamor que se ouve em todos os lugares,
Aos governos erguendo ameaças e protestos,
Vem de peitos, talvez de párias invulgares,
Ou de quem a injustiça alucinou os gestos...

Os que trazem nas mãos, disfarçados e prestos,
Os golpes com que vão fechar bocas e lares,
Gargalham como Nero ante as cinzas e os restos
De edifícios de bens e crenças milenares...

Onde impera o poder econômico apenas,
As lições de Jesus, benditas e serenas,
Se chocam contra as leis da espada e do capuz...

Mas o exemplo do Mestre é o melhor atestado
Que o código do amor se impõe, transfigurado
No sangue remidor de um mártir na cruz.

Do Livro
RIOS NO ERMO

“Somos cem!”

Em Roma, lupanar dos Césares corruptos,
Ao contraste infeliz de orgias e de lutos,
Um louco imperador, já bêbado do sangue
De tanta execução de um povo pobre e exangue,
Quis mais, pois exigiu que a si, todo cristão,
Em público, ofertasse, incenso e adoração.

Por isso fez erguer, em meio à velha praça,
De si mesmo uma estátua, em gesto de ameaça.
Mesmo tendo razão para a revolta, o povo
evitava falar desse decreto novo,
Pois a crítica dele ou simples comentário
De tal caso seria um juízo temerário...

Mas, no dia marcado e na hora aprazada,
Estava a multidão mudamente postada

Na grande e velha praça, aguardando o início
Da cerimônia vil desse pagão ofício.

A espera foi bem longa e foi grande o cansaço,
Porém, de seu lugar, ninguém movia um passo.

A ordem veio, afinal. A multidão, em fila,
Começou a mover-se insegura e intranqüila;
Cada qual, ao chegar diante do ídolo imenso,
Curvava-se, submisso, e, então, queimava incenso...

O comando da escolta, ativo e ameaçador,
Fiscalizava tudo e a todos com rigor.
Ninguém dizia nada; até que, a certa altura
Daquela cena hostil, uma hercúlea figura
De jovem recusou curvar-se à estátua erguida,
Dizendo à autoridade: — É-me preciosa a vida;
Mas prefiro perdê-la a cometer traição!
Somente a Deus adoro e atendo: eu sou cristão!

Ante aquela atitude, o comando da escolta
Em suspense ficou; para o moço se volta
E lhe fala severo: — O seu gesto impensado
Há de à morte o levar, sob o lago gelado!...

A turba, amedrontada, escutou, sem protesto,
A sentença ditada ao jovem, por seu gesto...
Entanto, quando tudo acreditar fazia
Que outros iam ceder à ação da covardia,
Muitos, que até ali em silêncio ficaram,
A mesma negativa, altivos, proclamaram:
— Não! Não somos tão vis, temos limpas as mãos;
Só cultuamos um, que é Deus! Somos cristãos!

E esses, como os demais, que dessa forma agiam,
Em número e valor se elevavam, cresciam,
Até que, ao desfilar do último refém,
A soma dos fiéis totalizava cem.

Mas antes de cumprir a sentença, por norma,
O comando da escolta os colocou em forma,
E apelou a cada um que da fé apostatasse,
E a clemência da lei, desse modo, alcançasse.

Porém, todos de pé, em firme posição,
Unânimes, febris, lhe responderam: — Não!
Não negaremos nunca o Salvador e Mestre,
Qualquer que seja a pena ou punição terrestre.
Poderão nos matar o corpo corruptível,
Mas nossa alma jamais! — que é eterna e intangível.
Face a tal decisão leal e destemida,
A sentença de morte iria ser cumprida.

O comando da escolta os fez logo marchar
Para o lago gelado.

Era tarde; o luar,
Balsâmico e suave, ungiendo os condenados,
Esboçava no céu um quadro original:
Uma cruz sepultando um fardo de cuidados,
E, nos braços da cruz, o facho de um fanal...

Aquele quadro lindo, a refletir-lhes n'alma
Uma coragem santa e uma celeste calma,
Inspirou-lhes, na marcha, o cântico de um hino
Que consagrava a Deus seu heróico destino:

*"Somos cem a morrer por Cristo!
Somos cem a morrer por Cristo!
Mas no céu nós o veremos
E com anjos cantaremos:
— Vale a pena morrer por Cristo!"*

A praia era deserta; o frio era cortante;
Do lago, a superfície era vasta e brilhante;
Porém um sorvedouro havia a cada passo,
Disfarçado e fatal.

Mas, nem fome ou cansaço
Abatia o moral daquela gente forte,

Que, a sorrir e a cantar, enfrentaria a morte
Nas águas glaciais...

O comando da escolta
Olhava-os com respeito.

Entanto, um deles volta,
Causando à autoridade imensa decepção,
Pois via em cada qual um bravo em ascensão.

Ele era moço ainda, e mostrava em seu rosto
A palidez do medo, as marcas do desgosto...
É que na hora final sentiu a alma abatida
Ao choque emocional de desistir da vida:
— Por quê? Por que morrer quando, em festa, a cidade
Era doce convite à sua mocidade?!...

Por que sacrificar-se anônimo, sem glória,
Se poderia obter, de outro modo, a vitória?...
Preservando a existência, ele não deixaria
De manter-se cristão; apenas tomaria
Cautela no falar, cuidado na conversa,
Para evitar o mal dessa gente perversa.
Quem sabe se melhor pregaria o evangelho
Num estranho lugar, quando fosse mais velho?...
Mas... e o seu voto a Deus junto aos seus companheiros?
Que pensariam dele?...

E, com passos ligeiros,
Sem olhar para trás, à deserção se entrega...

Quando o grupo notou a fuga do colega,
Em vez de se deixar vencer pela tristeza,
Ergueu mais alto o olhar, marchou com mais destreza,
E todos, a uma voz, cheios de inspiração,
Foram cantando assim sua heróica canção:

*"Somos firmes noventa e nove,
A seguir a morrer por Cristo!
Mas no céu nós o veremos
E com os anjos cantaremos:
— Vale a pena morrer por Cristo!"*

O comando da escolta olhou emocionado
A dramática cena. Ele via, de um lado,
O medo, a retirada, o louco apego à vida,
Em detrimento até da atitude assumida...
E, do outro, ele notava a firmeza, a bravura,
A excelência da fé na existência futura,
A esperança num Deus que o mortal persuade
A confiar na promessa azul da eternidade...

E assim, profundamente abalado e convicto
Da sua própria culpa e do amor infinito
De um Ser eterno e justo, e, maldizendo a dor
Que àqueles bons heróis causara um desertor,
A espada, o escudo e a farda à distância lançou;
Correu a unir-se ao grupo; e, impávido, exclamou:
— Amigos, eis-me aqui! Deixai a vós unir-me!
Por favor permiti que eu vá convosco, firme!
Agora eu creio em Cristo! Eu sou cristão também!
Somos de novo cem! Somos de novo cem!...

E nas águas glaciais, sob as bênçãos do luar,
Vão todos submergindo, a cantar, a cantar:

*"Somos cem a morrer por Cristo!
Somos cem a morrer por Cristo!
Mas no céu nós o veremos
E com os anjos cantaremos:
— Vale a pena morrer por Cristo!"*

E o sino não tocou... /

Cromwell — o Ditador — dominava a Inglaterra.
Às lutas sempre afeito e acostumado à guerra,
Seu coração possuía a têmpera de um aço
E a dureza da pedra... O pobre ou o rico
Nivelavam-se ao seu imparcial julgamento.
Havia nele, entanto, um ou outro momento
Em que perdia a calma. Então era um perigo,
Se houvesse de aplicar a pena de um castigo...

Foi num instante assim, que ele, notando a falta
De um jovem militar, se enfurece e se exalta
E, sem querer ouvir qualquer explicação,
Condena-o, incontinenti, à extrema punição.

Ninguém o fez mudar da decisão tomada,
Nem mesmo do soldado a jovem namorada,

Que explica, chora, apela e suplica piedade
Para o seu pobre noivo... É em vão, que a austeridade
De Cromwell não se abala... Era sua virtude
Jamais voltar atrás de uma firme atitude...

Daquela execução marcou-se o mês e o dia,
Porquanto a hora fatal toda a gente sabia:
Era quando, ao cair da tarde, o velho sino
Da velha catedral — grave como o destino —
Marcava em tristes sons de longas badaladas
O ângelus saudoso... ✧

Esperanças fanadas
Começavam a enlutar a alma daquela jovem,
Cujas súplicas e ais os corações comovem;
Porém que, como os seus, em nada lhe valiam,
Que nem um só favor seus rogos conseguiam.
É que os homens da corte e os juízes, ninguém
Se atrevia a enfrentar o Ditador...

Pois bem,
Vendo tudo perdido, a jovem destemida
Tenta um plano final para salvar a vida
Do noivo condenado. Oferece ao sineiro
Tudo o que possuía em jóias e dinheiro;
Mas o velho, fiel à sua profissão,
Deu-lhe as costas, dizendo asperamente: — Não!
No dia e na hora certa o sino há de planger!
Seja para que for, cumprirei meu dever!

Chega o dia, afinal, A tarde declinava.
O pelotão da morte, em forma, se postava
Em frente ao condenado, à espera do sinal
Do sino a badalar, na velha catedral.

Para todos, ali — testemunhas legais
Da justiça em função — os minutos finais
Pareciam sem fim...

Mas o sinal não vinha.

O próprio Ditador, presente, mal continha
A fúria, por notar que o sino não tocava...

O comando da tropa, a postos, esperava...
E o sino não tocou...

— Que acontecera?... Então,
Cromwell, surpreso, exige urgente explicação.

Enquanto isso ocorria, além, na catedral,
Quando o velho sineiro ia dar o sinal,
Puxando a corda ao sino, a jovem que subira
As escadas da torre, ao badalo se atira,
Agarra-se com ele; e seu corpo franzino
Abafou todo o som das paredes do sino.

Para lá, para cá, o bronze se movia,
Mas de sua intenção ela não desistia:
Disso dependeria a salvação do amado...
Por isso resistiu.

Sem nada ter notado,
Velho e surdo, o sineiro o serviço encerrou,
E, em seguida, em seu quarto humilde penetrou...

Tendo o corpo ferido e as mãos ensangüentadas,
Desceu a jovem noiva as escuras escadas,
E foi, a se arrastar, com grande sacrifício,
Ao lugar usual para qualquer suplício,
E onde, deixou de haver, por sua nobre ação,
Do soldado, a esperada e horrenda execução...

Lá, encontrou, ainda, a escolta, o condenado,
Os juízes à frente e o Ditador ao lado,
Mandando averiguar, de tudo aquilo, a causa.

A jovem se aproxima... Houve silêncio e pausa...
Diante do Ditador se ajoelha, e lhe declara
O motivo por que o sino não tocara...

Mostra o corpo ferido e as pobres mãos em sangue;
E em lágrimas suplica, e pede, e apela exangue:
— Perdoai-o, senhor! Prometo que, a meu lado,
Ele há de obedecer às leis, como soldado,
E, como cidadão, correto há de viver,
Honrando o seu país, cumprindo o seu dever!
Poupei-o desta vez; e, em nome desse amor,
Perdoai-o, senhor! Perdoai-o, senhor! —
E o grande Ditador, vencido de emoção,
Aquela jovem noiva, ergueu-a pela mão.
Chama o soldado e diz-lhe: — Eis teu anjo da guarda!
A seu lado, honra a Deus, a Pátria e a tua farda!
E, apontando-os, declara aos seus oficiais:
— E o sino não tocou!... Deixai-os ir em paz!...

★

Assim, no alvorecer edênico do mundo,
O homem, faltoso e mau, foi também condenado
À extrema punição do seu erro profundo,
Na troca desigual do bem pelo pecado.

Mas, um dia, Jesus fez-se eterno vigário
Entre o homem e Deus, no convênio da paz;
E, por seu grande amor, suplica no Calvário:
— Perdoai-o, Senhor, pois não sabe o que faz!

A força da gratidão

Porto Alegre. A cidade, em gestos imprecisos,
Contrasta da existência injusta a dor e os risos...
Sob um céu cinza-escuro, o Parque Farroupilha
Do luxo ou da miséria, alheio, compartilha...

Turistas, marginais, mulheres e soldados
Cruzam-se, quase sempre, ali, despreocupados
Das ânsias de cada um, pois muitos vivem a esmo
No mundo de ilusões...

E esta vida é assim mesmo...

Deitado sobre um banco estreito do jardim,
Um garoto gemia...

Uma capa ruim,
Velha e suja, cobria o seu corpo franzino;
Mas ninguém se importava...

Ah! Destino!... Destino!...
Por que vive a miséria ao lado da opulência?...

São caprichos da sorte...

Afoga-se a consciência
Nos vapores do uísque, ou na emoção do jogo,
Talvez pra distrair o pensamento em fogo...

O que procura o bem no próximo, se engana;
Triste de quem recorre à caridade humana;
Confessar-se lealmente o erro é sempre em vão,
Pois tem como resposta o fel da humilhação...

Regressava, feliz, de um conclave altruísta,
A diretora e deã do Colégio Batista.
A noite estava fria, e o parque, desolado.
Dirigia-se ao carro ali estacionado,
Quando viu sobre um banco o menino doente;
Dele se aproximou e, interessadamente,
Procurou descobrir quem era e qual motivo
Tornara-o pobre e só...

— Era filho adotivo
De um velho carroceiro, a quem o vício houvera
Tornado em trapo humano a robustez de fera.
Sob o efeito do vinho, o pai feria-o, às vezes;
Por isso estava ali, fugindo aos seus reveses...
Não conhecera a mãe nem o pai verdadeiro,
Nem sabia dos dois a vida e o paradeiro...

Ouvindo-o, a diretora, amiga e delicada,
Do garoto infeliz e doente se apiada:
— Você quer vir comigo ao colégio? ela indaga.
Haverei de arranjar-lhe um serviço, e uma vaga
Em meu Curso Primário, e, após aula e remédio,
Você ajudará na limpeza do prédio...

Ele aceitou, sorrindo, a protetora mão
Que o levou no seu carro ao lar da educação
E fê-lo compreender como é nobre o labor
Que, em benefício próprio e alheio, é luz, vigor,
Que aclara o pensamento e o corpo fortalece,
Na seara do bem, para as bênçãos da messe...

E ali, nessa colheita, áurea e farta, ele achou,
Do evangelho do amor, a fé que o transformou,
Pois fez brotar-lhe n'alma a sublime noção
De ordem, de disciplina e eterna gratidão.

Certo dia, a cidade inteira foi colhida
De surpresa com a nova infausta e dolorida:
— "Deu-se um golpe de Estado, em trágico dissídio,
E o Chefe da Nação praticou suicídio!...
No desespero atroz da existência fugace,
Houvera provocado o fatal desenlace
Para evitar, talvez, uma maior desgraça..."

O comentário aumenta; e, com ele, a ameaça
De um terrível motim que, rápido, se expande,
Para vingar a afronta aos filhos do Rio Grande...
Era preciso agir...

E o povo, revoltado,
Querida, a qualquer preço, encontrar um culpado.

Saiu a depredar e a destruir centenas
De casas de comércio e indústria...
Tristes cenas
De vandalismo horrendo e bárbaro mostravam
Como a revolta e o mal a todos dominavam...

A turba alucinada avança ameaçadora;
Incêndios e agressões, na sanha arrasadora,
Ia deixando atrás...

Então, algum insano
Gritou: — Mais um, ali!... Colégio Americano!
São cúmplices também!... Quebra!... Quebra!...
Incendeia!...

E o ódio os insuflou contra a vontade alheia...

Nesse exato momento, o garoto que, um dia,
Naquele educandário encontrara a alegria,
O amparo maternal, o lar amigo, o ensino;

E apesar de estar só, de ser tão pequenino,
Percebendo a ameaça e o perigo iminente,
Salta as grades do prédio; e, já na rua, à frente
Da multidão em fúria, apela, pede, implora,
Reclama para si toda a atenção dessa hora;
De humilde, fez-se herói; de pequeno, um gigante;
E, de joelhos, suplica ao povo delirante:
— Não queimem esta casa! Ah! Não queimem, senhores!
Que mal fizemos nós? Não somos causadores
De nada que mereça essa injusta agressão!
Sim, por amor de Deus, não a destruam, não!
Eu vivia tão só, não tinha onde morar,
E aqui achei abrigo, amparo, estudo e lar!
Vão embora daqui! Não queimem meu colégio...

E erguendo o olhar aos céus, orou:
— Ó Deus, protege-o!
Não deixes que esta gente o quebre e queime! Sim!
Tem piedade de nós!... Tem piedade de mim!...

E aquela multidão que não temia nada,
Que enfrentara a Polícia e o Exército a pedrada,
Diante de uma criança humilde e angelical,
Hesita... pára... volta... e afasta-se, afinal...

Jugo suave

(Ao Professor Rubens Lopes)

Onze e meia da noite. A capital baiana
Vivia a agitação das férias do Bonfim,
Em que um misto de crença e fetichismo irmana,
Nos excessos da carne, o povo bom e ruim...

No excêntrico ritual que à tradição empresta
Bizarro colorido, o povo emocional,
Ao som dos tamborins, vai transformando a festa
Desse seu padroeiro em quase um carnaval...

E o contraste chocante entre a miséria e o fausto
Destaca, em toda parte, os pobres e plebeus,
Que, em frente ao mesmo altar e no mesmo holocausto,
Mancham de idolatria a pureza de Deus.

Onze e meia da noite. Um moleque da rua,
Que a blusa em trapos mostra a costa suja e nua,
Do portão de um quartel devagar se aproxima,
Olhando para o lado, olhando para cima,
E aponta para um canto estreito da calçada
Para pedir, talvez, a esmola de uma estada,
Sob a longa marquise, abrigada da chuva...
O guarda, de fuzil, de capacete e luva,
Cujo grave semblante encarar ninguém ousa,
Olhou-o com desdém, lhe disse qualquer coisa
— Quem sabe? — uma ameaça... E ele, que não dormia
Em calma há tanto tempo, aos poucos se desvia;
O peso da desdita em lágrimas arrasta,
E segue a resmungar, desanimado: “Basta!
Não precisa falar mais nada, nada!... Eu vou
Atrás de um céu com que o sonho me acenou...”

E, querendo fugir da incômoda presença,
Os passos apressou, correu na noite imensa,
Desrespeitando a Deus, desafiando a morte,
Livre, livre, sem jugo, a gargalhar da sorte...

— Corre livre, garoto, a noite te pertence!
Pertencem-te os jardins e as distâncias das ruas!
É teu o doce luar que o teu cansaço vence,
E as estrelas do céu, ó marginal, são tuas!

Não! Tu não tens ninguém que te vigie os passos
Nem limite as ações, os gestos e os espaços;
Porém, se não te molha o suor do bom trabalho,
Não tens quem te abençoe no instante do agasalho!

Pobre filho da rua, ah! pudesses cantar,
Sob o jugo materno, ao regaço de um lar:

*“De teu cuidado terno
Me cerca, ó Salvador,*

*Porque se tu ao longe estás,
Eu fico sem vigor;
Ao pé de mim preciso,
Meu Deus, meu Pai, te ver
E tua forte mão sentir
A minha mão suster.”*

Mas, nesse mesmo instante, em São Paulo ou no Rio,
Num leito acolchoado, em quarto luzidio,
Outro menino está dormindo sossegado,
Talvez da mesma idade: é forte, é bem cuidado...
Se acorda e chama alguém, um braço terno e amigo
O atende, o acarícia e previne o perigo;
Se geme ou se reclama uma indisposição,
Um anjo de mulher dá-lhe toda atenção;
E, no dia seguinte, ao levantar-se cedo,
Sem angústia, nem dor, nem complexo ou medo,
Alimenta-se bem, prepara o seu dever,
Vai à escola estudar; e, às horas de lazer,
Diverte-se, sorri e canta alegremente;
Ou se interessa até pela angústia da gente...
E, quando volta ao lar pelo mesmo caminho,
Encontra paz, amparo, auxílio, amor, carinho.

Mas, vivendo sadio e alegre assim, contudo,
Limitam-lhe o seu mundo: a casa, a crença, o estudo.
Não lhe pertencem a noite e as ruas da cidade
Nem, à luz do luar, tem ampla liberdade;
Não anda à noite, ao léu, para escutar estrelas,
Nem galga os morros, só, notívago, pra vê-las...

Esse menino alegre e bom tem, entretanto,
Jungindo-lhe as ações da vida, um freio santo.
Ele não pode dar expansão sem limites
A toda inclinação e a todos os convites...
Tudo é lícito, sim, mas nem tudo convém,
Pois o mal se inicia onde termina o bem.

Mas, ó filho feliz de pais crentes em Deus,
Não és dono da noite e os dias não são teus;
Não podes dar vazão a todos os desejos
Nem os lábios unir perpetuamente em beijos...

A vida só nos é fecunda e tutelar
Quando pro bem alheio a podemos gastar.
Prosegue, ó pequenino, em teu simples labor,
Que em ti há de fulgir, grandioso, o sol do amor!
E, quando, no porvir, tu te fizeres homem,
Em meio aos vendavais de dor que nos consomem,
Tu hás de bendizer o jugo que tiveste,
Porque te garantiu a ventura celeste
E te deu a noção perfeita desta vida,
Que se põe ao dispor total da alma perdida,
Para pregar-lhe a fé e a graça de Jesus
Que faz do nada um mundo e faz das trevas luz!

★

Ó meu Senhor e Deus, Criador dos céus e terra,
Em que a verdade brilha e a justiça se encerra,
Não permitas jamais, aqui, que os nossos filhos
Tenham livres, sem ti, a noite, o dia e os trilhos
Desta existência má!... Que cada um deles tome,
Por amor da alma humana e em louvor do teu nome,
O teu fardo que é leve, a cruz da tua paz
E o alívio que provém do jugo que nos dás!
Que eles possam, Senhor, tua glória exaltar
E o evangelho do bem dessa forma cantar:

*"Tu és o meu amparo,
Meu guia e protetor.
A graça, a paz reside em ti,
E em ti reside o amor.
No auge da ventura
Ou das tribulações,
Teu santo nome bendirei,
Ó luz dos corações!"*

A resposta sábia

(Adaptação em versos de uma antiga ilustração árabe)

Num recanto do vale áureo do Nilo,
Vivia um velho monge,
Cujos conselhos, prédicas e ensinamentos
Atraíam diversos peregrinos
De longe, muito longe,
Só para vê-lo e ouvi-lo.

Certo dia, ao raiar da madrugada,
Vindo de estranha solidão terrestre,
Bate à porta da mísera morada
Do famoso ermitão
Um forasteiro, de alma atribulada,
Que, cheio de respeito e admiração,
Suplica interessado, humilde e crente:
— Meu irmão e meu mestre,

Neste mundo de dores e ilusões,
Que deverei fazer, sinceramente,
Para vencer o mal das tentações?

O monge olhou o jovem ternamente
E disse: — Antes, eu quero lhe pedir
Um favor, meu amigo; ajude-me, hoje,
No trabalho do campo; o tempo foge...
E, amanhã, quando o sol no céu surgir,
O que me pede para lhe ensinar,
Pela graça de Deus, hei de explicar...
E, nesse ajuste amigo e resoluto,
Entregaram-se ambos, com vigor,

 À faina gloriosa
De cultivar a terra dadivosa,
Para a semente transformar em fruto,
E o fruto, novamente, em grão e flor...

 No exaustivo trabalho,
No bendito mister da plantação,
Cavando, aqui, e, ali, podando um galho,
Cantava o monge; e o místico noviço
O acompanhava com satisfação.

Ao meio-dia e em meio do serviço,
Foram sentar-se à sombra de um carvalho,
 Ao lado de uma fonte
De águas frescas, correndo entre cascalhos...

 Fizeram a refeição
Simples, frugal, mas de gostoso aroma;
E, após a sesta, cada qual retoma
 A sua ocupação.

E, quando o sol sumiu-se no horizonte,
Voltaram para casa... Que deleite!...
À mesa, à luz da lâmpada de azeite,
 Com as consciências puras,
Cearam, estudaram as Escrituras
E, repletos de fé e devoção,
Prostraram-se em gratíssima oração.

Em seguida, saíram pela aldeia,
Dando aos pobres, com o mesmo pão da ceia,
 As bênçãos paternais;
E, tendo um céu aberto dentro da alma,
Na bela noite abençoada e calma,
 Foram dormir em paz.

Mas, na manhã seguinte, rósea e linda,
Ao despedir seu hóspede de longe,
 O velho e sábio monge
Pergunta ao forasteiro: — Meu irmão,
 Quer aprender ainda
Como pode vencer a tentação?

Ele, porém, se inclina, pouça os lábios
 Na frente do ancião,
E diz-lhe: — Mestre, os seus exemplos sábios
 Já me deram a lição,
Pois aprendi, em sua companhia,
Que, pra vencer o mal de cada dia,
Basta-nos só TRABALHO E ORAÇÃO!

O jogador

Ele era um jogador inveterado,
Vencido, dominado
Pelo pior dos vícios...

Muitas vezes,
Ele tentou fugir ao seu fascínio,
Às suas loucas atrações soezes,
Porém foi sempre em vão,
Que ao mesmo retornava, mais submisso
À voragem da mágica paixão...

O jogo é vício e crime. Assim define-o
Um pensador anônimo. Por isso,
Quem por ele se deixa dominar
Vive um drama cruel de consciência,
De furtar-se ao dever e ao compromisso
De pelo bem e pelo amor lidar.

Mas, numa dessas fugas à inclemência
De seu dominador,
Ele encontrou numa mulher modesta
O conforto de um coração em festa
E o refúgio do amor.
E sob juras de felicidade,
Até que a morte os viesse separar.
E em meio a mil promessas de virtude,
Ele — feliz, e ela — radiante, os dois,
Em serena e romântica atitude,
Arquitetando um mundo de bondade,
Casaram-se depois.

Da sagrada união, nasceu um filho,
Que veio, dessa forma, premiar
O esforço social de serem úteis,
Na glória humilde do pequeno lar...

Essa ventura, entanto, durou pouco,
Pois, voltando à metrópole, outra vez
O pano verde e as fichas coloridas
Levaram-no ao delírio e, como louco,
Lançou-se ao jogo livre e, ali, sofreu
O maior e o mais trágico revés,
Porquanto tudo o que ainda possuía,
Naquela noite lúgubre perdeu.

Voltou a casa, triste e desolado.
Altas horas da noite...
O remorso profundo o angustiava
E a vergonha o feria como açoite.
Abriu a porta devagar... entrou...
A luz da alcova estava acesa... e, ao lado
Do berço do filhinho que dormia,
Velando, a boa esposa ele encontrou,
Que calma e ternamente,
Qual fora um anjo ou fada, perguntou:
— És tu, querido? És tu? Tardaste tanto!...

Passiva e humildemente,
Ele esperou, ferina, a acusação,
Que bem o merecia; no entretanto,
Olhando-o com ternura e devoção,
A esposa acrescentou: — Que coisa horrível!
Eu tive uma madorna; e, então, sonhei
Que, na paixão do jogo que te inflama
(Quase que não te conto),
Tinhas perdido tudo, tudo, ao ponto
De, para nós e para o nosso filho,
Nem nos restar a cama.

E ele, lívido, assim, de olhar sem brilho,
Pendendo a fronte em lágrimas, pergunta:
— E se fosse verdade?
— Ah! se fosse verdade?!... (Ela repete,
Sentindo ali tanta desgraça junta;
E logo respondeu):
— Uma mulher que faz de Deus seu lema
Sempre encontra algo digno na vida
Com que criar o seu filhinho; assim,
Para manter nossa felicidade,
Mesmo nas cinzas da pobreza extrema,
Pode, querido, confiar em mim!

Havia tanta fé e lealdade
Na atitude daquela esposa amiga,
Que aquele jogador, arrependido,
Propósito diverso na alma abriga;
E, caindo de joelhos, decidido,
À esposa e a Deus promete
Que jamais os seus pés, seja onde for,
As portas de um cassino hão de transpor...

E, assim, transfigurado
Pelo amor da mulher que o perdoou,
À comunhão dos salvos restaurado,
Aquele esposo nunca mais jogou.

★

Ah! mulheres cristãs, esposas crentes,
Aprendeí a lição do sacrifício
 Que se faz por amor;
E, pelo bem dos cônjuges descrentes,
Sob o jugo de taras ou de vícios,
Tende a mesma atitude de valor:
Superai vossa própria conveniência,
 Sublimai o perdão,
Pois sentireis a paz na consciência;
E as bênçãos da piedade e da clemência
A vossa vida glorificarão!

Não te arrependerás!

De haver a tua língua refreado
Para não proferires coisas más
Ou cometeres faltas e pecados
— Não te arrependerás!

De haver formado de outros bom conceito
Ou de não ir da inveja e orgulho atrás;
De lutar pelo império do direito
— Não te arrependerás!

De haver cumprido bem promessas boas
Ou ter sofrido tudo sem jamais
Lançar a culpa disso a outras pessoas
— Não te arrependerás!

De haver sempre ajudado os oprimidos
Ou ter reabilitado um incapaz;

De encorajar quaisquer desiludidos
— Não te arreponderás!

De ter, hoje, amparado o triste e os pobres
E assegurado a muitos luz e paz
Ou de ter dado a alguém conselhos nobres
— Não te arreponderás!

De haver pesado as frases que disseste
Ou recusado ouvir coisas banais;
De haver buscado a inspiração celeste
— Não te arreponderás!

De haver, de injustos, suportado a ofensa
Ou, sem protesto, a crítica mendaz;
De ter a incréus levado a fé e a crença
— Não te arreponderás!

De ter levado a cruz de cada dia
E resistido à voz de Satanás;
De haver causado aos tristes alegria,
— Não te arreponderás!

Por isso, vive o ensino do evangelho.
Servindo à Pátria e a Deus, cada vez mais,
Que, em teu viver de infante, moço ou velho
— Não te arreponderás!

Resignação

Não me queixo de Deus, mas sim da vida
Que para mim tem sido tão madrasta,
Forçando-me a quebrar — iconoclasta! —
A imagem de minha ânsia incompreendida...

Para do bem a rútila subida,
Um pouco de carinho e amor me basta;
Mas, sem saber por que, de mim se afasta
A sombra da ventura inatingida...

E eu quisera tão pouco: um seio amigo
Que me acolhesse no infortúnio e viesse,
Com desvelo e fervor, seguir comigo,

Até o fim da peregrinação,
Pra dar-me o enlevo da primeira prece
E o conforto da última oração!

Insatisfação

O mundo se debate angustiado
Para encontrar a solução ideal
Dos problemas políticos do Estado,
Das questões do direito social.

Em setores quaisquer, de cada lado
Do trânsito da vida emocional,
O povo, irreverente e transviado,
Desrespeita os limites da moral...

Nisto existe algo errado e incompreendido
— Entrechoques da crença e do sentido —
A desviar o curso da razão.

E os que lutaram por um mundo novo
Vão cedendo aos delírios desse povo
Que, aos apelos do amor, respondem: Não!

Deixem-me só!

Deixem-me só! Quero ficar sozinho,
Que assim espero conversar com Deus
E sentir o calor do seu carinho,
Dulcificando os sofrimentos meus.

Há tanta incompreensão no meu caminho,
Tantas ingratidões e erros sandeus,
Que desta soledade me avizinho,
Para em silêncio conversar com Deus...

Como é confortador o seu convívio
Em que, para as angústias, acho alívio
E sinto a paz, na antevisão dos céus!

Deixem-me só! Da vida nada eu quero,
A não ser os momentos que inda espero
Ter em silêncio pra falar com Deus.

"Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dívida com alegria, trazendo consigo os seus mo-
lhos."

Uma coisa diferente vai-lhe acontecer, depois que ler este livro: o Cristo do 2.000 anos atrás vai renascer e tocar a sua vida, tornar a semear no seu coração uma pouquinho daquela ternura que fica bulindo na gente até nos tirar do sono do pecado.

Jesus, o Semeador Incansável. Jesus, o Bom Pastor. Que levanta os Bartimeus e se compadece das de difícil vida fácil. Jesus está aqui. Passando e salvando. Tão simples. Tão vivo. Primícias de sua seara!

